



SEGURANÇA

Em um ano, cresce 20% o número de pessoas desaparecidas na PB

Isolamento e problemas de saúde colocam os idosos entre as vítimas mais vulneráveis. **Página 7**



Foto: João Pedrosa

Vidas aceleradas pedem relacionamentos leves

Em meio ao acúmulo de responsabilidades da vida adulta, amizades de baixa manutenção estão virando tendência.

Página 8

Estádios Almeidão e Amigão celebram 50 anos de atividades e casos curiosos

Um deles ocorreu na inauguração em JP, quando explodiram uma bomba próximo aos vestiários, provocando tumulto.

Página 21

Pessoas com deficiência são 9,3% da população paraibana

Rede de serviços oferecida pelo Governo do Estado assegura ao público PcD acesso a direitos e qualidade de vida.

Página 3

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo



Tirinhas de chargista fizeram história

Nos anos 70, o jornalista Henrique Magalhães levou o humor e o espírito de protesto da personagem Maria para as páginas de *A União*.

Páginas 14 e 15



Foto: Evandro Pereira

Geneticamente modificados e ainda temidos

Alimentos transgênicos garantem ao setor agrícola mais produtividade e eficiência, mas especialistas não descartam prejuízos à saúde e consumidores admitem desconfiança.

Página 6



Ilustração: Bruno Chiozzi

Legado de José Américo de Almeida se mantém vivo quatro décadas e meia após a sua morte

Além da contribuição política e das obras literárias — entre elas o clássico *A Bagaceira* —, paraibano deixou um rico acervo formado por livros e documentos históricos.

Página 9

■ “Divido os acontecimentos de minha vida, aqueles que me marcaram definitivamente e com os quais convivo na memória, no pensamento, na imaginação, em três categorias: os pessoais, os culturais e os históricos”.

Hilberito Barbosa Filho

Página 11



Editorial

O mundo em alerta

Não é só a temperatura do planeta Terra que está excessivamente alta, causando catástrofes e desconfortos físicos. O clima político internacional também está demasiadamente quente, no sentido negativo do adjetivo, notadamente após o início do segundo mandato do presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump. O dirigente republicano anda mexendo com barris de pólvora muito perto do fogo.

Ao acenar para o presidente da Rússia, Vladimir Putin, com promessas de aliança e de pôr fim à guerra entre russos e ucranianos, Trump acendeu o alerta vermelho na União Europeia, cujos principais líderes, a exemplo do presidente da França, Emmanuel Macron, e do chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, defendem sem reservas investimentos urgentes e vultosos nos sistemas de ataque e defesa do Velho Continente.

Macron deu um largo passo adiante e já sinalizou com a possibilidade de colocar o arsenal nuclear francês à disposição de toda a Europa. Desse modo, estaria criada uma espécie de guarda-chuva bélico capaz de proteger as nações europeias aliadas, fortalecendo a região, no sentido de transformar em pesadelos eventuais sonhos expansionistas de Putin, acentuadamente após o flerte do presidente estadunidense.

Essa corrida armamentista preocupa sobremaneira o mundo. No momento em que as nações carecem de convergência de propósitos, com vistas a encontrar soluções urgentes para os graves problemas socioambientais ocasionados pelas desigualdades e pelo aquecimento global, a discórdia potencializa-se, expandindo a possibilidade de surgirem novos conflitos armados, desta feita envolvendo nações com arsenais nucleares.

Se a guerra comercial deflagrada pelos Estados Unidos da América inaugurou perspectivas reais de confrontos militares entre poderosas nações — incluindo, neste pacote, a possante China do presidente Xi Jinping —, a confirmação de uma aliança, de fato e de direito, entre Trump e Putin, pode acender, não os estopins dos velhos barris de pólvora, mas detonar os modernos e imprevisíveis processos de reação nuclear via fissão de átomos.

Governos, lideranças religiosas, sociedade civil organizada e o empresariado responsável, por exemplo, devem se unir em uma grande frente internacional em defesa da paz. O mundo corre sério perigo. A natureza — da qual a espécie humana é apenas uma parte do todo — será terra arrasada, caso haja conflagração envolvendo as nações mais bem armadas do globo. A paz é o único caminho para uma vida próspera e sustentável.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O fascismo digital

Ingressamos na era do fascismo digital. As *big techs* têm cumprido bem o propósito de substituir a informação pela desinformação, transformando as redes sociais nos grandes instrumentos de propaganda de uma ideologia neofascista. Atuam, com competência, como formadoras de mentalidades obscurantistas, incentivando pulsões violentas alimentadas pelo discurso de ódio e intolerância. A internet cria conexões rápidas entre grupos que praticam e estimulam atos de terrorismo e ataques antidemocráticos.

Em consequência, os discursos populistas e autoritários passam a ser externos não só por lideranças políticas, mas também por cidadãos comuns. Em vez de as tecnologias digitais se colocarem como ferramentas para a promoção da democracia, assumem comportamentos fascistas através dos meios de comunicação e das plataformas sociais. A extrema direita se aproveita dessas habilidades no campo das redes digitais para montar estratégias de expansão, fugindo do debate racional com base em fatos verdadeiros, dando maior importância aos valores reacionários.

Esse exército digital se especializa na produção de vídeos com conteúdos de interesse político e ideológico, financiados por empresários bilionários, especialmente os instalados no Vale do Silício, nos Estados Unidos. O fascismo, então, tornou-se digital, disseminando mensagens sob orientação da direita norte-americana, nas quais atacam direitos e garantias individuais e coletivas, demonstrando total desrespeito à justiça social, à ciência e à razão crítica. Investem trilhões de dólares para congregarem bilhões de usuários, sob o argumento de que as redes sociais são territórios livres para expressar opiniões sem qualquer limite ético. Para o fascismo digital, a verdade não tem a menor importância. Aliás, a manipulação é uma característica marcante do fascismo histórico.

Outra retórica bastante utilizada pela extrema direita, por meio das redes sociais, é o discurso do medo, descontextualizando fatos para alcançar pessoas ou grupos da sociedade e colocá-los como alvos de perigos iminentes. Assim, impõem soluções autoritárias diante da ideia propagada de uma sociedade ameaçada. Utilizam a liberdade de expressão

para difundir mensagens de intolerância, minando a própria democracia ao mobilizar pessoas para ações violentas instigadas por suas ideias políticas eivadas de incoerência e irracionalidade, como ocorreu nas invasões do Capitólio, nos Estados Unidos, e das sedes dos três poderes, em Brasília.

No Brasil, a extrema direita neofascista saiu do armário, adotando uma agenda conservadora e ultraliberal, além de promover uma “guerra cultural”. Essa nova direita brasileira tem Olavo de Carvalho como sua principal referência ideológica, centralizada na figura política do ex-presidente da República. Contudo, com a recente fragilização de Bolsonaro, vai ficando claro que a extrema direita brasileira vai além e está acima do bolsonarismo. Não podemos ignorar que esse fenômeno contemporâneo representa uma grave ameaça às instituições democráticas. Precisamos dizer “não” ao fascismo digital.

O fascismo digital é um desafio global, mas no Brasil ele tem se manifestado de forma intensa, influenciando eleições, políticas públicas e o próprio tecido social. Enfrentá-lo exige um esforço conjunto da sociedade civil, do Poder Público e das empresas de tecnologia. É preciso que se faça um monitoramento e responsabilização das milícias digitais com punições para as práticas criminosas na internet.

“

Em vez de as tecnologias digitais se colocarem como ferramentas para a promoção da democracia, assumem comportamentos fascistas

Rui Leitão

Foto Legenda

Julio Cezar Peres



Queimando as calorias em excesso

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

De memória curta

Sofro de memória curta para certas coisas. Inclusive, para livros inteiros, muitos deles desbravados na hora, de forma ardente, e, mais à frente, esquecidos, ainda que me deixem algum rescaldo de nebulosa procedência. Quantas achegas às lições da vida são colhidas remota ou presentemente de alguma leitura!

Falo nisto com uma velha crônica de Martinho Moreira Franco fazendo menção ao meu pegadio com livros. Dependência que não está longe do modo como vivi a primeira infância, filho único numa casa de sítio, à distância de outras casas com crianças, medroso de lobisomens, de cachorro doente, do bote do guaxinim, de cobra coral que era a que mais deslizava sutilmente por entre as ervas rasteiras dos cantos de parede. Medo do doído Olegário, que amanhecia rodeando os altos com seu grito rouco de fonemas que não chegavam a palavra nenhuma! “Teboleiro, castifeiro” ainda ouço hoje, no mesmo tom de voz que o vento trazia.

Resumia-me numa convivência de silêncios apenas cortado pelas falas da cozinha, pelo zunido das abelhas em seu trânsito das flores para os cortiços do alpendre aberto aos raios amornados da manhã.

“Luiz!” era de vez em quando, o chamado lá de dentro a saber onde eu estava, o que estava fazendo. Já lendo sozinho, é nos poucos livros de casa que começo a achar companhias. O próprio livro adotado me atrelava a um casal de crianças que rumava de trem das terras do cacau para as do café com leite, deixando-me atrapalhado em Pindamonhangaba. Aí demorei soletando, perdendo os dois de vista.

E fiquei nessa dependência, remoendo o despreparo físico para o esporte, o vôlei do tempo de ginásio, o futebol a mim reduzido ao time de botão, uma seleção em que entravam desde craques do Treze aos do Vasco.

Como podia ver o meu compadre daqui de Jaguaribe, não me peguei com o livro por opção, mas como alternativa para não ficar falando sozinho. Some-se a isso o internato, no antigo Pio XI do padre Odilon Pedrosa, com mais horas no salão de leitura, na sala de aula, na missa, no terço, do que nos intervalos das refeições e do recreio.

É uma dependência, para não dizer vício, mas com uma vantagem: os livros não mudam. Serenos ou arrebatados, venham de Ma-

“

Resumia-me numa convivência de silêncios apenas cortado pelas falas da cozinha, pelo zunido das abelhas em seu trânsito das flores para os cortiços

Gonzaga Rodrigues

chado ou de Zé Lins, de Carlos Romero ou de Hildeberto, serão sempre os mesmos e sempre mais acrescidos quando voltamos a eles.

Mas a memória não me ajuda muito, salvo em leituras que me ferraram a sensibilidade ou se juntaram vívidos à minha experiência, ao meu espírito, à consciência social.

Por mais que estudasse a meu modo o fazer literário ou me detivesse no emprego da palavra esculpida como as da poesia de Augusto ou expressões extraordinariamente precisas a dispensar sinônimos como as de Graciliano, obcecado por esses ganhos, muita coisa se despregou da memória.

Agora mesmo, coisa de uma semana atrás, dei com uma antologia do conto norte-americano lida há 20 ou 30 anos. Passei as folhas tendo como bem lembrado e vivo apenas um conto do velho Steinbeck, *O pônei alazão*. Dos demais, inclusive Poe, Henry James ou o mais jovem deles, Saroyan, todos com expressões ou frases inteiras frisadas na primeira leitura ressurgiam inteiramente apagados de minha memória. Contos como o que reli agora de Henry James, tradução de Vinicius de Moraes. Li aqui e ali fugindo à narração, vendo-me a escrevê-lo: como se tornou difícil, im-possí-vel!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

INCLUSÃO

Órgãos prestam assistência gratuita a PcD na Paraíba

Dados do IBGE mostram que 367 mil pessoas têm alguma deficiência no estado

João Pedro Ramalho
 joaoprimalhom@gmail.com

Para que servem as políticas públicas? De acordo com o professor Enrique Saravia, referência na área de Direito, elas consistem em “um sistema de decisões públicas destinadas a manter ou modificar a realidade de um ou vários setores da vida social”, com a finalidade de alcançar, entre outros objetivos, a justiça e a felicidade dos cidadãos. No Brasil, um dos grupos que mais necessita dessa intervenção é o das pessoas com deficiência (PcD), que corresponde a 8,9% dos moradores do país (ou cerca de 18,6 milhões de pessoas), de acordo com a edição 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já na Paraíba, a proporção de PcD chega a 9,3% dos habitantes (ou 367 mil pessoas), os quais são alvo de políticas do Governo do Estado, em áreas como Saúde e Educação.

Um dos órgãos estaduais voltados para as PcD é a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad), em João Pessoa, que contempla 3,5 mil usuários semanais, oriundos de diversos municípios paraibanos. Por ser um dos Centros Especializados em Reabilitação (CER) da Paraíba, seus serviços abarcam um leque amplo de deficiências, como explica a presidente da instituição, Simone Jordão. “Nós atendemos, na área de reabilitação, pessoas com deficiência física, visual, auditiva e intelectual, bem como autistas, em todas as faixas etárias. Isso vai desde a estimulação precoce daquele bebê que nasce com algum atraso no desenvolvimento até adultos que apresentam, por exemplo, algum tipo de seqüela neurológica que precisa de reabilitação”, aponta.

Além da Funad, que é referência para os municípios da 1ª macrorregião de Saúde da Paraíba, no Litoral e na Zona da Mata, há um segundo centro de reabilitação de gestão estadual, o CER IV de Sousa, dedicado aos moradores do Sertão e do Alto Sertão. Em ambos, os usuários são atendidos por equipes multiprofissionais, compostas por fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais e médicos especialistas, como neurologistas e pediatras. “Oferecemos os serviços de diagnóstico, fisioterapia respiratória e neurofuncional, hidroterapia, estimulação neuropsicomotora precoce, *follow-up* do bebê de alto risco, fonoterapia, terapia ocupacional, orientação e apoio familiar, estimulação visual e sensorial, avaliação audiométrica e consulta médica especializada”, detalha o gerente operacional de Atenção à Pessoa com Deficiência da Secretaria de Estado da Saúde (SES), Hélio Soares da Silva.

As ações em saúde para as PcD incluem, ainda, a Oficina Ortopédica, já instituída na Funad e em processo de implantação em Sousa. A política oferta, de forma gratui-



Foto: Ortilio Antônio/Arquivo A União

Foto: Roberto Guedes

Localizada em João Pessoa, a Funad atende 3,5 mil usuários por semana e oferece diversos tipos de serviços, desde o diagnóstico até a reabilitação



A gente trabalha em diversas frentes para colaborar com a inclusão e a reabilitação das pessoas

Simone Jordão

ta, órteses, próteses, cadeiras de rodas e outros meios auxiliares de locomoção, além de realizar a adaptação e manutenção desses aparelhos. O Governo do Estado também garante às pessoas com deficiência auditiva a avaliação, o acompanhamento, a prescrição e a dispensação de próteses auditivas. Anualmente, a meta é a entrega de 800 unidades, tanto em João Pessoa como na cidade sertane-

ja. Por fim, vale mencionar o Núcleo de Apoio e Diagnóstico da Pessoa com Deficiência (NADPD), gerenciado pela Funad, que funciona no Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, em Campina Grande. “O Núcleo realiza diagnóstico e emissão de laudos, acesso a consultas para algumas especialidades e apoio no acompanhamento das pessoas com deficiência e com Transtorno do Espectro Autista”, esclarece Hélio.

Para ter acesso a consultas na Funad, seja para realizar a triagem, renovar o laudo médico ou remarcar uma consulta, os interessados devem fazer um agendamento prévio, por meio do *site* funad.ddns.net:82/agendar/. Após a criação de um *login* e senha para a plataforma, é possível baixar e preencher os formulários de requerimento e, enfim, anexá-los novamente ao portal on-line. A equipe da Funad, então, analisa os documentos e entra em contato com o paciente, por e-mail ou pelo próprio cadastro do usuário no *site*.

Capital paraibana possui centros especializados e multiprofissionais

A capital paraibana também conta com um Centro Especializado em Reabilitação, o CER II, administrado pela Secretaria de Saúde de João Pessoa. O local oferta atendimentos nas especialidades médicas de Proctologia e Cirurgia Geral, além de serviços de enfermagem para cadeirantes e ostomizados. Também conta com uma equipe multiprofissional, formada por psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais. “Para ser atendido, o usuário deve comparecer ao serviço com o encaminhamento para a assistência pretendida e os documentos necessários. O paciente, então,

será inserido no cronograma para os atendimentos, de acordo com a demanda”, explica o secretário de Saúde, Luis Ferreira. Para mais informações, é possível entrar em contato com os responsáveis por meio dos telefones 3213-7593 ou 99166-5341.

Outro serviço existente em João Pessoa é o Centro de Referência Municipal de Inclusão da Pessoa com Deficiência. A estrutura possui espaço adaptado, parque infantil, piscina e salas equipadas para terapias – e todo esse aparato pode ser acessado por crianças e adolescentes, desde que seus pais ou responsáveis apresentem os documentos pessoais, cartão do Sistema Único de Saúde

Suporte integrado

No campo educacional, um dos serviços de destaque da Funad é a Assessoria de Educação Especial (AEE), que dá apoio às escolas da rede pública estadual e atua na formação de professores e no apoio pedagógico a estudantes e familiares. A instituição possui ainda dois núcleos voltados para grupos específicos de deficiência: o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento à Pessoa com Surdez (CAS) e o Centro de Apoio Pedagógico à Pessoa com Deficiência Visual (CAP). “Temos também a Escola Estadual de Educação Especial Ana Paula Ribeiro Barbosa Lira, para alunos que não fizeram a escolarização até 15 anos, com turmas de EJA [Educação de Jovens e Adultos], além dos Núcleos de Vivência e Artes e de Educação Física e Desporto. Então, a gente trabalha em diversas frentes para colaborar com o processo de inclusão e reabilitação dessas pessoas”, complementa Simone.

UN Informe

DA REDAÇÃO

PRESIDENTE DO TCE-PB DESTACA CAPACIDADE DE DIÁLOGO DE HUGO MOTTA E CONCEDE MEDALHA

O deputado federal Hugo Motta, presidente da Câmara dos Deputados, será homenageado pelo Tribunal de Contas da Paraíba com a concessão da Medalha Cunha Pedrosa, a mais alta honraria da Corte, “em reconhecimento aos relevantes serviços prestados em favor do fortalecimento do TCE em sua missão institucional”. A decisão foi formalizada por meio de resolução administrativa, destacando a importância do trabalho do paraibano na valorização do controle externo das contas públicas. A proposta de resolução foi apresentada durante a sessão ordinária do Tribunal Pleno, na semana passada, pelo presidente do TCE, conselheiro Fábio Nogueira. Ele justificou a iniciativa ao destacar que o parlamentar demonstra “uma inegável capacidade de diálogo” e, recentemente, manifestou seu interesse em reunir-se com os presidentes dos tribunais de contas do país para discutir questões importantes e relevantes para o fortalecimento dos sistemas dos tribunais de contas. A medalha visa reconhecer iniciativas que promovem o prestígio da instituição e foi instituída em homenagem a Pedro da Cunha Pedrosa. Paraibano de Umbuzeiro, ele se destacou, nacionalmente, no Poder Judiciário e no Parlamento, onde exerceu mandatos de deputado e senador da República. Foi o primeiro paraibano a ocupar o cargo de ministro do Tribunal de Contas da União (1923–1931).



Foto: Marina Ramos/Agência Câmara

AGENTE JOVEM AMBIENTAL

Com o objetivo de engajar jovens paraibanos em iniciativas que promovam a preservação ambiental e a sustentabilidade, o projeto Agente Jovem Ambiental (AJA) será apresentado, amanhã, à imprensa, pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Sustentabilidade, em João Pessoa. O programa visa atender dois mil jovens do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ao longo de seis meses.

POLÍTICAS HOMENAGEADAS

A Câmara Municipal de Itapororoca vai homenagear as deputadas estaduais Danielle do Vale (Republicanos) e Camila Toscano (PSDB) na próxima terça-feira (11), em sessão especial para celebrar o Dia Internacional da Mulher, comemorado hoje. As duas parlamentares receberão o Diploma Mulher Cidadã, uma honraria pelos serviços prestados à Paraíba e, em especial, aos municípios das regiões do Vale do Mamanguape e do Brejo paraibano.

VOTO DE APLAUSO

O vereador Fábio Lopes (PL) apresentou, na Câmara Municipal de João Pessoa, voto de aplauso ao projeto de lei, em tramitação na Câmara dos Deputados, que dispõe sobre o cadastro de pedófilos e a castração química para estupro. “São diversas denúncias de estupro, fora os que não são denunciados. O que se está fazendo sobre isso? Essa castração química será voluntária, ou seja, nem será obrigatória”, defendeu.

ANISTIA EM DEBATE (1)

Fábio Lopes provocou discussão na Câmara de João Pessoa por cobrar “o devido processo legal” aos envolvidos nos atos do 8 de janeiro, ignorando que o trâmite obedece exatamente a esse princípio. “Não se pode deixar diversas pessoas presas porque o Governo Federal não consegue identificar os criminosos que realizaram a depredação em Brasília. Vivemos numa ditadura da toga”, disse, repetindo discurso corrente da direita.

ANISTIA EM DEBATE (2)

O vereador Marcos Henriques (PT), em aparte, disse que existem provas dos crimes nas redes sociais dos próprios manifestantes. Milanez Neto (MDB) completou: “Quando se fala no 8 de janeiro, precisamos lembrar que as injustiças estão no presídio do Roger. Vivemos em um país onde se prende pela cor, pela tatuagem, pelo brinco. Precisamos que os excessos deixem de existir em vários locais em nossa Justiça”.

ASSENTADOS PARTICIPAM DE DIA DE CAMPO SOBRE A ACEROLA

O assentamento Vazante, localizado em Tacima, município da região do Curimataú paraibano, foi palco, na semana passada, do Dia de Campo sobre a Acerola. Cerca de 80 pessoas participaram do evento, entre agricultores, técnicos agrícolas e representantes de entidades parceiras. O objetivo foi fortalecer a produção local com a troca de conhecimentos e de boas práticas sobre o cultivo da acerola.

Foto: João Pedrosa

Rosália Lucas

Secretária de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico

“O fortalecimento da nossa imagem para o Brasil torna a Paraíba um destino de desejo”

Infraestrutura e combinação entre setores público e privado são a chave para consolidar o estado como potência turística

Marcelo Lima
macerlolimanatal@yahoo.com

Embalar, dispor na prateleira e vender. Esse é o processo a que Rosália Borges Lucas tem dedicado a sua vida. Pós-graduada em Marketing, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a atual secretária estadual de Turismo e Desenvolvimento Econômico tem obsessão por distinguir os destinos da Paraíba — do interior à capital —, em mercados nacional e internacional, com produtos que disputam ferozmente a mesma clientela. E parece que tem dado certo. Paralelamente a esse trabalho, uma combinação de infraestrutura e convergência entre os setores público e privado ajuda a consolidar a Paraíba como uma experiência de desejo que, por consequência, impulsiona a autoestima da população. Reconhecendo os esforços de quem a precedeu, a campinense e ex-gestora d'O Maior São João do Mundo recebeu a equipe do *Jornal A União*, no prédio da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), e respondeu perguntas sobre interiorização, disputas e alianças regionais, efeitos colaterais da “indústria sem chaminé” e o momento dourado do turismo sob sua batuta.

Entrevista

■ *O governador sempre fala que a função do Estado é criar um ambiente de negócios favorável ao investimento privado. Na prática, quais ações materializam a criação dessa atmosfera favorável?*

Somos facilitadores. Temos que ter investidores que acreditem no nosso destino. Quando assumimos essa missão no Turismo, foi com o objetivo de integrar o *trade* turístico, as instituições, a academia, os órgãos que estão no guarda-chuva da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde), a PBTur, que é o braço de promoção; temos o Programa do Artesanato Paraibano, o PAP; o Centro de Convenções; a Secretaria Executiva do Empreendedorismo, com o programa Empreender; a Cinep [Companhia de Desenvolvimento da Paraíba]. Então, a integração das ações culmina em resultados.

■ *A infraestrutura também é um ponto importante para o desenvolvimento desse ambiente. Qual o retrato da infraestrutura à disposição do turismo de toda a população no estado?*

O turismo tem três eixos fundamentais: infraestrutura, qualificação e promoção. Ao longo dos anos, a Paraíba recebeu muitos investimentos na malha rodoviária, nos acessos a destinos turísticos, como Cabaceiras e Boa Vista, a rota dos engenhos do Brejo, a Pedra da Boca. Essa infraestrutura dá apoio a 26 experiências turísticas. Desde o Porto de Cabedelo aos aeroportos, que foram investimentos da concessionária Aena, e ao Centro de Convenções de Campina Grande. E ainda temos a Ponte do Futuro e o Polo Turístico [Cabo Branco].

■ *E como a atual gestão analisa a importância da promoção dos destinos?*

Aí vem o momento que a gente tem trabalhado fortemente nos últimos dois anos, que é a promoção. PBTur, Secom [Secretaria de Comunicação Institucional] e Setde. É a promoção que fortalece a entrada principal, a capital João Pessoa, que, naturalmente, tem a maior oferta de hotéis e de estrutura, mas tendo esse trabalho

forte de interiorização. Desde o voo de conexão com Patos, que foi conseguido por meio de incentivos fiscais do QAV [Querosene de Aviação], a Cajazeiras; ampliar voos para Campina Grande.

■ *Quais outras ações mostram que a gestão também investe na interiorização do turismo?*

Em janeiro, recebi [a informação] que um engenheiro do Brejo paraibano teve um crescimento de 70% de visitação em comparação com janeiro do ano passado. Turistas que estavam no Litoral, na alta estação do verão, contrataram um receptivo e foram visitar os engenhos do Brejo. O mais difícil era chegar à Paraíba, mas somando os dois aeroportos [de João Pessoa e de Campina Grande], crescemos 36% em números de passageiros, na Paraíba, em 2024, em comparação a 2023. Tivemos 1,6 milhão de passageiros, em João Pessoa, e 260 mil em Campina Grande, em 2024. Em Campina Grande, em 2022, foram 133 mil passageiros. Dobramos Campina Grande para 260 mil.

■ *Além do crescimento na circulação de pessoas nos aeroportos, quais outros dados mostram a Paraíba em destaque na preferência de turistas?*

A CVC nacional, por meio do Rodrigo Galvão, diretor de Produtos Nacionais, e da gerente de Produtos, veio apresentar ao governo o único destino do Brasil que ultrapassou os resultados de vendas de 2019, antes da pandemia: a Paraíba. A CVC é o maior emissor de turistas, tem 1.283 lojas no Brasil. Ampliamos os investimentos em Promoção em Mídia Cooperada com a CVC, no ano passado, o que impactou diretamente o resultado. Em 2019, éramos o 12º maior destino em volume de vendas de diárias de hotel da CVC. Saltamos para 9º, em 2023, e, em 2024, encerramos em 7º lugar, ultrapassando o Rio de Janeiro. Estaremos, em fevereiro, na Convenção Nacional de Vendas da CVC. O governador também estará presente para apresentar números exponenciais de

crescimento com muito entusiasmo. Digo categoricamente: agora somos um destino.

■ *Na entrega de premiações, nos últimos dias do 39º Salão do Artesanato Paraibano, o governador falou também em alavancar o turismo no Cariri e Curimataú paraibano. O que será feito nessas regiões?*

Tivemos uma reunião do Pacto Novo Cariri, com líderes de 20 municípios da região. Eles têm um planejamento até 2033, em que Turismo e Economia Criativa é um dos três eixos. Temos a renda renascença, a caprinocultura, o couro de bode. Uma das prioridades é fazer o inventário turístico do Cariri, com a capacidade de hospedagem, para que a gente possa fazer as rotas, diversificar os produtos, porque o Cariri cresceu muito, está gerando emprego e renda, produz queijos finos de cabra. Hoje, falta mão de obra no Cariri paraibano. E estamos fazendo esse planejamento em conjunto.

■ *Em muitos destinos turísticos, de Paris a uma vila minúscula, existe a tendência de a população nativa rejeitar o turista, quando o fluxo é grande e modifica o cotidiano. Isso porque esse público utiliza a infraestrutura e serviços locais que, muitas vezes, ficam com a capacidade estrangulada. Isso também começa a ser observado em João Pessoa. O que o Poder Público pode fazer para lidar com essa tendência na população local?*

Precisamos implementar a cultura do turismo aqui. Por muitos anos, João Pessoa não tinha essa frequência. Hoje, você vai à padaria e tem um na fila falando inglês, o outro falando espanhol, um de Minas Gerais. De repente, no seu prédio, seus vizinhos não são da Paraíba. Então, é uma cultura, é uma mudança, porque estamos vivendo em uma cidade que entrou num novo patamar. Os empreendimentos imobiliários falam por si. Mais de 40% das vendas são feitas para pessoas de fora da Paraíba, que vêm morar aqui na aposentadoria ou investir. No acumulado dos últimos 12 meses, tivemos uma valorização dos imóveis em mais de 17%, a segunda maior do Brasil. Empreendimentos modernos que geram empregos diretos. É transição, é maturação.

■ *E quando se trata de trânsito em João Pessoa?*

Quando a gente fala do trânsito, há investimentos em mobilidade, corredores de transporte públicos. O Governo do Estado e a Prefeitura de João Pessoa foram buscar investimentos em um fundo francês. Nas entrevistas que fazemos com turistas, quando a gente pergunta sobre mobilidade, o turista não vê problema no trânsito. Esse é olhar de quem tinha [a visão da] João Pessoa da calmaria. Os turistas que vêm de São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal acham a nossa mobilidade impecável, porque os 15 minutos

que eles esperam aqui, lá eles esperam uma hora. Então, ao olhar do turista, a cidade tem uma fluidez no trânsito.

■ *No início deste ano, o prefeito de Natal-RN tentou alimentar uma suposta rivalidade entre a capital potiguar e João Pessoa. Mas, no turismo, o fato é que muitos viajantes vêm de outras regiões e transitam entre destinos da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, numa mesma viagem. Há projeto para potencializar um roteiro integrado entre destinos desses estados?*

Esse roteiro já existe. É o Nordeste Arretado, lançado com apoio da Embratur, e integra Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Essa integração já acontece, ou por meio de receptivos ou com o próprio turista alugando carros e escolhendo as praias e os hotéis. A gente está vivendo um momento em que João Pessoa, nossa capital, não é mais o destino secundário, como há pouco tempo éramos. Muitas vezes, o turista descia do aeroporto de Recife, ia para Natal e ‘passava’ por João Pessoa. Agora, nós somos o destino. Neste mês de janeiro de 2025, crescemos 150% em vendas de emissão para Paraíba, na CVC, se comparado a janeiro de 2024. Belezas naturais nós sempre tivemos. Mas estamos promovendo os diferenciais cada vez mais: somos a capital das piscinas naturais. As piscinas naturais são urbanas! Isso a gente tem que valorizar. Numa entrevista mundial que a Booking fez no ano passado, com 27 mil entrevistados, sobre as tendências para o turismo em 2025, a capital paraibana está lá em terceiro lugar. Estamos vivendo esse momento incrível, mas, com a inauguração dos *resorts* em 2026, viveremos o maior momento do turismo. Nós teremos uma ampliação dos 13 mil leitos que temos em João Pessoa. O Polo Turístico [Cabo Branco] trará mais 12 mil ao longo dos anos.

■ *Mas o clima dominante entre os destinos vizinhos é de cooperação ou competição?*

Quando a gente fala em Nordeste, a gente fala muito em união. E o Nordeste tem singularidades que nos fortalecem. Se a gente embala e coloca isso na prateleira internacional, sem dúvida, é uma porta de entrada que pode alavancar o turismo internacional no Brasil. Temos a Câmara do Turismo do Nordeste por meio do Consórcio Nordeste. Há dois anos, dialogamos para construir a marca Nordeste, dos nove estados, para promoção internacional. Nós somos o ponto mais oriental das Américas. O Nordeste é muito próximo da Europa. Trabalhar a captação do turismo europeu, do turismo da África para cá é mais fácil. Precisamos fortalecer a entrada internacional do Brasil pelo Nordeste e, para isso, temos que estar unidos. O Sebrae nacional está desenvolvendo essa marca para fazer ações de promoções e

vamos fortalecer o Nordeste dentro do Brasil também.

■ *Segurança pública é um dos elementos que distinguem João Pessoa como destino turístico?*

É o grande diferencial da Paraíba, em todas as apresentações nacionais e internacionais. A Paraíba, por quatro anos seguidos, ficou em primeiro lugar no Norte e Nordeste no *ranking* de competitividade CLP [Centro Liderança Pública] em segurança pública. E essa sensação, das pessoas nas calçadas, à noite, aquela história da cidade interiorana, isso tem sido um dos itens de observação do turista no verão. O turista tem sensação de liberdade e segurança em sair do seu hotel, à noite, e passear. Essa é uma experiência que ele leva e tem sido um dos pontos-chaves para a nossa capital.

■ *Como a senhora pretende que sua gestão à frente do Turismo estadual seja lembrada?*

Sou especialista em Marketing. Trabalhei muito voltada para promover nossas belezas naturais de forma a valorizar os diferenciais que a Paraíba tem. O mar é uma *commodity*, todos têm. Então, [precisamos] valorizar nossa economia criativa, nossa cultura. Acho que o fortalecimento da nossa imagem para o Brasil torna a Paraíba um destino de desejo. A gente trabalhou fortemente isso e o pertencimento. Sou de Campina Grande e lá temos um sentimento de pertencimento muito forte. Tudo nosso é “o maior do mundo”, o melhor do mundo. Fui gestora d'O Maior São João do Mundo a partir de 2018 e trouxe isso para a cadeira da secretaria. Meu pai é do Cariri paraibano, pequenininho, tinha 1,60 metro. Tudo o que ele tinha era o melhor: a esposa era a mais bonita, o carro era o melhor, as filhas eram as melhores. Então, ele sempre valorizou o que ele tinha.

■ *Isso diz muito da autoestima de um povo, não é?*

Quando a gente tem autoestima, a gente tem orgulho. O Governo João Azevêdo trouxe isso para todo paraibano. E o turismo alavanca isso, quando um turista quer conhecer o lugar onde eu moro. Então, a gente trabalhou fortemente a promoção que fortalece essa imagem, que culmina com as ações que o governo tem realizado. A gente tem um cuidado em diferenciar a Paraíba. Outros destinos se degradaram, cresceram rápido demais. Há 10 ou 15 anos, o turismo sexual foi muito forte em várias capitais do Nordeste. A gente conseguiu trazer a família, que vem no verão à Paraíba, porque o Sol nasce primeiro, as pessoas querem praticar esporte. O turista que vem a João Pessoa quer nossas riquezas, nossas belezas e estamos conectados a esse turismo regenerativo, que é tendência do turismo mundial. Nós temos tudo e a gente mostrou isso.

PUBERDADE PRECOCE

Quando a infância é interrompida

Independentemente do que tenha levado ao surgimento dessa condição, ela deve ser avaliada por um especialista

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Um problema que tem chegado com cada vez mais frequência ao consultório de médicos endocrinologistas é a puberdade precoce. Condição que pode acometer ambos os sexos — embora afete, sobretudo, as meninas —, a puberdade precoce causa prejuízos ao desenvolvimento físico e emocional dos adolescentes.

A puberdade precoce se dá quando esse evento natural do corpo humano ocorre antes da idade adequada. Ou seja, o normal é que ela se inicie entre os oito e os 13 anos, no caso das meninas, e entre os nove e os 14 anos, no dos meninos. Nas meninas, o primeiro indício é o surgimento do broto mamário e, nos meninos, o aumento do tamanho dos testículos. Nessa fase, também surgem pelos pubianos, odor axilar, acne, aumento da oleosidade da pele e pelos nas axilas, tanto em meninas quanto em meninos. “Se isso acontece antes da faixa etária mencionada, é preciso investigar, porque não está dentro do que se espera para a idade cronológica”, diz Taís Andrade Dantas, endocrinologista pediátrica.

O principal prejuízo para a criança com puberdade precoce diz respeito ao crescimento. “A menina menstrua dois anos depois de entrar na puberdade. Se essa fase acontece antes do tempo, ela provavelmente fica com baixa estatura, pois, depois de menstruar,



Ilustração: Bruno Chiossi

Compostos químicos de maquiagens, perfumes e loções podem antecipar a puberdade

a menina praticamente não cresce mais. Às vezes, temos meninas com 11 ou 12 anos que pararam de crescer porque menstruaram antes dos 10”, ilustra. Além disso, a parte psicológica da criança pode não acompanhar o desenvolvimento do corpo, já que ela ainda não tem a capacidade de entender o motivo de isso estar acontecendo — o que a deixa mais

vulnerável, psicologicamente. Por isso, a endocrinologista orienta pais e mães a ficarem atentos aos sinais que podem indicar uma puberdade precoce. “Nascemos com tudo adormecido. Estão lá o ovário e o útero na menina, como estão os testículos nos meninos. Mas eles só vão ser realmente percebidos quando surgirem a acne e os pelos ou quando a

mama da menina começar a crescer”, explica.

Causas

As causas dessa desordem hormonal são diversas. Entre elas, Taís Dantas destaca a ação de substâncias químicas que interferem na função hormonal e no sistema endócrino — os disruptores endócrinos, substâncias químicas que alteram o

sistema endócrino e a função hormonal.

Algumas dessas substâncias são os ftalatos, que tornam o plástico mais flexível, e o bisfenol A (BPA), composto químico que serve para a fabricação de plásticos rígidos e transparentes. Ambos são utilizados em produtos infantis, em recipientes para alimentos e em produtos de higiene pessoal, entre outros. “Há vários compostos químicos utilizados pela indústria para a produção em larga escala, algo que antigamente quase não existia. Esses compostos influenciam na durabilidade e na validade dos produtos, mas, por outro lado, fazem mal à saúde”, ressalta.

Um dos fatores que pode ser associado a esse quadro é o aumento dos casos de sobrepeso e obesidade na infância. Nas meninas, o tecido gorduroso secreta estrogênio (hormônio feminino), desencadeando alterações hormonais que podem servir de gatilho para a puberdade antes da hora. Outros agentes também são cogitados, como os estímulos relacionados à sexualidade, presentes em filmes e músicas, por exemplo. “Vemos crianças usando roupa curta, esmalte, maquiagem, fazendo dancinhas do TikTok... Tudo está muito antecipado. Como a criança está imersa nesse cenário, é como se o seu corpo dissesse: ‘Acho que é agora, né?’, e, assim, começa o processo”, explica.

Ela acrescenta ainda que alguns fatores genéticos podem levar à puberda-

de precoce, mas são minoria. “Além deles, há doenças que também causam essa antecipação, como tumores no cérebro, no testículo ou no ovário, mas essas causas orgânicas fazem parte do grupo de exceção. Setenta por cento dos casos acontecem pelos estímulos do meio e pelos produtos aos quais as crianças estão expostas”, afirma a médica, lembrando que a maioria desses casos poderia ser evitada com a adoção de hábitos saudáveis, mais critérios em relação às substâncias químicas a que as crianças têm acesso e menos tempo de uso de telas.



Foto: Arquivo Pessoal



70% dos casos acontecem pelos estímulos do meio e pelos produtos aos quais as crianças estão expostas

Taís Andrade Dantas

Meninas são as mais afetadas pela maturação adiantada

Taís acredita que a pressão estética sofrida pelo sexo feminino, desde cedo, faz com que os casos de puberdade precoce em meninas sejam mais frequentes. “Elas estão muito mais expostas. Enquanto os meninos estão jogando bola, as meninas já estão pensando se o creme de cabelo que ela usa está realmente deixando os cachos definidos”, argumenta. “Às vezes, por falta de conhecimento, os pais ou responsáveis pensam que não tem problema a menina gostar de se maquiar e de usar tal produto. É isso vai se normalizando, infelizmente”.

A idade com que as meninas passam pela puberdade vem caindo, ao longo dos anos. Hoje, a média de idade para a menarca (primeira menstruação) é de 12 anos, bem menor do que no início do século passado, que era de 16 ou 17 anos. Além de a média ter caído consideravelmente, no caso da puberdade dentro do tempo estimado, houve aumento nos casos de puberdade precoce. “Dez anos atrás, havia poucos casos. Para se ter

Ajuda
Para reverter a puberdade precoce, a criança deve ser atendida por um especialista logo no início do processo ou o sucesso do tratamento fica comprometido

uma ideia, dos seis pacientes que atendi hoje, cinco eram de puberdade precoce. Precisamos prestar atenção ao que os nossos filhos comem e também aos produtos que usamos neles”, alerta.

Tratamento

Quanto ao tratamento, ela esclarece que depende da causa que desencadeou a puberdade precoce. “Às vezes, basta modificar os

produtos que a criança usa, conversar sobre a alimentação, estimular os exercícios físicos e diminuir o tempo de exposição a telas. Se o processo não estiver muito avançado, há a chance de reverter a situação”, diz ela.

Em casos já avançados, a médica explica que é preciso apelar para a intervenção medicamentosa, no intuito de bloquear a evolução puberal e promover a completa ou parcial regressão dos caracteres sexuais secundários. “É uma medicação intramuscular, geralmente, a Leuprorrelina”, acrescenta.

Taís alerta para a importância do diagnóstico precoce. “Isso muda tudo. Se os pais deixarem para buscar um especialista somente depois de a menina menstruar, não há mais o que fazer. A medicação precisa ser feita no tempo certo, que nos dá a possibilidade de retardar o processo. Infelizmente, quando a menina chega depois de menstruar, é muito raro realizarmos um tratamento que dê boa resposta”, esclarece a endocrinologista.

Saúde mental das crianças também fica abalada durante o processo

Quando a puberdade acontece de forma precoce, além dos prejuízos ao desenvolvimento físico, há ainda os impactos para o bem-estar emocional e a saúde mental das crianças, que ainda não têm a maturidade adequada para lidar com as mudanças trazidas por esse período. Segundo a psicóloga Júlia Tavares, a fase da puberdade, mesmo ocorrendo na idade esperada, já traz uma série de mudanças e desdobramentos que devem ser observados e, ocorrendo precocemente, isso se intensifica ainda mais. “Ela vai trazer desafios emocionais e psicológicos antecipadamente, porque a criança acaba se sentindo diferente dos seus pares, e isso pode levar a um sentimento de isolamento, ansiedade, baixa autoestima e inadequação”, destaca.

Ela explica que as mudanças físicas promovidas pela puberdade obrigam a criança a administrar essas alterações no seu corpo, além de lidar com as questões emocionais que a própria variação hormonal, por si só, também provoca. “Há os efeitos psicológicos dessa autopercepção. Além do



Foto: Arquivo Pessoal



A criança pode ser levada a enfrentar pressões sociais para as quais ela ainda não tem repertório emocional

Júlia Tavares

mais, a criança pode ser levada a enfrentar as pressões sociais que estão no seu entorno, para as quais ela também não tem repertório emocional. Por isso, precisa ser bem orientada pelos pais e outros cuidadores, que têm de acompanhar isso de per-

to”, ressalta Júlia.

A psicóloga destaca ainda que, nesses casos, além do tratamento médico, é importante que as crianças contem com o suporte emocional da família e, se necessário, façam também um acompanhamento psicológico. “Muitas crianças podem desenvolver sintomas relacionados à depressão, à ansiedade e à irritabilidade, além de apresentar transtornos alimentares e dificuldade de socialização. Ao perceberem uma mudança de comportamento e de padrão emocional muito intensa, é crucial que os pais busquem apoio e orientação psicológica, tanto para a criança quanto para a família”, recomenda.

Júlia adianta que alguns pais resistem em procurar ajuda psicológica, julgando que as mudanças são normais nessa fase da vida, sendo ela precoce ou não. “Quando a puberdade acontece precocemente, os impactos são maiores, pois ela é muito imobilizadora de emoção. Então, é preciso que a família esteja atenta e busque ajuda a qualquer sinal de sofrimento emocional que venha a surgir”, reforça.

DO CAMPO À MESA

Transgênicos não são livres de riscos

Comuns no mercado e em casa, itens geneticamente modificados ainda levantam questões de saúde e meio ambiente

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Ir ao supermercado e fazer a feira do mês ou da semana faz parte do cotidiano das famílias paraibanas. Contudo, pouca gente presta atenção aos detalhes dos rótulos das mercadorias — como o símbolo com a letra “T” gravado em algumas embalagens dos produtos industrializados, indicando a presença de alimentos geneticamente modificados. A dúvida é se esses itens, que estão na dieta de grande parte da população, são ou não prejudiciais à saúde.

Na correria do dia a dia, muitas pessoas escolhem o que compram sem se dar conta das operações que perpassam os alimentos até as prateleiras. Do campo à mesa, há uma cadeia complexa, que reúne aspectos ambientais,

econômicos e sociais, no processamento dos inúmeros produtos vendidos no comércio. Consciente de parte desses processos, há um outro perfil de consumidor, como a radialista Josy Melo.

“Eu evito produtos industrializados, mas meu marido gosta de comer aquelas carnes enlatadas, como ‘kitut’ e sardinha. Eu gosto mesmo é do meu cuscuzinho com ovo de capoeira”, relata. Ela e seu companheiro, Alexandre Tavares, fazem a feira mensal de itens não perecíveis em um mercado, no bairro do Bancários, onde buscam equilibrar qualidade e custo. “A gente presta atenção, geralmente, na qualidade do produto, se está realmente bem conservado, e no preço”, conta Josy, salientando, porém, que nunca prestou atenção nas letras miúdas das embalagens.



O casal Josy Melo e Alexandre Tavares busca equilibrar qualidade e custo na escolha dos alimentos que adquire no mercado

Produtos alterados tendem a reter mais resíduos químicos

Como explica Pablo Araújo, engenheiro agrônomo e gerente regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural da Paraíba (Senar-PB) em Areia, os itens transgênicos “são alimentos que foram modificados geneticamente para se ter facilidade em seu cultivo”. Entre os exemplos mais comuns, no estado, estão produtos à base de cana-de-açúcar e de milho; muitos desconhecem, aliás, que boa parte do cereal do cuscuz é geneticamente alterada.

De acordo com a nutricionista Francianny Marília, especialista em Comportamento Alimentar, o fato de um item ser transgênico não significa que cause, necessariamente, problemas à saúde. “Até o momento, as pesquisas científicas disponíveis mos-



Foto: Arquivo pessoal

Transgenia é usada em prol da produtividade, diz especialista

tram que, quando avaliados e regulamentados, eles são considerados seguros para o consumo humano”, observa. O representante do Senar-PB aponta, no entanto,

que, mesmo com a regulação e a fiscalização por parte de entidades como a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) e a Agência Nacional de Vig-

lância Sanitária (Anvisa), a questão ainda é tema de debate: “Apesar de a Organização Mundial da Saúde [OMS] também garantir a segurança [dos transgênicos], existem estudos que demonstram que eles podem fazer mal, principalmente, com reações alérgicas. Mas, a longo prazo, não se tem nenhuma certeza”.

Ambos os especialistas reconhecem que os riscos na ingestão desses alimentos tornam-se mais claros quando se constata que as alterações laboratoriais para melhorar a produtividade do cultivo vinculam a transgenia aos agrotóxicos. “Os transgênicos são feitos para terem resistência a produtos químicos, agrotóxicos e herbicidas. Então, tendem a conter um pouco mais de resíduos quím-

icos, porque, devido a essa resistência, o pessoal acaba aplicando de forma mais desenfreada essas substâncias”, indica Pablo, alertando que, com isso, os consumidores são expostos a uma alta concentração de materiais como o glifosato. Considerado o agrotóxico mais vendido no mundo, conforme o Centro de Estudos Estratégicos Ivo de Carvalho, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ele pode causar problemas à saúde e ao meio ambiente, se não for utilizado em baixas dosagens.

“Existem benefícios [no uso de alimentos transgênicos], como o aumento da produção para combater a fome, mas os riscos associados não podem ser ignorados. Ainda faltam estudos de longo pra-

zo que confirmem os reais efeitos dos transgênicos na saúde humana”, reforça o engenheiro agrônomo.

“

Ainda faltam estudos de longo prazo que confirmem os reais efeitos dos transgênicos na saúde humana

Pablo Araújo

Agricultura familiar oferece alternativa saudável e sustentável

Para se prevenir dos possíveis males causados por transgênicos e do impacto dos agrotóxicos no organismo, como distúrbios gastrointestinais, Francianny enfatiza que a população deve adotar uma dieta baseada em produtos *in natura* ou pouco processados — aproveitando-se, inclusive, da abundância de frutas, verduras e leguminosas produzidas na Paraíba.

Nesse sentido, é necessário compreender os alimentos como parte de um sistema, como aponta o Guia Alimentar para a População Brasileira, publicado, pelo Ministério da Saúde (MS), em 2006, e reeditado

■ **Nutricionista recomenda uma dieta baseada em itens *in natura* ou pouco processados**



Foto: Luzia Bezerra da Silva/Arquivo pessoal

Banco de sementes perpetua cultivo tradicional, sem agrotóxicos, enquanto medidas de regulação ajudam a identificar transgênicos

em 2014. Esse documento reúne orientações sobre a alimentação do brasileiro, em sua integralidade, explicando que comer de forma adequada e saudável deriva de um sistema alimentar social e ambientalmente sustentável. Isso significa que é preciso considerar os impactos produtivos e de distribuição dos alimentos, a justiça social e a integridade ambiental para compor uma dieta nutricional de qualidade.

Atualmente, uma das

maneiras de saber, com segurança, o que se consome é por meio da preservação das sementes crioulas, grãos ancestrais orgânicos, livres de modificações genéticas, que originam alimentos agroecologicamente corretos. Nas palavras de Luzia Bezerra da Silva, agricultora de Itatuba, no Agreste paraibano, cultivar sementes crioulas é conversar com a memória do mundo. “Elas são um patrimônio muito importante. Além de guardar a his-



Foto: Evandro Pereira

tória dos nossos bisavós, são sementes saudáveis, livres de agrotóxicos. Com elas, a gente sabe exatamente o que está comendo”, define Luzia, responsável pelo banco de sementes crioulas de sua cidade.

Além de manter vivas técnicas tradicionais de cultivo e manejo do solo, iniciativas como essa fomentam produções mais naturais e acessíveis no cenário da agricultura familiar — que, apesar de ainda desempe-

te na cadeia produtiva do estado, tem perdido força, em todo o país, justamen-

Saiba Mais

■ Os critérios e mecanismos de regulação e fiscalização dos processos que envolvem alimentos geneticamente modificados no Brasil foram estabelecidos pela Lei Federal nº 11.105/2005. Conhecida como a Lei de Biossegurança, essa série de normas determina, entre outros fatores, as condições a serem seguidas para o cultivo, o transporte, a exportação e as pesquisas científicas que envolvam organismos e substâncias transgênicas.

■ Já o símbolo de identificação com a letra “T” passou a ser exigido nas embalagens de mercadorias que contenham pelo menos 1% de ingredientes geneticamente alterados, conforme o Decreto Federal nº 4.680/2003.

IDOSOS VULNERÁVEIS

Abusos contribuem para sumiços

Isolamento social e saúde debilitada também podem influenciar nos desaparecimentos de pessoas idosas

Anderson Lima
 Especial para A União



Os canais de denúncia são essenciais para que casos de violência e desaparecimento sejam investigados e os idosos recebam a devida proteção

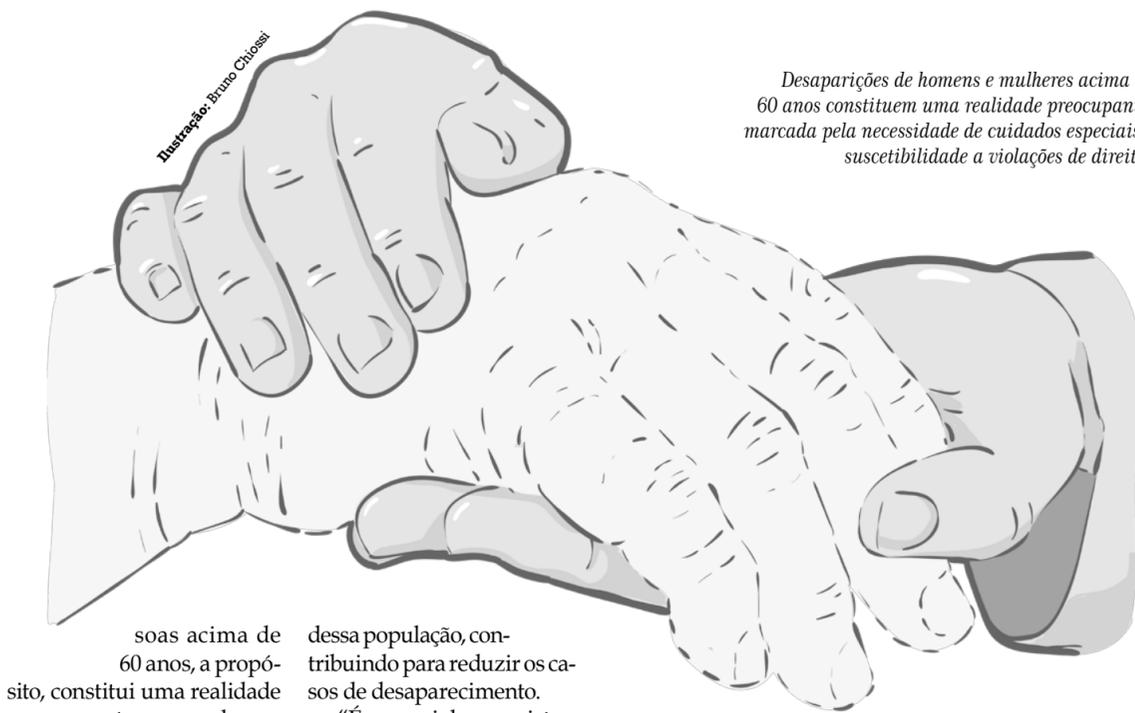
Mirella Braga

Na Paraíba, o número de desaparecimentos de pessoas — considerando crianças, jovens, adultos e idosos — cresceu 20% no ano passado: de acordo com o Ministério da Justiça e da Segurança Pública (MJSP), foram registrados 658 casos, entre janeiro e setembro de 2024, contra 526 contabilizados em 2023. Para enfrentar esse cenário, o estado conta com o Programa de Localização e Identificação de Pessoas Desaparecidas (Plid), coordenado pelo Ministério Público, que cruza dados com um banco nacional para auxiliar nas buscas. Há também o Núcleo Estadual de Enfrentamento do Tráfico e Desaparecimento de Pessoas (NetDP) e o Comitê Estadual de Enfrentamento do Tráfico e Desaparecimento de Pessoas (CetDP), vinculados à Secretaria do Desenvolvimento Humano (Sedh), que atuam na prevenção, na repressão e no combate a casos dessa natureza, buscando fortalecer a rede de proteção e prover uma resposta mais eficaz às ocorrências.

Segundo Mirella Braga, coordenadora do NetDP, em situações de desaparecimento, é indicado que a denúncia seja realizada o quanto

antes, por meio de um boletim de ocorrência (B.O.), em uma delegacia da Polícia Civil. “Quanto antes, melhor, pois isso possibilita a busca imediata pela pessoa desaparecida”. A agilidade é ainda mais relevante para parceiros de crianças e idosos.

Na avaliação de Mirella, o desaparecimento de pes-



soas acima de 60 anos, a propósito, constitui uma realidade preocupante, agravada por fatores como isolamento e saúde debilitada — cenário que as torna tanto carentes de cuidados especiais como suscetíveis a violações de direitos. “A discriminação etária, somada ao isolamento social, dificulta o acesso a recursos e à proteção contra abusos. Além disso, a fragilidade física e mental os coloca em uma posição de maior vulnerabilidade”, descreve Mirella, chamando atenção para o que deve ser feito para assegurar a integridade e o bem-estar

dessa população, contribuindo para reduzir os casos de desaparecimento.

“É essencial que existam políticas públicas eficazes, com o cumprimento do Estatuto do Idoso, além da criação e do fortalecimento de serviços de apoio para essas pessoas”, afirma a coordenadora do NetDP, destacando também a importância de campanhas de conscientização e estímulo à denúncia de abusos. “Os canais formais, como o Disque 100 (nacional) e o Disque 155 (estadual), são fundamentais para que casos de violência e desaparecimento sejam investigados

e os idosos recebam a devida proteção”. Além disso, fomentar a socialização auxilia no combate ao isolamento, um dos aspectos mais influentes sobre desaparecimentos. “Desenvolver programas comunitários que incentivem a interação social, com grupos de convivência e atividades culturais e esportivas adaptadas, ajuda a garantir que o idoso tenha uma rede de apoio e uma vida mais ativa”, conclui Mirella.

Desaparições de homens e mulheres acima de 60 anos constituem uma realidade preocupante, marcada pela necessidade de cuidados especiais e suscetibilidade a violações de direitos

■ Na PB, o número de desaparecidos, de todas as idades, cresceu 20% no ano passado, com 658 ocorrências

DPU registrou 254 casos de abandono e negligência em 2024

Quando se trata da proteção dos direitos das pessoas idosas, o Núcleo de Atendimento ao Idoso da Defensoria Pública da União (DPU) na Paraíba desempenha um papel fundamental, atuando na orientação jurídica, no acompanhamento de denúncias e na mediação de conflitos familiares envolvendo essa população, além de trabalhar em parceria com Centros de Referência

da Assistência Social (Cras), Centros de Referência Especializados de Assistência Social (Creas) e Instituições de Longa Permanência para Idosos (Ilpis).

Segundo as defensoras Rosalba Cavalcanti e Conceição Arcoverde — respectivamente, coordenadora e subcoordenadora do núcleo —, as denúncias têm crescido significativamente no estado, sendo que, em 2024,

foram registrados 254 atendimentos voltados a casos de abandono e negligência, crimes previstos no Estatuto do Idoso que podem levar a penalidades civis, administrativas e criminais. “Isso evidencia a necessidade de fortalecer a rede de proteção dessa população”, ressaltam as representantes do órgão, que pode acionar a Justiça para protocolar, por exemplo, ações contra

■ Núcleo de Atendimento ao Idoso fornece proteção e orientação jurídica para garantir os direitos dessa população

maus-tratos e até solicitações de curatela, visando nomear um responsável para administrar os interesses de um idoso, em situação vulnerável, que não possua representante legal.

Contando com uma equipe multidisciplinar, incluindo assistentes sociais, psicólogos e assessores jurídicos, o Núcleo de Atendimento ao Idoso da DPU busca, dessa forma, “assegurar que o

idoso tenha seus direitos garantidos, independentemente de sua condição de saúde ou da presença de familiares”, conforme definem Rosalba e Conceição. “A atuação da Defensoria Pública é essencial para garantir que os idosos tenham seus direitos preservados, promovendo uma vida digna e segura para essa parcela da população”, finalizam as representantes da DPU.

Transtorno neurodegenerativo exige acompanhamento intenso

Uma das condições de saúde mais preocupantes a afetarem os idosos, expondo-os a maiores riscos de abandono, abuso e desaparecimento, é a demência, transtorno neurodegenerativo que compromete progressivamente as funções cognitivas do paciente. Para esclarecer o que caracteriza

a doença, suas consequências e as formas de cuidado para amenizar seus efeitos, o Jornal A União conversou com a médica geriatra Eveline Barros.

De acordo com a especialista, a demência atinge a memória, o raciocínio e a capacidade de realizar tarefas diárias, minimizando a au-

tonomia do paciente. Geralmente, esse distúrbio manifesta-se depois dos 60 anos de idade e pode apresentar diferentes causas, sendo o mal de Alzheimer a mais comum. “Outras origens incluem vasculopatia cerebral [condição que afeta os vasos sanguíneos do cérebro], demência fronto-

temporal [morte de células nervosas nos lobos frontal e temporal] e corpos de Lewy [aglomerados anormais de proteína que comprometem os neurônios]”, salienta a geriatra.

É comum que os sintomas da demência sejam confundidos com sinais naturais de envelhecimento fisiológico, mas Eveline aponta as diferenças: no caso deste último, podem ocorrer dificuldades pontuais no aprendizado e lapsos leves de esquecimento, mas sem prejuízo significativo para as tarefas do dia a dia; já a doença neurodegenerativa é marcada pela perda gradativa da funcionalidade do idoso, tornando-o cada vez mais dependente.

Atenção aos indícios

A médica alerta que os familiares de pessoas idosas devem estar atentos a falhas de memória frequentes por parte delas, especialmente quanto a fatos recentes. A repetição constante

de perguntas ou de relatos também pode ser um indicativo de demência. “Caso esses sintomas se agravem ao longo dos meses, é essencial buscar avaliação médica”, enfatiza Eveline.

Ela lembra que o problema é caracterizado por etapas de progressão: em estágios iniciais, o paciente pode precisar de monitoramento para evitar riscos ao dirigir ou prejuízos financeiros; na fase moderada, surgem dificuldades para a execução de atividades simples, como abotoar uma camisa; e, na fase avançada, a dependência é total, abrangendo alimentação, higiene pessoal e até as capacidades de locomoção e comunicação. Por isso, pessoas com demência correm riscos de sofrer acidentes domésticos e perder-se ao sair de casa sozinhas. “É fundamental que elas tenham acompanhamento constante e, em estágios mais avançados, um cuidador especializado”, orienta a geriatra.



■ **É fundamental que os pacientes tenham assistência constante e, em estágios mais avançados, um cuidador especializado**

Eveline Barros



Fase avançada da demência afeta capacidades como memória, raciocínio e comunicação

SEM COBRANÇAS

Vínculos que não fazem demandas

Relações de baixa manutenção não exigem nem tempo nem presença, mas se baseiam em afetos consolidados

Sara Gomes
sara.gomes@reporteruniaio@gmail.com

Você já ouviu falar sobre relações de baixa manutenção? O conceito vem sendo popularizado na contemporaneidade, em tempos de vida acelerada e excesso de responsabilidades. Relações de baixa manutenção são aquelas em que não é necessário gastar muita energia ou esforço para se manter na vida um do outro. Essa conexão não exige constante atenção ou cobranças, pois está relacionada ao tempo de qualidade com o outro, e não com a frequência. Muitas pessoas, no entanto, têm confundido o termo com relações sem profundidade — e não é o caso.

Amizades de baixa manutenção têm se tornado uma tendência nas relações atuais. Esse fenômeno é observado em situações nas quais as pessoas lidam com múltiplas obrigações, como o trabalho, o cuidado com pais idosos ou a chegada dos filhos, o que pode limitar a disponibilidade para manter interações sociais frequentes.

A psicóloga Daniella Azevedo pontua que essa mudança de prioridade é algo natural. “O núcleo familiar consome muito da nossa energia no cotidiano, já que a vida passa a ter essas exigências. Por isso, os fatores que levam a relações de baixa manutenção estão relacionados ao meu aqui e agora”, observou.

A servidora pública Juliana Behar, 34 anos, diminuiu a frequência dos encontros com os amigos após o nascimento do seu primeiro filho, Davi, de dois anos. Como ele tem um sono irregular, isso acaba impactando no planejamento da agenda dela. “Tem dia que Davi está chorando muito ou que não dormiu bem na noite anterior, então, às vezes, preciso desmarcar a saída com meus amigos de última hora”, conta.

Por essa razão, Juliana e o marido, Anderson Alexandre, têm preferido interações sociais com amigos que também têm filhos, como é o caso de Midore e Estácio, pais de Henrique, de cinco anos. “Há ocasiões em que a gente não tem nada programado, e dá certo. São eventos leves, como sair para lancha ou ir à praia, então a gente sempre volta cedo”, detalhou.

Midore Hipólito e Estácio Tavares são amigos do casal desde o Ensino Médio — inclusive são seus padrinhos de casamento. O círculo de amizades de Midore, hoje, conta principalmente com casais que têm filhos. Ela também sentiu

o afastamento de amizades que não vivenciam a mesma experiência da maternidade. “Nos dois primeiros anos, a criança demanda mais atenção. Então, eu não conseguia ir aos mesmos lugares e nos horários que outros amigos iam”, disse ela.

Por ter uma rede de apoio limitada, a socialização de Midore com outros grupos ficou ainda mais difícil. “Como eu tive Henrique durante a pandemia, foi um período bem solitário. Minha mãe tem Parkinson em um nível avançado, enquanto a minha sogra mora em outra cidade. Mesmo assim, quando pode, ela me ajuda bastante. Costumo dizer que a escola dele é a minha rede de apoio”, ressaltou.

Juliana, por sua vez, procura manter os amigos que não estão passando pela mesma fase que ela por perto. “O sentimento continua o mesmo. Não dá pra vê-los com a mesma frequência de antes, mas procuro me fazer presente, seja em momentos felizes, seja em momentos tristes, como a despedida de uma amiga que passou num concurso ou o velório do pai de outro amigo”, exemplificou.

Para ela, que está imersa nos desafios da primeira infância do filho, essa fase não durará para sempre. “Quando Davi estiver mais independente, acredito que vai ser mais fácil conciliar a vida social e as responsabilidades. Espero que isso aconteça, pois gosto muito de me encontrar com os meus amigos pessoalmente”, disse.

Solitude

A psicanalista Adriana de Melo explica que essas relações se originaram de vínculos que foram construídos na escola, na universidade ou no trabalho. “Apesar de o tempo de convivência não ser mais o mesmo, o vínculo é mantido pela memória afetiva”, explicou.

No âmbito afetivo, a psicóloga Danielle Azevedo enfatiza que é necessário primeiro lidar bem com a própria companhia, para saber lidar com as relações de baixa manutenção. Um exemplo disso são relacionamentos a distância, seja porque um dos membros foi morar em outra cidade, seja porque o relacionamento é pela internet.

“Se a pessoa vê que o seu namorado está sempre muito ocupado ou na casa dos amigos, ela terá a impressão de que precisa disputar a atenção para se encaixar na rotina dele. No entanto, essa pessoa precisa saber apreciar a solidão, para que, quando estiver



Foto: Arquivo pessoal

Foto: João Pedrosa

Estácio, Midore, Juliana e Anderson são unidos por uma amizade que se fortaleceu com o tempo, em que todos participam de momentos especiais da vida um do outro, mas sem exigir presença constante

com o namorado, os momentos sejam intensos o suficiente para que a relação tenha combustível e se mantenha”, analisou.

Perspectiva

Para pensar sobre as relações de baixa manutenção é fundamental considerar um recorte geracional, conforme Luiz Fernandes Filho, cientista social e pesquisador que estuda relacionamentos afetivos. “Se perguntarmos a uma pessoa 50+ o que isso significa, provavelmente ela não saberia responder. Isso não significa que essas pessoas não vivam relacionamentos nos termos do que seria a relação de baixa manutenção, mas essa terminologia é muito utilizada entre indivíduos que nasceram em décadas posteriores”, pontuou.

Segundo ele, a contemporaneidade suscitou, nos indivíduos, mais responsabilidade para exercer um protagonismo pautado nas próprias escolhas. Antes, as possibilidades eram influenciadas por esferas sociais ligadas às relações familiares, à igreja e ao ambiente laboral. Hoje, a família desempenha

um papel formador, mas não determinante na escolha dos filhos. “Com os avanços nas discussões sobre diversidade de gênero e sexualidade, as

pessoas puderam decidir, por exemplo, se querem se casar, com quem vão se casar e se querem ter filhos. Ou seja, o indivíduo se tornou autocen-

trado e protagonista de sua vida”, disse Luiz, que é mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Baixa manutenção não é ausência de profundidade nas relações

As pessoas confundem o conceito de baixa manutenção com ausência de profundidade nas relações. A psicanalista Adriana de Melo pontua que interações sociais construídas, exclusivamente, pela internet tendem a ser mais limitadas e superficiais, principalmente se a pessoa normalizar a indisponibilidade para o outro.

“A gente vive em mundo tecnológico, portanto é natural haver interações pelas redes sociais. No entanto, se for da personalidade dessa pessoa se isolar, interagir apenas por aplicativos, talvez ela tenha dificuldade de se conectar emocionalmente, preferindo manter o distanciamento”, explicou.

Segundo ela, essa conduta pode ser confundida com baixa manutenção, mas, na verdade, é ausência de disponibilidade. “Isso é particularmente problemático, pois o isolamento social pode agravar a sensação de desconexão entre as pessoas, como também ser um sinal de depressão”, alertou.

Afetos

Boa parte das amizades da jornalista Laura Luna, 44 anos, especialmente aquelas de longa data, demandaram tempo e energia para serem construídas. Seus afetos foram estabelecidos em um contexto no qual o digital ain-

da não era predominante. “Eu estou falando de amizades de 20 a 30 anos. A gente sempre se encontrava, seja para um cinema ou para um show. Era convivência real”, contou.

Na atual conjuntura, nem todo mundo tem tempo de estar presente na vida do outro, mas há amizades que têm uma conexão maior. No caso de Laura, por exemplo, ela tem grupos de amigos com diferentes dinâmicas. “Quando a gente é mais próxima de determinada pessoa, acaba fazendo um esforço maior para encontrá-la. Tenho amigos que vejo frequentemente, por termos a mesma sintonia e a mesma vontade de estar juntos. Por outro lado, tenho um grupo formado somente por mulheres, chamado Água de Coco, que só se encontra anualmente. Mas são pessoas que têm um carinho enorme umas pelas outras”, afirmou.

Embora tenha a possibilidade de fazer amizades, ela expressou certo cansaço em cultivar novos vínculos. “Eu prefiro focar em amizades já consolidadas a fazer novos amigos. Confesso que me dá muita preguiça”, disse.

Conforme estudiosos, as relações de amizade acontecem com mais frequência na fase da infância e na adolescência, já que, para ela ocorrer em sua forma mais autêntica, é preciso um tempo ocioso compartilhado. “Ambos os

integrantes se colocam disponíveis para se relacionar, sem nenhuma finalidade específica”, observou Luiz.

Segundo ele, na atual dinâmica, existem relações que são pautadas por uma finalidade específica, como as relações comerciais que se estabelecem entre um cliente e um vendedor ou as relações de coleguismo no trabalho ou na vida universitária. “Com o tempo, as interações mais autênticas se tornam mais seletivas”, salientou.

Relação tóxica

Nenhum dos extremos é benéfico: tanto a falta de manutenção na amizade quanto a imposição da presença constante da pessoa fazem mal. Para a psicóloga Danielle Azevedo, não há problema em pontuar uma ou outra atitude que incomoda o outro, pois o diálogo colabora para a manutenção de relações saudáveis, tanto na perspectiva de relacionamentos amorosos como nas amizades.

“O que não é legal é transformar isso em cobrança, gerando um sentimento de sufoco ou sobrecarga. A pessoa passa a multiplicar as suas exigências em cima do outro, em formato de obrigatoriedade e controle. Tal conduta evidencia a toxicidade da relação. É preciso respeitar os limites do outro”, finalizou.



Foto: Arquivo pessoal

Laura e seus amigos: grupo se formou quando os seus integrantes ainda faziam o Ensino Médio

MEMÓRIA

Zé Américo eterno

Amanhã, a morte de José Américo de Almeida completa 45 anos: o legado do escritor e político continua muito vivo

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“José Américo pensa que morreu”, foi o que disse o jornalista paraibano Edilberto Coutinho ao jornal *A União* no fatídico 10 de março de 1980, dia em que o político, escritor jurista e sociólogo paraibano nos deixou, aos 93 anos, depois de encampar uma trajetória múltipla e exitosa em todas as missões que assumiu na vida pública. A frase de Coutinho reconhecia, desde aquela época, não apenas a relevância do areense José Américo de Almeida dentro e fora do estado: assinalava também a persistência de seu legado — fato que asseveramos agora, ao fazer um breve apanhado de obra, quatro décadas e meia depois de sua partida.

A cobertura nos dias seguintes à morte de Zé Américo deu conta das milhares de pessoas que se amontoaram em frente ao Palácio da Redenção, no Centro da capital, durante o seu velório; do choro do então senador Humberto Lucena, no meio de seu discurso, em Brasília; e da sentença do presidente João Figueiredo — a de que ele ficaria para sempre na memória dos brasileiros. *A União* reproduziu, por fim, o relato dos familiares sobre seus últimos momentos — após duas internações, pediu para permanecer em casa e reiterou o desejo de ser sepultado na Paraíba — pedido que foi atendido.

A campanha para transformar sua antiga residência, situada na orla de Cabo Branco, em um museu foi anunciada dois dias depois. A intenção de Tarcísio Burity, governador da Paraíba à época, era abrir o local para visitação, firmando um acervo de livros e documentos, acumulados por mais de um século pelo antigo morador. Inaugurada em janeiro de 1982, a Fundação Casa de José Américo (FCJA) segue em atividade até hoje, mantendo não apenas aquela hemeroteca pessoal do ex-ministro (que cresceu com outros itens, adquiridos ou doados depois) como seus restos mortais, que descansam em um mausoléu.

Os problemas paraibanos

Zé Américo, pai de três filhos, teve uma agitada vida política. Já formado em Direito, em uma instituição pernambucana, galgou paulatinamente sua trajetória nesse segmento até tornar-se consultor jurídico do estado, em caráter vitalício, ainda na casa dos 30 anos de idade. Mais tarde, foi nomeado interventor federal na Paraíba, vaga que lhe garantiria, posteriormente, os cargos de ministro dos Transportes de Getúlio Vargas, em duas ocasiões; e a de governador do estado, entre 1951 e 1956.

A atuação política ajudou Zé Américo a consolidar sua carreira concomitante na literatura. Os primeiros sonetos do escritor foram publicados nas páginas de *A União* ainda no início do século 20 — foi colaborador habitual nos



José Américo de Almeida: décadas de serviços prestados à literatura e à vida pública brasileiras

anos que se seguiram, quando passou a explorar seu texto em prosa.

Seu primeiro trabalho mais extenso chegou ao público em 1922 — *Reflexões de uma Cabra*, presente no primeiro volume da extinta revista *A Novela*. O seu livro seguinte, todavia, estaria intrinsecamente ligado ao seu papel como ministro: *A Paraíba e seus Problemas*, de 1923, relato ensaístico sobre as necessidades do estado à época.

Cinco anos depois, o autor paraibano daria seu passo mais importante nas letras: *A Bagaceira*, romance de repercussão nacional, que inaugurou uma nova era na literatura brasileira. Junto com *Macunaima*, de Mário de Andrade, abriu as portas para o romance regionalista ou de 30, gênero que seria repercutido pelo conterrâneo José Lins do Rego, com *Banguê*.

A produção de Zé Américo na década seria encerrada com *O Boqueirão e Coiteiros*, ambos de 1935. Retomaria o exercício literário com *Ocasos de Sangue*, de 1954, dando continuidade ao seu panorama detalhado de figuras e de paisagens do interior do estado.

As últimas obras do escritor foram o livro de memórias *Antes que me Esqueça*, de 1976, e a compilação póstuma de crônicas *Sem me Rir, sem Chorar*, de 1984, com textos de

Américo para a revista *O Cruzeiro*. Antes, tornou-se imortal pela Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando, a partir de junho de 1967, a cadeira de número 38. Próximo de sua morte, foi filmado pelo diretor paraibano Vladimir Carvalho para o documentário *O Homem de Areia*, que captou, dentre outros momentos, um auspicioso encontro entre ele e o baiano Jorge Amado — ambos rememoraram o assassinato de João Pessoa, décadas antes.

Fortuna crítica

Em 2022, a casa de Zé Américo foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), sedimentando a importância do equipamento no rol de museus da Paraíba. À frente da fundação desde 2019, o jornalista Fernando Moura diz-se orgulhoso da missão de gerir o acervo e o imóvel. “Ao mesmo tempo é um ‘suplício’. Inspirador e torturante. Porque nós achamos que conhecemos Zé Américo, mas o envolvimento dele na vida paraibana, no Nordeste e no Brasil é algo tão enraizado que vai ser preciso muito tempo para descortinarmos todos os meandros”, revela.

Também segundo o gestor, um dos fatores que consolidou a imbricação entre a literatura de José Américo e a paixão que ele nutria pelo estado de origem repousa na ligação emocional que ele tinha com ambos. Os esforços empreendidos para registrar os rincões da federação em *A Paraíba e seus Problemas* são a prova disso.

“Ele viajou mais de 1500 quilômetros, de trem, de carro, ou de burro. Essa vivência dele no Brejo, no chão, no engenho, circulando pela região e vivenciando a agricultura foi determinante também para o desenvolvimento de muitas obras, como *A Bagaceira* e outros de seus livros”, pontua Fernando.

Nos cem anos do tratado que Zé Américo escreveu, em 2023, a editora A União lançou *A Paraíba e Seus Problemas — Cem Anos Depois*, que, num primeiro volume, reuniu boa parte da fortuna crítica sobre a obra, contrária ou favorável, desde os anos 1920. O trabalho foi realizado pelos historiadores Lúcia Guerra e José Octávio de Arruda Mello.

“Toda a produção literária dele subsidia a compreensão da história da Paraíba e do Brasil. Os seus livros de memórias, por exemplo, são fundamentais para conhecermos as tramas do poder em torno da Revolução de 1930 e do Estado Novo”, declara Lúcia.

Inauguração

Em celebração à memória de José Américo de Almeida, a fundação inaugurará, no próximo dia 28, o novo anexo da instituição, em Tambaú, que funcionará como posto avançado da sede já existente em Cabo Branco. Por lá, ficará parte do acervo de gibis e cordéis do museu.

Na ocasião, também será lançado o segundo volume do projeto *Cem Anos Depois*, editado por A União e pela UEPB, que dá vazão à compilação de textos críticos mas inéditos sobre a famosa obra do paraibano. Desta vez, a organização foi feita pelos pesquisadores Cidival Morais de Sousa e Jivago Correia Barbosa.

A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS (1923)

“Eram figuras sumidas, escavacadas por um regime alimentar insuficiente e tóxico, que mal se equilibravam nos esqueletos descarnados. (...) Os pais marchavam sobrecarregados de crianças que, minadas pela fome, ‘voltavam ao estado de engatinhar’”.

A BAGACEIRA (1928)

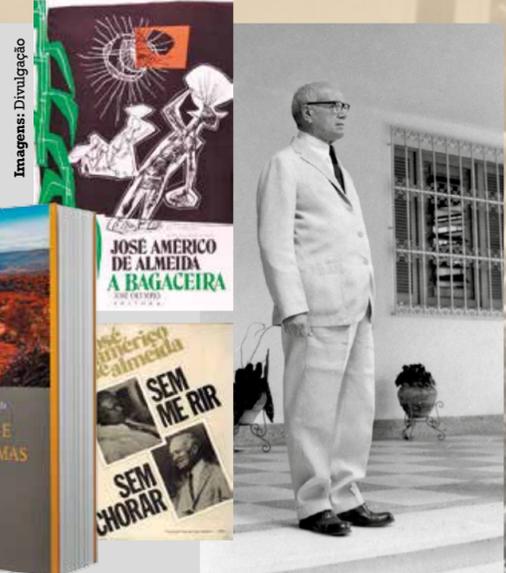
“A alma semibárbara só é alma pela violência dos instintos. Interpretá-la com uma sobriedade artificial seria tirar-lhe a alma. Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã”.

SEM ME RIR, SEM CHORAR (1984)

“A Paraíba rebelde e irreverente convertera numa chave de ouro o meu fim de carreira. E não foram somente os estudantes e o povo, as classes conservadoras da capital preparava-me grandes demonstrações de apreço, inclusive banquetes(...)”



José Américo na Academia Brasileira de Letras (em cima); com JK (abaixo) e em casa (à direita)



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Habermas e a crítica à ciência

O princípio de distinção fato x valor é fundamental à ciência, como garantia epistemológica para a objetividade do conhecimento. De um ponto de vista sociológico, não poderíamos pensar a validade desse pressuposto, sem a referência ao processo de racionalização pelo qual passaram as sociedades modernas e a separação das diversas esferas de valor – ciência, moral, política e estética. O filósofo Jürgen Habermas critica a ideia de separação entre ciência x política. A neutralidade do conhecimento, tão cara ao positivismo, é para ele ideológica. Todo conhecimento seria interessado. Por duas razões: a primeira é de natureza epistemológica. Para as ciências naturais e histórico-hermenêuticas o interesse é uma antecendência lógica – a priori. Assim, o conhecimento seria orientado na medida que visa determinado fim. As ciências naturais, por exemplo, estariam voltadas à dominação e ao controle da natureza, a partir de meios técnicos que também compreenderiam uma finalidade emancipatória – ao passo que favorecem a diminuição de limitações e necessidades impostas pela natureza. E, ainda por cima, determinaria quais são os elementos objetivamente reais na natureza, orientando nossa percepção sobre o mundo.

Por outro lado, Habermas argumenta que outro tipo de interesse moveria as ciências histórico-hermenêuticas. Sua finalidade seria a comunicação. De tal modo, o seu caráter emancipatório não estaria baseado numa lógica instrumental, mas na expectativa de entendimento mútuos entre sujeitos. A emancipação por meio do entendimento implicaria na existência de uma racionalidade comunicativa. A capacidade de elaboração de

enunciados linguísticos e a respectiva transmissão inteligível de sentido entre sujeitos, seriam características ontologicamente humanas. É a partir daí, então, que Habermas procura descobrir as condições universais de possibilidade para a ação comunicativa.

Como fossem dotadas de significação, as interações intersubjetivas poderiam ser compreendidas mutuamente. Nas situações de fala existiriam pré-condições pragmáticas para que a comunicação ocorresse adequadamente. Em outras palavras: quatro expectativas de validade. A primeira delas está baseada na expectativa de que o que se diz é compreensível a todos. Os interlocutores devem dominar os mesmos meios de comunicação – idioma, etc. –, e ainda entender o conteúdo do que se diz. Isso nos leva a inferir que determinadas situações de interação, por exemplo, entre crianças e adultos, sujeitos que por algum motivo não conseguem se comunicar em linguagem clara, não corresponderiam à situação ideal de fala.

A segunda pretensão de validade respeita à veracidade dos interlocutores: se esses parecem confiáveis ou não. Precisamos acreditar que o outro – ou vice-versa –, não está mentindo ou com algum interesse enviesado. Descobrir uma mentira não significa, necessariamente, uma refutação teórica. Desde que proposição y possa ser, ao mesmo tempo, mentirosa na esfera moral e verdadeira na esfera teórica. Isso porque a mentira é essencialmente uma categoria ética, sem qualquer força epistemológica. Desmascará-la é antes de tudo desautorizar determinado sujeito, destruindo-o moralmente. Essa perspectiva assemelha-se, em alguns aspectos, ao indivíduo cínico que representaria

papéis sociais que não acredita, apenas para manter criar determinada realidade ou autoimagem.

O mesmo, porém, não acontece quando tentamos desmascarar uma ideologia. Isso ocorre porque o desvelamento da mentira visa atingir a personalidade moral, enquanto a ideologia, algo impessoal. O motivo é bastante simples: não conseguiríamos constranger psicologicamente um conjunto de crenças e valores. Portanto, não se trata de uma questão de verdade ou falsidade, mas da eficácia social de um conjunto articulado de ideias. Desmascará-las teria como pressuposto revelar a sua natureza e função social. A ideologia é um fenômeno da cultura ligado aos sistemas sociais, que procuraria explicar e justificar a sua existência.

Se as duas expectativas de validade anteriores situavam-se mais no campo da interação, as outras duas estão na dimensão discursiva. Não dizem respeito à inteligibilidade da comunicação, nem muito menos à autenticidade do sujeito, mas ao próprio conteúdo proposicional. Tais pretensões de validade questionariam se as proposições teóricas são, em si, verdadeiras, e se determinadas normas são legítimas ou não. Assim, a única maneira de testar a verdade de uma proposição seria por meio de um debate racional que buscasse o estabelecimento de consenso. Estaríamos, nesse momento, entregues a melhor retórica, à persuasão mais convincente, de que essa afirmação ou aquela norma devem ser validadas.

Como podemos perceber, Habermas apresenta uma saída para solucionar a cisão entre a razão prático-normativa e a razão teórica. A interdição positivista cairia, então, por terra.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

60 e poucos anos

Amoça de Wando existe e mora pertinho da Avenida Ruy Carneiro. Ela é linda e mandou um vídeo de Fábio Junior cantando com Roberto Carlos, a música que fala dos vinte e poucos anos. Era sábado de Carnaval e eu estava sozinho com meus 60 e poucos anos. “Eu sou capaz de ir, vou muito mais além, do que você imagina”.

Eu não sou rebelde porque o mundo quis assim — se alguém impôs um limite à música, música nenhuma, até as sertanejas, que são adoradas por muitos, as sofrências e as canções gerais de Minas, a MPB, a Bossa Nova e o rock and roll. Os batidões são coisas do inferninho, mas, como eu prometi à moça, me viro do avesso só pra te abraçar.

O que não me assustou foi conseguir me excitar novamente com a canção de Fábio Junior, que nos embalou noutros dias, nos vinte e poucos anos e nunca houve ordem ou desordem amorosa nesse sentido, embora a vida seja rotina.

Nesse sentido, e para o próprio bem, cuidar de alguém, zelar pelo amor e até se possível embalar com o verso: “Tem gente ainda me esperando pra contar, as novidades que eu já canso de saber”, que antes imaginávamos que era o pavão que estava em cima do telhado.

Há seres do clã do Demo, outros pelo Divio — a moça é um deles, que tem jeito imperioso, mandona, bate o pé, mas não compra briga, brilha como a menina do anel de lua e estrela e seu farol é mais intenso que o meu. Coisas da vida, choque de opiniões, mas essa moça está diferente, já não me conhece mais.

Trancados ou escancarados na memória dos meus vinte e poucos, sem repetir os mesmos lugares, onde encontrávamos a toalha molhada, aquela gargalhada, até debaixo dos caracóis de seus cabelos, uma história para contar hoje, nos meus 60 e poucos anos.

A moça de Wando não me espera mais amanhã, nem na manhã, tão bonita manhã, de Antônio Maria, quando a presença do velho é a presença do novo, do desconhecido, jamais batido, endoidecido e que não deixa de surtir em nós o efeito, já feito, no mundo que já não nos prende a nada. Talvez, *love me tender, love me sweet*, mas eu não aprendi a falar inglês para lhe dizer *I love you*. Só não sei se ainda vou conseguir comprar aquela calça Lee.

Calma, moça, docemente as nossas letras iniciais ainda não foram colocadas na castanholha, talvez, amanhã de amanhã, quando a gente acordar e eu te disser que a felicidade vai desabar sobre os homens. Mas aí não sou eu, é o Tom Zé.

Calma, moça, nossos destinos foram traçados na maternidade e é não só uma “paixão cruel, desenfreada, te trago mil rosas roubadas, pra desculpar minhas mentiras, minhas mancadas”.

Não ousaria dizer mais nada à moça que me mandou o vídeo, de modo a não perder o fio desse liame imaginário, porque não há outra coisa melhor de não rezear, nem pôr termo às coisas misturadas, os gostos iguais, os perfumes, as observações e conversas intermináveis.

Moça, o tempo nunca envelhece, corpo e alma estão na mesma oração, desde os Cíclames do Líbano. Lembra?

Kapetadas

1 – Quanta besteira, quanta burrice, quanta ignorância, quanta falta de conhecimento (tava aqui lendo meus próprios textos)

2 – Calorzinho da bexiga bom para dar uns gelos.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Gritos dos invisíveis

O “grito dos invisíveis” é uma expressão relacionada à obra do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Hughes Galeano (1940–2015), especialmente em relação ao seu compromisso com a memória da dignidade coletiva, à luta contra as injustiças sociais e ao embrutecimento das políticas de Estado e de governo. A expressão dá voz àqueles que foram historicamente silenciados ou marginalizados, ou seja, aos rejeitados, aos abandonados, aos desaparecidos, e também ao desprezo sistemático que muitas dessas vozes enfrentam nas narrativas tradicionais de ódio. Essa dor social está presente com mais intensidade em seus livros *As Veias Abertas da América Latina* (publicado em 1971), *Memória do Fogo* (trilogia de 1982 a 1986) e *O Caçador de Histórias* (publicado em 2016), nos quais Galeano denuncia as injustiças sofridas pelos povos da América Latina e dá visibilidade às vidas de pessoas e comunidades ignoradas pelas versões falsas dos ditadores. O conjunto de sua obra consta de mais de 40 livros, que já foram traduzidos para diversos idiomas. Eles tratam de análise política e história. Uma das citações mais conhecidas de Galeano é: “As pessoas estavam na cadeia para que os presos pudessem ser livres”, referindo-se ao regime militar (1973–1985) de seu país. Ele defendia a importância da solidariedade, de aprender a viver sem medo e da virtude de saber ganhar e perder.

O conceito de “invisíveis”, em Galeano, aplica-se às várias camadas sociais e históricas da América Latina, entre elas estão os povos indígenas, os empobrecidos, as vítimas de ditaduras e de opressão colonial, e de um sistema econômico global que favorece uma minoria de poder econômico elitista, enquanto empobrece e marginaliza as grandes massas populares. O pensador utiliza seu pensamento crítico para tornar visíveis essas pessoas e suas histórias, muitas vezes esquecidas ou distorcidas, desumanizadas e marginalizadas pelos psicopatas no abuso da gestão política.



Galeano: memória da dignidade coletiva

Em *Memória do Fogo*, Galeano descreve as culturas, tradições e histórias dos povos indígenas, que possuíam o bem-estar social, antes da chegada dos europeus colonizadores. O “grito dos invisíveis” aqui representa o apelo para que o mundo reconheça a riqueza dessas culturas, que foram quase destruídas pela colonização. Na luta contra as ditaduras e o imperialismo, na obra *As Veias Abertas da América Latina*, o pensador critica as intervenções imperialistas na América Latina, particularmente por parte dos Estados Unidos, que impuseram ditaduras militares e ajudaram a depor governos democráticos para proteger os interesses econômicos das potências dominantes. Os invisíveis, aqui, são os milhares de pessoas que foram desaparecidas, torturadas e assassinadas por essas ditaduras. Galeano dá voz a essas vítimas e denuncia o silêncio imposto às suas memórias, muitas vezes manipuladas ou esquecidas. *O Caçador de Histórias* aborda temas como a opressão, a resistência, a injus-

tiça social, revelando as complexas relações entre as vítimas da história e os mecanismos de poder que as oprimem. Outro tema de grande importância é sua análise sobre o sistema econômico global, que mantém a desigualdade e marginaliza as grandes maiorias populares na miséria da fome e da sobrevivência humana. Por exemplo, nessas obras, ele examina como as corporações multinacionais e as elites econômicas locais exploram os recursos naturais da América Latina e enganam a população em nome do lucro. Nessa dominação, os “invisíveis” são os trabalhadores afetados pela alienação.

O grito social é a resistência contra a falta de dignidade humana. Galeano, por meio de sua escrita, busca reescrever a história e dar voz àqueles que foram silenciados. O “grito” é uma afirmação de existência, também é um desafio ao poder estabelecido para que ouça as histórias das vítimas da opressão. Esse protesto é uma exigência de justiça social e histórica para preservar a sobrevivência dos invisíveis por meio da solidariedade. Ao fazer isso, Galeano ajuda a reconstruir a memória coletiva de povos que foram apagados da história oficial.

Para Galeano, a memória é um ato político para combater a opressão e garantir que essas narrativas continuem a se propagar por meio das gerações. O “grito dos invisíveis” é a luta daqueles que foram historicamente silenciados, também é um impulso para que posamos olhar para a história de maneira mais crítica, levando em conta as vozes das vítimas assassinadas.

Sinta-se convidado à audição do 510º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 9, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clique em rádio ao vivo) pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br. Durante a transmissão, farei uma análise estética e musical de algumas peças do realismo visível do compositor tcheco Antonín Leopold Dvořák (1841-1904).



“A moça de Wando existe e mora pertinho da Av. Ruy Carneiro”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

E não deu outra!

Quem leu minha coluna Coisas de Cinema da semana passada, quando abordei as expectativas ao Oscar deste ano, aferindo o cinema brasileiro na forma em que vem sendo conduzido, ainda longe do mercado, há de convir que eu tinha razão. E reafirmo, hoje, o que falei antes: *Ainda Estou Aqui*, pelo que se viu, designou um novo panorama para o cinema brasileiro. É só seguir seus passos. Isso porque a palavra mágica é: *marketing*.

Entenda-se que o nosso cinema requer uma busca a novos parâmetros e alinhamentos de mercado, que são mecanismos atuais de criação, também de produção, sobretudo de meios de difusão. A recente manifestação pública por todo o país, quando da indicação do filme de Walter Salles ao prêmio, em três categorias, teve um peso enorme. E isso gerou uma enorme expectativa e muitas possibilidades desenharam-se durante as semanas que antecederam ao Oscar, de que o cinema brasileiro poderia caminhar pelo tapete vermelho e de *Ainda Estou Aqui* ganhar a famosa estatueta dourada.

Entre muitos, essa foi também a minha expectativa, tanto que cheguei a "apostar todas as fichas", mediante de minha coluna de domingo passado, na premiação do filme de Salles. E isso me fez focar, basicamente, na categoria de melhor filme



Foto: Reprodução

"Orfeu Negro", produção francesa, foi rodada no Brasil e ganhou o Oscar de filme estrangeiro

internacional. E não deu outra...

Embora existam algumas razões que fazem jus a essa premiação, sobre as quais já tive oportunidade de comentar anteriormente, a mais importante foi a distinta difusão sobre o próprio filme, grandes bilheterias registradas pelos cinemas, tanto de dentro como de fora do país, também uma midiática "carnavalização" momesca em todos esses dias. A verdade é que o filme de Walter Salles teve sua vez no Oscar. Mais ainda, por falar de um personagem simbólico da história política brasileira, Rubens Paiva, torturado e morto pela Dita-

dura Militar. E desse sentido político do filme, estranhamente, faltaram as manifestações de *marketings* (?) da atual direita brasileira.

E para finalizar, resgatando os 65 anos da premiação do Oscar ao filme *Orfeu Negro* (realizado nos morros cariocas, baseado na peça teatral *Orfeu da Conceição*, com elenco, música e locação toda brasileira), trago uma curiosidade que julgo "coincidente" à realização de *Ainda Estou Aqui*, também na época de hoje, em plenos festejos de Momo. Coincidência ou não? – Para mais Coisas de Cinema: acesse o nosso blog: www.alexasantos.com.br



APC reúne sua diretoria nessa quinta-feira

A Academia Paraibana de Cinema (APC) reunirá sua diretoria na próxima quinta-feira (13), para cumprimento de pauta. Entre as mais importantes, a abertura das propostas inscritas para ocupação das cadeiras 2 e 37, vagas do cineasta e do jornalista paraibanos Vladimir Carvalho e Carlos Aranha, falecidos recentemente.

O resultado com os dois nomes escolhidos às cadeiras vagas da APC será divulgado pela imprensa, oportunamente. O encontro será na sede da entidade, presidido pelo professor João de Lima Gomes, com participação de toda sua diretoria e conselheiros da instituição.

LITERATURA

Epopeia de *Hyperion* é lançada no Brasil

Eduardo Augusto
 Especial para A União

A literatura de ficção científica ganha um presente de peso com a chegada ao Brasil de *Hyperion*, obra-prima de Dan Simmons, publicada pela Editora Aleph. Considerado um dos romances mais ambiciosos e influentes do gênero, *Hyperion* é o primeiro livro da tetralogia conhecida como *Os Contos de Hyperion*, e sua publicação promete conquistar leitores ávidos por narrativas complexas, repletas de filosofia, poesia e uma visão grandiosa do futuro da humanidade.

Lançado originalmente em 1989, *Hyperion* é uma releitura moderna de *Os Contos de Canterbury*, de Geoffrey Chaucer, mas transportada para um universo distante e repleto de mistérios. A trama acompanha sete peregrinos que viajam ao planeta Hyperion, local onde se encontra o temido e enigmático *Shrike*, uma criatura divina e assassina, adorada por alguns e temida por muitos. Cada peregrino carrega segredos e motivações pessoais e, ao longo da jornada, suas histórias são reveladas, tecendo um panorama rico e multifacetado da sociedade galáctica em que vivem.

Dan Simmons constrói uma narrativa que vai além

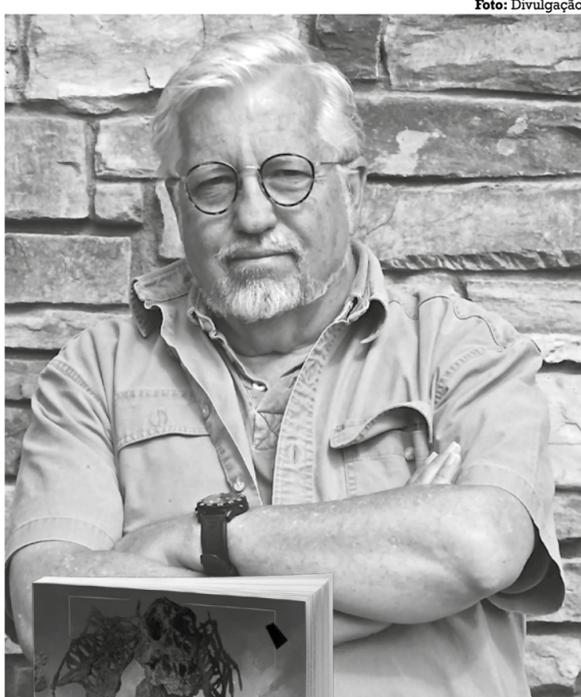


Foto: Divulgação

Dan Simmons fez uma releitura moderna de "Os Contos de Canterbury" na ficção científica "Hyperion"



HYPERION

- De Dan Simmons.
- Tradução: Leonardo Alves.
- Editora: Aleph.
- 560 páginas.
- Formato: 14 x 21 cm, em capa dura.
- Preço: R\$ 99,00

da ficção científica tradicional. *Hyperion* é uma obra que mergulha em questões profundas sobre religião, ética, tecnologia e a natureza humana. A influência da poesia de John Keats, cujo nome batiza uma das naves espaciais do livro, é um dos elementos que conferem à obra uma dimensão literária singular, unindo ciência e arte de maneira magistral.

A edição brasileira, cuidadosamente preparada pela Editora Aleph, promete fidelidade ao texto original, com tradução que busca capturar a riqueza da prosa de Simmons. O projeto gráfico, como é tradição da editora, também promete ser um atrativo à parte, valorizando a experiência de leitura.

Para os fãs de ficção científica, *Hyperion* é uma leitura obrigatória, uma jornada que desafia a imaginação e provoca reflexões sobre o futuro e o presente da humanidade. Para os novos leitores, é uma porta de entrada para um universo literário vasto e fascinante. Com sua chegada ao Brasil, Dan Simmons consolida-se como um dos grandes nomes do gênero, e *Hyperion* como uma obra que transcende o tempo e o espaço, assim como as histórias que conta.

Preparem-se para embarcar em uma das maiores aventuras já escritas. *Hyperion* aguarda.

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Acontecimentos

Alguns acontecimentos dizem muito de mim. Sou quem sou, decerto, pela ressonância magnética desses acontecimentos. Os acontecimentos forjam uma personalidade e estabelecem um destino.

Divido os acontecimentos de minha vida, aqueles que me marcaram definitivamente e com os quais convivo na memória, no pensamento, na imaginação, em três categorias básicas: os pessoais, os culturais e os históricos.

Menino de origem rural, morando em casa com curral de lado, logo cedo habituei-me a conviver com os bichos. Cavalos, jumentos, éguas, bois, novilhas, vacas de leite. Tirar leite de Manga Rosa, dia amanhecendo nos descampados do Cariri, foi um desses acontecimentos pessoais que nunca esqueço.

Tirar o leite, beber o leite, comer a coalhada, a manteiga e o queijo deu-me alguma solidez de corpo, alguma bravura nos nervos, alguma verdade no sangue. Sinto isso como uma componente principal na minha história espiritual e fisiológica.

Creio também no poder sagrado ou lendário de algumas criaturas com quem convivi. Certos espaços, sobremaneira aqueles por onde andei, pastoreando o gado, as nuvens, o sol, o silêncio, forjaram a marca indissociável de algum gesto, de muitas atitudes, dum certo jeito de ser.

Era estudante secundarista, no Colégio Estadual da Prata, em Campina Grande, e era também o dia 13 de dezembro de 1968. Fiquei estarelecido e indignado com a publicação do AI 5, dispositivo do terror e da Ditadura Militar que viria iniciar a era nublada, sombria daqueles áspersos tempos.

Vivi, portanto, a fatalidade de um acontecimento histórico que deixou muitas cicatrizes em mim e em toda uma geração. Ninguém escapa aos tacapes de um regime autoritário. A perseguição, a violência, a tortura, o assassinato, como *modus operandi* do governo militar, constituíram um acontecimento ao mesmo tempo doloroso e memorável.

O pessoal e o histórico misturam-se na minha odisseia particular. As experiências entrelaçam-se na manufatura de um temperamento e de um caráter. De certa maneira, sou o que sou porque sou o que vivi.

A descoberta de poetas, como Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Lima, para ater-me à esfera mais íntima da vida cultural e estética, isto é, a poesia, foi, sem dúvida, um dos mais decisivos acontecimentos de minha existência.

Talvez mais que um acontecimento ou, em certa medida, um acontecimento especial, uma espécie de "alumbramento", para me valer de uma palavra tão do agrado do autor de *A estrela da vida inteira*.

Sem a poesia, já disse tantas vezes, nada teria tido sentido. Entranhada nas raízes das vivências pessoais, estrumada nos ecos históricos e respondendo aos apelos culturais, ela se fez por inteiro, como o acontecimento dos acontecimentos.



Foto: Reprodução

"A descoberta de poetas como Augusto dos Anjos foi, sem dúvida, um dos mais decisivos acontecimentos de minha existência"

Colunista colaborador

TELEVISÃO

Do streaming para a TV aberta

O autor Raphael Montes fala sobre “Beleza Fatal”, que está na reta final na Max e estreia amanhã na Band

Camila Pitanga e Camila Queiroz: vilã e heroína

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A pouco mais de uma semana do lançamento de seus cinco últimos capítulos no Max, a novela *Beleza Fatal* envereda por um caminho a princípio inesperado: desenvolvida como o primeiro produto do segmento nessa plataforma de streaming, ela estreia amanhã na grade da Band, a partir das 20h30. A apresentação da trama na televisão aberta representa não apenas a retomada desse segmento na emissora como o prenúncio dos investimentos na Band no setor, já que o veículo prepara, também junto com a Max, uma novela inédita – *Romaria*, de Jayme Monjardim e Leticia Wierzchowski, prevista para os próximos anos.

Beleza Fatal narra a história de Sofia (Melissa Sampaio na primeira fase, Camila Queiroz na segunda). Quando criança, ela viu sua mãe Cléo (Vanessa Giacomini) ser presa injustamente graças às armações da tia Lola (Camila Pitanga). Sofia fica órfã e encontra acolhimento nos braços da família Paixão: Elvira (Giovanna Antonelli), a matriarca, também tem um passado trágico ligado à Lola. Elas partem, então, em busca de vingança contra sua algoz, mas

não sem esbarrar em obstáculos morais.

A novela foi escrita pelo fluminense Raphael Montes, autor de livros de sucesso como *Dias Perfeitos*. Há alguns anos, ele foi convidado para desenvolver roteiros audiovisuais, a exemplo da série *Bom Dia, Verônica*, da Netflix, mas a sua primeira incursão na teledramaturgia foi como colaborador de João Emanuel Carneiro em *A Regra do Jogo*, de 2015.

“Eu trabalhei ao lado do João, vendo ele fazer as escaletas [estrutura base do roteiro] e mandando para a equipe de colaboradores ‘abrir’ as cenas. Em *Beleza Fatal*, eu fiz exatamente o mesmo método, com a minha equipe, composta por outros quatro autores”, detalhou Montes para *A União*.

Antes de ser um romancista, o criador da história de Sofia e Lola também é um roteirista: ele cita títulos como *Vale Tudo* (1988-1989), *A Próxima Vítima* (1995) e *A Indomada* (1997) como alguns dos que mais gostou de assistir e como as primeiras inspirações para a escrita do suspense.

“Todas essas referências entram no meu trabalho de maneira natural. A delícia da novela é justamente o fato de ela ter uma marca autoral muito forte, cada

texto tem uma cara específica. Uma novela de Gilberto Braga é totalmente diferente de uma de Aguinaldo Silva, por exemplo”, afirma.



Foto: Victor Praaiçera/Divulgação

Sobre o longo tempo de “gestação” de *Beleza Fatal* para o Max (quase dois anos do início das gravações até a estreia da novela), Raphael explica que diferentemente da grande maioria dos veículos de TV aberta, que tem uma estrutura pronta, a plataforma teve de montar seu próprio estúdio, com a produtora Coração da Selva. “Quando começou a ser filmada, eu já tinha escrito os 40 capítulos. Nesse sentido, foi muito bom para que os atores pudessem saber a curva completa do seu personagem e conseguissem criar melhor, diferentemente da televisão, em que você vive ao sabor das mudanças do gosto do público, das opiniões”, ressalta.

O sucesso de seus trabalhos tem levado Raphael a eventos literários como a Feira Literária de Campina Grande (Flic), no final do ano passado. Ainda assim, ele próprio não se considera “famoso”, mas “conhecido”. Ele torce agora para que a boa recepção de *Beleza Fatal* abra caminho para outras novelas no streaming.

“Acho que o melodrama brasileiro vai sobreviver por muito tempo, porque nós, latinos, somos melodramáticos, faz parte da nossa cultura gostar de histórias com grandes romances, suspense e segredos de família”, finaliza.

Raphael Montes:
“O melodrama brasileiro vai sobreviver por muito tempo”

Em Cartaz



Cinema

Programação de 6 a 12 de março, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações o Cine RT, em Remígio, e o Cine Veira, em São Francisco. O Cine Bangüê, em João Pessoa, não tem programação nesta semana.

ESTREIAS

UMA ADVOGADA BRILHANTE. Brasil, 2025. Dir.: Ale McHaddo. Elenco: Leandro Hassum, Ale McHaddo, Bruno Garcia, Fernando Alves Pinto, Danilo Gentili, Ary França, Nany People. Comédia. Advogado precisa se disfarçar de mulher para manter o emprego. 1h35. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 14h30. CENTERPLEX MAG 4: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dom.: 13h45, 16h, 18h15, 20h50; seg. a qua.: 16h, 18h15, 20h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 19h15, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 3: 20h50. CINESERCLA TAMBIA 5: 15h, 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: 15h, 19h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: 17h25, 19h20, 21h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 17h20, 19h20, 21h20.

MICKY 17 (*Mickey 17*). Coreia do Sul/EUA, 2025. Dir.: Bong Joon Ho. Elenco: Robert Pattinson, Steven Yeun, Mark Ruffalo, Toni Collette. Aventura/comédia. Soldado é base para clones que podem morrer realizando tarefas perigosas na colonização de um planeta gelado. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 16h30, 19h30, 22h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h10, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h10, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: sab. e dom.: dub.: 14h45. CINE GUEDES 2: dub.: 18h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h40. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 14h35.

NA SUA PELE – A SÉRIE MARKED MEN (*Marked Men*). EUA, 2025. Dir.: Nick Cassavetes. Elenco: Chase Stokes, Sydney Taylor. Romance. Típica boa garota é apaixonada secretamente por amigo bad boy, mas uma noite de bebedeira muda tudo. 1h33. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 16h40. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 19h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 16h30; seg. a qua.: 16h30, 18h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h20, 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h20, 18h50.

ESPECIAL

BAEKHYUN – LONSDALEITE (*Baekhyun – Lonsdaleite in Cinemas*). Coreia do Sul,

2024. Dir.: Kim Ha-Min e Oh Yoon-Dong. Documentário/show. Registro da turnê do cantor coreano. 1h51. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: dom.: 19h; seg. e qua.: 15h.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Márdila, Maeve Jinkings. Drama. Mulher precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura brasileira. Vencedor do Oscar de Filme Internacional. Vencedor do Globo de Ouro de atriz/drama. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 20h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 20h45. CINESERCLA TAMBIA 2: 20h20. CINESERCLA TAMBIA 3: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 20h20. CINESERCLA PARTAGE 5: 18h10.

ATTACK OF TITAN – O ÚLTIMO ATAQUE (*Shingeki no Kyojin – The Last Attack*). Japão, 2024. Dir.: Yuichiro Hayashi. Animação/aventura. Homem transformado em titã quer destruir a humanidade e seus amigos tentam impedi-lo. Compilação dos dois episódios finais da série. 2h25. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h45.

O BRUTALISTA (*The Brutalist*). EUA/Reino Unido/Canadá, 2024. Dir.: Brady Corbet. Elenco: Adrien Brody, Felicity Jones, Guy Pearce, Stacy Martin, Alessandro Nivola. Drama. Arquiteto visionário chega aos EUA após a Segunda Guerra para reconstruir a vida e testemunha o nascimento da modernidade. 3h34. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 19h.

CAPITÃO AMÉRICA – ADMIRÁVEL MUNDO NOVO (*Captain America – Brave New World*). EUA, 2025. Dir.: Julius Onah. Elenco: Anthony Mackie, Harrison Ford, Danny Ramirez, Shira Haas, Tim Blake Nelson, Giancarlo Esposito. Aventura. O novo Capitão América se vê no meio de um incidente internacional. 1h58. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h30; leg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 15h, 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h30, 17h, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 18h10, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 18h50, 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 18h30, 20h50.

UM COMPLETO DESCONHECIDO (*A Complete Unknown*). EUA, 2024. Dir.: James Mangold. Elenco: Timothée Cha-

lamet, Monica Barbaro, Elle Fanning, Edward Norton. Drama. Aos 19 anos, um ainda desconhecido Bob Dylan chega a Nova York para iniciar sua ascensão musical. Indicado a 8 Oscars, incluindo Filme, Direção, Ator, Ator Coadjuvante e Atriz Coadjuvante. Vencedor do SAG de Ator. 2h21. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: leg.: 19h.

CONCLAVE (*Conclave*). Reino Unido/EUA, 2024. Dir.: Edward Berger. Elenco: Ralph Fiennes, Stanley Tucci, John Lithgow, Isabella Rossellini. Drama. Cardeal se vê no centro de uma conspiração durante o processo de eleição do próximo papa. Vencedor do Oscar de Roteiro Adaptado. Vencedor de 4 Baftas: Filme, Filme Britânico, Roteiro Adaptado e Montagem. Vencedor do SAG de Melhor Elenco. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h.

FÉ PARA O IMPOSSÍVEL. Brasil, 2025. Dir.: Ermani Nunes. Elenco: Vanessa Giacomini, Dan Stulbach. Drama/religioso. Pastora tenta se recuperar de grave agressão física e inspira pessoas. 1h40. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: qui. a ter.: 15h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h15. CINESERCLA TAMBIA 2: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 18h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: 14h40.

FLOW (*Flow*). Letônia/Bélgica/França, 2024. Dir.: Gints Zilbalodis. Aventura/animação. Fugindo de uma enchente, gato se refugia em barco com outros animais que, juntos, tentarão sobreviver. Vencedor do Oscar e do Globo de Ouro de Filme de Animação. 1h25. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: dom.: 13h30, 15h30, 17h20; seg. a qua.: 15h30, 17h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: 15h.

O HOMEM-CÃO (*Dog Man*). EUA, 2025. Dir.: Peter Hastings. Animação/comédia. Herói que é meio homem, meio cão, defende a cidade de supervilão felino. 1h29. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h45, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h30, 17h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h10, 16h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: 14h10, 16h10. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 14h50, 16h50; seg. a qua.: 16h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h30, 16h30; seg. a qua.: 16h30.

O MACACO (*The Monkey*). EUA/Reino Unido/Canadá, 2025. Dir.: Osgood Perkins. Elenco: Theo James, Elijah Wood, Tatiana Maslany. Terror. Gêmeos descobrem antigo

macaco de brinquedo e mortes começam a acontecer. 1h38. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h15, 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 15h45, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 15h15, 17h30, 19h45; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h15, 18h45, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 17h, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 17h, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h40, 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h40, 21h20.

MUFASA, O REI LEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/animação/infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h.

PEQUENAS COISAS COMO ESTAS (*Small Things Like These*). Irlanda/Bélgica/EUA, 2024. Dir.: Tim Mielants. Elenco: Cillian Murphy, Emily Watson, Abby Fitz. Drama. Na Irlanda de 1985, homem descobre segredos perturbadores sobre o convento local. 1h38. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h40.

ÚLTIMO ALVO (*Absolution*). EUA, 2024. Dir.: Hans Petter Moland. Elenco: Liam Neeson, Daniel Diemer, Javier Molina. Crime. Gangster veterano tenta corrigir erros do passado. 1h52. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 21h.

Teatro

HOJE

A CAUSA SECRETA. Do Coletivo de Teatro Alfenim. Baseado na obra de Machado de Assis. Classificação: 14 anos.

João Pessoa: COLETIVO DE TEATRO ALFENIM (R. José Gonçalves Júnior, 182, Castelo Branco). Sexta e domingo, 19h30, e sábado, 17h30 e 19h30, até 6 de abril. Entrada franca, com ingressos limitados distribuídos uma hora antes de cada sessão.

Música

HOJE

SAMBA PARATHYBA. Show do grupo de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 9/3, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba com artistas paraibanos interpretando músicas autorais e clássicas.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 10/3, 21h30. Ingressos: de R\$ 15 (meia/1ª lote) a R\$ 50 (no local e no dia), antecipado na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

CADA CABEÇA, UM MUNDO. Coletiva com João Neto, Daniel da Hora, Odegene Graça e João Peregrino.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, das 9h às 18h, e sábado e domingo, das 10h às 18h, até março de 2025. Entrada franca.

DANIEL DA HORA. Exposição *Descaminhos, Imagem e Derivação*, com conjunto misto de linguagens artísticas de Daniel da Hora, sobre iluminação pública, fios e cabos.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, das 9h às 18h, e sábado e domingo, das 10h às 18h. Entrada franca.

OS ENCANTADOS – TERRITÓRIO DE QUILOMBOS E TERRA DA JUREMA. Fotografias da francesa Romane Iskaria, com a colaboração do professor Osvaldo Falcão, e curadoria de Serge Huot.

João Pessoa: USINA ENERGISA (R. João Bernardo de Albuquerque, nº 243, Tambiá). Visitação até dia 20, de terça a sábado, das 13h às 18h. Entrada franca.

FOTOFOBIA. Coletiva com 33 fotógrafos sobre o Carnaval.

João Pessoa: HOTEL GLOBO (Largo de São Frei Pedro Gonçalves, nº 7, Varadouro). Visitação das 8h às 18h, até 16 de março. Entrada franca.

LENEC MOTA. Fotógrafo apresenta a exposição *A Saga do Vaqueiro*.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Abertura sexta, 7/3, 17h. Visitação até 7 de junho. Entrada franca.

MULHERES NA POLÍTICA

Representatividade ainda é pequena

Maioria da população e do eleitorado, elas ocupam poucos espaços de lideranças; Paraíba é uma exceção

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

Março é o mês que celebramos e refletimos sobre as condições das mulheres na sociedade, por conta do Dia Internacional da Mulher. Na Paraíba, as mulheres ocupam cada vez mais espaços de liderança, mas ainda são sub-representadas, visto que são a maioria da população, com aproximadamente 51% dos habitantes.

Na Paraíba, as mulheres vêm ocupando lugares de decisão importantes. No judiciário, a desembargadora Herminegilda Leite Machado assumiu, em janeiro deste ano, a presidência do TRT-13, para o biênio 2025-2026, juntamente com desembargadora Rita Leite Brito Rolim, como vice-presidente e corregedora, o que representou a primeira vez que duas mulheres assumem a Mesa Diretora da Corte.

Nas eleições de 2024, a vereadora Jailma Carvalho (PSB) foi a segunda mais votada em João Pessoa, com 10.127 votos, sendo a mulher mais votada. Na capital, dentre as 29 cadeiras disponíveis para a Câmara de Vereadores, somente duas são ocupadas por mulheres, com Jailma Carvalho e Eliza



Ministra Cármen Lúcia: “Necessidade de uma sociedade mais inclusiva e igualitária”

Virginia (PP). Em Campina Grande, a vereadora Jô Oliveira (PC do B) foi a primeira parlamentar negra a ser eleita e a mais votada em todo o pleito, com 5.178 votos. A Rainha da Borborema possui uma maior representatividade feminina em sua Casa legislativa, mas ainda não alcançou a maioria. Na última eleição, o município elegeu oito vereadoras das 23 cadeiras disponíveis.

A vereadora Waléria Assunção (PSB) também foi uma das mulheres que assumiu o

mandato pela primeira vez em Campina Grande e salienta a importância das mulheres ocuparem lugares de decisão para “levar as pautas da mulher também através do legislativo”. Para a vereadora, “existe ainda uma lacuna muito grande no serviço público para atender as mulheres, as mães, inclusive muitas mães de crianças atípicas que deixam de trabalhar para cuidar dos seus filhos e que não tem assistência devida. [...] A falta do emprego para as mulheres que são vítimas de

violência doméstica e tentar capacitá-las, tirá-las desse ciclo de violência que, muitas vezes, há uma dependência financeira”.

A parlamentar ressaltou ainda que o Dia Internacional da Mulher deve ser considerado um momento para fortalecer a luta por igualdade e direitos para as mulheres, buscando união e apoio mútuo para conquistar seu espaço na sociedade. Para ela, o oito de março é “uma data comemorativa, mas acima de tudo uma data para que, cada vez mais, a mulher



Valéria Assunção: “Levar pauta da mulher ao Legislativo”

conquiste o seu espaço de direitos, de igualdade na sociedade e que juntas a gente consiga fortalecer umas às outras”.

De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a Paraíba possui uma população de 3.974.687 habitantes, crescendo aproximadamente 5% em relação ao censo realizado em 2010. Atualmente, as mulheres representam cerca de 51% da população no estado, com 2.055.832 mulheres.

Conforme o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a Paraíba apresenta um eleitorado majoritário de mulheres desde as eleições de 2012, com uma proporção de 53% de mulheres para 47% de homens. Vale ressaltar que esse cenário teria sido alterado neste ano, pois o ano eleitoral de 2012 é o limite disponível na plataforma do TSE. Nas eleições de 2024, o estado apresentou um eleitorado de 3.225.312 pessoas aptas a votar, sendo 1.696.849 de mulheres e 1.528.463 de homens.

Ministra destaca participação em espaços de decisão na democracia

A Câmara dos Deputados realizou, no dia 26 de fevereiro, uma sessão solene em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, na Câmara dos Deputados, conduzida somente por mulheres. A ocasião deu início ao mês de debates e ações em prol da igualdade de gênero na Casa e contou com a participação de parlamentares e autoridades, como a participação da Ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, e da ministra e presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Cármen Lúcia.

A ministra Cida Gonçalves destacou a participação das mulheres em espaços de decisão reforçando que “só a democracia é que vai nos garantir possibilidade de poder estar nos espaços de poder, de poder usar as nossas vozes, os nossos corpos para que nós possamos de fato dizer quais são as necessidades e lutar por igualdade”. A ministra ainda chamou atenção para o direito de votar das mulheres, reconhecido há 93 anos, com o estabelecimento do primeiro Código Eleitoral.

“Nós estamos aqui para refletir sobre o 8 de março deste ano, mas também para comemorar os 93 anos do voto feminino. E que ironia a gente pensar que há 93 anos nós estamos conquistando o voto feminino, mas que nós somos menos de 20% nos espaços de poder. Que ironia nós pensarmos que nós mulheres, há 93 anos, conquistamos o direito de votar e ser votada e nós continuamos com os desafios ainda de sermos votada”, indagou a ministra.

A ministra Cármen Lúcia fez um apelo à sociedade para que se engaje na luta contra a violência contra a mulher, lembrando que a Constituição brasileira garante a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres. Segundo a ministra, “nós não estamos pedindo mais direitos, nós queremos a efetividade jurídica e social dos direitos, porque nós temos direitos, temos Constituição no Brasil, temos uma democracia que só se efetiva quando nós tivermos este princípio da igualdade, especificamente, socialmente, juridicamente, economicamente, cumprido e implementado”.

A presidente do TSE ainda criticou a participação das mulheres em cargos de poder apontando a necessidade de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde “nós não tenhamos que ser permanentemente as guerreiras”. Segundo a ministra, isso ocorre pois a sociedade “ainda não introjetou, não se permeabilizou o suficiente para dizer: humanas e humanos somos todos os seres da humanidade atual e que nós queremos [...] uma vida que seja realmente uma aventura e não uma permanente luta, como se mulheres e homens não pudessem se entender e devem se entender, porque temos todos o mesmo objetivo na vida que eu acho que é próprio de todo mundo, o direito de tentar ser feliz”.

De acordo com o Sistema de Monitoramento sobre Mulheres na Política, do Observatório Nacional da Mulher

“**Nós estamos aqui para refletir sobre o 8 de março deste ano, mas também para comemorar os 93 anos do voto feminino**”

Cida Gonçalves

na Política da Câmara dos Deputados, a Paraíba possui 13 deputados eleitos, todos homens. Além da Paraíba, Alagoas, Amazonas, Piauí e Tocantins também não possuem nenhuma deputada eleita. No Senado, das três cadeiras para a Paraíba, uma é ocupada por uma mulher, a senadora Daniella Ribeiro. Nas eleições municipais de 2024, a Paraíba registrou 8.774 candidaturas para o cargo de vereador, sendo 34,92% femininas. Proporcionalmente, o estado ficou em 21º lugar em candidaturas femininas, estando à frente de Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Alagoas e Rio de Janeiro. Para o cargo de prefeito, foram 512 candidaturas, sendo 21,88% femininas. Com isso, o estado ficou, proporcionalmente, em 4º lugar em candidaturas femininas, ficando atrás de Sergipe, Rio Grande do Norte e Roraima.

radiotabajara.pb.gov.br/festivaldemusica

8º Festival de MÚSICA da PARAÍBA

Inscrições até 13 de março

FUNESC EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO GOVERNO DA PARAÍBA

Memórias

A União

Ousadia e trabalho inédito criaram raízes e marcaram época na Redação

Uma tira de quadrinhos enviada para o jornal acabou seduzindo o editor-geral, que abriu espaços para a filosofia, o protesto e os gritos de Maria em defesa das minorias, da diversidade e dos anseios por liberdade política

Luiz Carlos Sousa
lnhujp@gmail.com

Das muitas histórias contadas neste espaço, esta é mais uma cheia de detalhes ricos em criatividade, persistência, invenção mesmo. Trata-se da personagem Maria, criada pelo jornalista e professor da UFPB, Henrique Magalhães. Ele chegou à Redação nos anos 70 e apresentou o projeto para publicar tiras no jornal, com uma personagem que não cabia em si de tanto que tinha para dizer: Maria. Ela e Henrique se confundiram muitas vezes, um sendo o porta-voz do outro, com posicionamentos bem definidos sobre política, diversidade, filosofia e dramas cotidianos. Para o Memórias A União, Henrique Magalhães conta como a personagem surgiu, sua evolução e seus incentivos para novos artistas que seguiram essa linha de criatividade e trabalho. E, aqui, mais um reconhecimento ao papel de A União, como acolhedora e incentivadora de talentos. “Tenho muito orgulho e foi um prazer passar por aqui. A União também foi minha escola”.

Entrevista

■ **Que caminhos o trouxeram para A União?**

É muito bom me reencontrar aqui na A União. Nós somos contemporâneos de curso de Comunicação, e é um grande prazer estar participando desse projeto de documentação das pessoas que passaram por esse jornal, que foi tão importante para tantas pessoas.

■ **É uma memória, porque aqui quem tem história com A União, a gente está tentando que venha para cá, sentar nessa cadeira que você está para contar as suas histórias. Você começou com os quadrinhos, com Maria?**

Os jornais na Paraíba começaram a atualizar o seu parque gráfico – O Norte, A União, depois O Correio da Paraíba –, que passaram da impressão tipográfica para a impressão off-set. E com isso possibilitou a inclusão de tiras nos jornais, porque fazer como clichê era muito caro e muito trabalhoso.

■ **Inviável?**

Exatamente. Então, quando passou a ser off-set, algumas pessoas iluminadas do jornalismo, e que tinham uma relação muito próxima com os quadrinhos – por exemplo, Antônio Barreto Neto e Deodato Borges –, abriram espaço para as tiras, o que possibilitou o acesso de alguns quadrinistas novos que estavam nascendo naquele momento para os quadrinhos, entrarem para o jornal, publicarem as suas primeiras tiras. Assim, quando comecei a fazer Maria, em 1975, vendo essa abertura do Jornal A União, enviei as primeiras tiras de Maria para o jornal.

■ **Você mesmo tomou a iniciativa?**

Sim, de oferecer o material. Eu enviei para que fosse analisada. Na época, quem dirigia era Barreto Neto e tinha também Marcos Tenório, que era um fã alucinado por quadrinhos. Era jornalista, editor e recebeu as tiras de Maria e fez uma resenha crítica sobre aquela personagem. E foi fantástico porque foi a primeira crítica em relação a Maria e foi extremamente positiva.

■ **Maria já era um personagem ou você estava começando ali com ela?**

Não. A primeira publicação foi nessa resenha. Foi a primeira tira que saiu na resenha. Eu tinha acabado de

Não. Aconteceram alguns problemas pequenos, pontuais, mas insignificantes, dentro da trajetória de A União. Por exemplo, quando uma personagem gritava pela anistia, havia um certo receio de alguma reação do sistema, porque o jornal era o jornal oficial. Mas então eu entendi que era a situação onde ela estava sendo publicada.

■ **Algum outro problema?**

E teve um problema também com a Alagamar, que era tema proibido de ser tocado. E eu, com a minha irreverência e com a minha rebeldia, fiz uma série de tiras sobre a Alagamar, e foi um confronto com o jornal. Realmente, ela deixou de sair nesse momento. Mas, assim, foram pontuais dentro da longa trajetória que Maria tem em A União.

■ **Você falou que Maria gritava pelos direitos dela, alimentava aquele sonho de casar, de ser uma mulher com aquelas características da época, lutava pela felicidade. Casada ou não, o importante era ser feliz?**

Agora, tem um elemento muito interessante, porque isso foi o início, quando eu observava a relação das minhas tias, que eram solteironas, e como elas se sentiam discriminadas e meio ofendidas porque estavam isoladas, como se tivessem sido rejeitadas pela cultura, pelos homens, por tudo. E isso se refletiu em Maria. Depois, quando entrei na universidade, ela se tornou extremamente política contra o arbítrio. E, em seguida, com a abertura, criei, junto com um grupo de amigos, o primeiro grupo gay na Paraíba. Eu estava assumindo a minha homossexualidade e Maria então passou a refletir esse momento também, se tornando lésbica, tendo a relação amorosa com outra personalidade

■ **Foi um suplemento editado por Wilma Wanda?**

Exatamente, que foi a “mãezona” para os quadrinistas paraibanos. Ela acolheu todo mundo que estava começando a fazer quadrinhos.

■ **Como foi que Maria começou aqui? Dedicada só ao público infantil?**

Fiz algumas experiências com quadrinhos infantis que saíram no Jornal Pirralho. Mas Maria já começou como uma tira adulta. Só que tinha outro perfil: era uma mulher que estava atrás de um casamento, era uma solteirona, que eram as mulheres discriminadas na época. Então, nesse sentido, ela já nasceu política, porque ela dava o empoderamento às mulheres de lutar pelo seu prazer, pela sua felicidade, mesmo que fosse dentro de um casamento. Não ficava esperando que o homem tomasse a iniciativa, já tinha um elemento político aí. Só que, quando eu entrei na universidade, um ano depois da criação de Maria, houve uma revolução na minha cabeça.

■ **O que houve?**

Porque eu me confrontei com todo tipo de movimento político contra a Ditadura Militar. E Maria passou a refletir esse novo posicionamento que eu estava tendo, essa nova realidade que estava se abrindo para mim.

■ **E isso se refletiu obviamente nas tiras de Maria?**

Exatamente. Maria foi sempre minha porta-voz. Eu sou meio tímido, meio fechado e meio calado, mas Maria grita por mim. E, com isso, ela conseguiu ser a voz de muitas pessoas que não tinham espaço para dizer o que pensavam e se identificavam com as tiras de Maria, que eram extremamente críticas.

■ **Você nunca teve nenhuma dificuldade com A União?**



“Quando comecei a fazer Maria, em 1975, vendo essa abertura do Jornal A União, enviei as primeiras tiras”



Henrique Magalhães se diz orgulhoso de sua passagem pela A União, que ele considera uma grande escola do jornalismo

guida, passou a ser diária. Foi um desafio enorme. Você tem que ter uma ideia nova todo dia.

■ **E você ainda era aluno do curso de Comunicação?**

Na verdade, eu era aluno de Arquitetura. Eu entrei em Arquitetura na universidade. Fiz de 1976 até 1980. E aí eu desgostei da prática do desenho tão formal, com instrumentos, e meu desenho ainda era livre com Maria. Então eu fiz outro vestibular, para Comunicação, e fui fazer Jornalismo, porque eu já estava dentro dos jornais; antes mesmo de ser jornalista, já estava trabalhando dentro dos jornais com Maria.

■ **Maria já era uma dama da Redação?**

É. Também participei da Redação como redator e, em algum momento, fazia resenhas e textos opinativos para publicar.

■ **Você também trabalhou escrevendo no jornal, não só escrevendo o texto de Maria?**

Fazia opinião, resenha, artigos e, durante um mês ou dois, trabalhei dentro, como redator, quando era lá na General Osório.

■ **Já foi nos anos 80?**

Já estava estudando Jornalismo na universidade.

■ **Muito preconceito com a dona Maria no início?**

Acontece que Maria criou uma empatia grande com o público universitário, que era o público que, de certa forma, ou trabalhava na A União ou lia A União, porque era um jornal que tinha pessoas muito esclarecidas.

■ **E o debate na universidade também favorece? Você pode até não concordar com uma opinião, mas respeita?**

Sim, sim. Então Maria foi realmente acolhida por um grande público, porque saía nas tiras diárias, na A União e também no Jornal O Norte; tinha uma amplitude muito grande. E as pessoas estavam cansadas daquele sistema de repressão. E Maria batia exatamente nesse ponto de liberdade, de liberdade de expressão, de escolher os

seus representantes, de comportamento, em seguida, de comportamento das minorias, como a gente dizia na época: feministas, gays e lésbicas, movimento negro, movimento indigenista, em defesa dos indígenas. Então tudo isso estava refletido dentro de Maria. Então abria um leque muito amplo de leitores que se identificavam com ela.

■ **Quando foi que você sentiu, pegou um lápis, criou e deu características definitivas a Maria? Por exemplo, por que Maria seria uma tira e não outro tipo de história, um romance?**

Ótima questão. Fui um leitor muito enfático dos quadrinhos. Eu comecei a me alfabetizar com os quadrinhos. E desde cedo me apaixonei por aqueles personagens, super-heróis e infantis. Luluzinha para mim é uma referência. Depois Mafalda é uma referência. Veja que são duas do sexo feminino. Só que eu não encontrava personagens fortes como mulheres. Eu fiz uma pesquisa nas bancas para ver o que estava sendo publicado. Então, a mulher era a noiva de Super-Homem, era a noiva de Fantasma, sabe?

■ **Batgirl?**

É, Batgirl. Sempre em segundo plano, sempre como quadrinho do herói. Eu disse: “Olha, tem alguma coisa aí. Não há mulher como protagonista. Vou pegar uma brecha e tratar da questão da mulher”. Primeiro porque eu tinha uma identificação com as mulheres, em termos de emoção, da sensibilidade. Me identificava demais. E aí eu observei que as minhas tias passavam por problema grave de rejeição. Eu disse: “Olha, é um bom tema para ser abordado e um tema inédito dentro dos quadrinhos”. Então foi a partir daí que eu construí isso. Agora, a questão de fazer tiras, não histórias longas, é porque eu lia muitas tiras. Também lia a história longa de aventura, mas a história longa exige um fôlego que eu não tinha na época.

■ **De quem você se lembra que estava aqui também?**

Emir Ribeiro com Velta, Tonio – o Conde era o personagem dele. O trabalho de Tonio também me chamou muita atenção, porque ele tem um traço extraordinário, dos mais personalistas, dos mais pessoais e identificáveis que eu conheço. E tinha também Domingos Sávio. Tinha muita gente que vinha publicar ou mandava. Eu vinha aqui, eu gostava de ambiente de jornal.

■ **Você disse que era difícil, na tipografia,**

palmente as tiras que são politizadas, como as tiras de Henfil. As tiras de Edgar Vasques, e mesmo Charlie Brown tinha elementos poéticos que me interessavam, e Mafalda, que me seduziu completamente porque era uma menina que, em três tiras, em três quadros ou quatro, dizia um algo filosófico. Incrível.

■ **Que remetia ao pensamento?**

Exatamente. Então, foi aí que me pegou. Eu disse: “Não, eu tenho que fazer isso, porque é rápido”. Eu não tinha segurança no desenho. Então eu comecei a esboçar, comecei a trabalhar o desenho nessa época, e aí precisava que a coisa resultasse rapidamente também. Então fazer uma história longa era muito complicado para mim.

■ **Além do fato que o jornal sai todo dia...**

Exatamente. E também era a questão política: em poucas palavras, atingia mais gente do que uma história longa. Eu não queria fazer aventura, eu queria fazer crítica. A tira era adequada para crítica, mais do que uma história longa.

■ **Como foi sua convivência com Barreto Neto?**

Tranquilíssimo. Tanto Barreto quanto Tenório ficaram amigos. Amigos de eu vir aqui na A União, trazer as tiras e conversar, porque eles tinham um universo comum que eram os quadrinhos. Barreto também gostava de quadrinhos. Ele entusiasmava-se com toda essa geração que estava vindo para A União publicar os seus quadrinhos.

■ **De quem você se lembra que estava aqui também?**

Emir Ribeiro com Velta, Tonio – o Conde era o personagem dele. O trabalho de Tonio também me chamou muita atenção, porque ele tem um traço extraordinário, dos mais personalistas, dos mais pessoais e identificáveis que eu conheço. E tinha também Domingos Sávio. Tinha muita gente que vinha publicar ou mandava. Eu vinha aqui, eu gostava de ambiente de jornal.

■ **Você disse que era difícil, na tipografia,**

fazer tiras porque o trabalho em diu-nal, tinha que fazer um clichê.

Pois é, uma coisa complicada.

■ **Depois veio o off-set. E depois veio o computador, a internet aí. Como foi a adaptação? Como é que Maria foi se virando?**

Acho que era importante para os quadrinhos, e os jornais perderam ao abandonarem as tiras. A tira dinâmica é um reflexo do dia a dia, do que está acontecendo. Se não tem tiras nos jornais, você vai fazer tira para guardar ou então para lançar uma revista uma vez no ano, parece que fica um pouco deslocado. Então, o espaço da tira, principalmente, é o jornal.

■ **Até porque as discussões, às vezes, são imediatas?**

Exato. Não dá para conversar amanhã sobre Trump hoje, por exemplo.

■ **Imagina Maria criticando Trump.**

Para ser daqui a seis meses ou sei lá. O jornal é o espaço da tira. Agora, hoje, claro que eu passei um período meio parado, porque não tinha como publicar mais. Os jornais abandonaram as tiras, todos os jornais da Paraíba. Passei a publicar na internet. Eu tenho um site da Marca de Fantasia, que é minha editora, que sai sempre tiras lá. E também eu mando as tiras que eu faço atualmente, que são muito atuais, refletindo o momento. Publicava no Instagram, mas me voltei com as novas diretrizes do Instagram, apaguei tudo e mando para uma lista de contatos do WhatsApp. E as pessoas aí repassam, se quiserem, mas eu tenho a lista de contatos, que eu publico, a ativa.

■ **E mantém a personagem viva.**

Até hoje, 50 anos. E é um fenômeno, eu acho, porque qual a personagem que tem 50 anos de existência e continua atuando? É difícil.

■ **E Maria soube preservar o espaço dela, está na internet?**

Tem um site dela dentro da Marca de Fantasia, com a história dela, revistas digitais para baixar gratuitamente. Está tudo lá.

■ **Você publicou Maria, citou aqui, na A**



“Quando eu paro de fazer Maria, eu sinto falta. Quando eu estou fazendo, me delicio com as brincadeiras”

União e em O Norte. E em algum jornal nacional?

Não. Publiquei em alguns fanzines, alternativas, no Diário de Pernambuco por um período e publiquei no Algarve, que é um jornal de Portugal. Também publiquei semanalmente umas tiras. Atualmente, tenho quatro livros de Maria lançados em Lisboa, Portugal, pela Editora Polvo, de Rui Brito, que é um amigo meu que começou fazendo fanzine comigo, como eu, nos anos de 1980, e que hoje tem uma editora. Como eu tenho a Marca de Fantasia, ele tem a Editora Polvo. E, lá em Portugal, já saíram quase quatro livros de Maria.

■ **Com o mesmo sucesso daqui?**

Sim, sim. Mesmo com outra realidade cultural. O lance é assim: o livro reúne as tiras; só que eu tenho tido a preocupação em fazer uma tira que seja tanto local quanto universal. Por exemplo, eu não cito o nome de pessoas, de políticos, porque ficaria coisa da realidade local. Mas eu cito uma situação política que tanto pode vigorar no país quanto fora do país. Foi uma aprendizagem que eu fui lidando e trabalhando durante essa trajetória de Maria.

■ **Henrique, Maria, além de ser um desafio profissional, é um divertimento para você?**

Quando eu paro de fazer Maria, eu sinto falta. Quando eu estou fazendo, me delicio com as brincadeiras que eu posso trabalhar, com as críticas ferinas.

■ **Com a criatividade mesmo?**

Exatamente, de estar mexendo na ferida da sociedade, da cultura, da política. Eu rio quando eu estou fazendo Maria, é muito divertido. Para mim é como se fosse até uma terapia, de botar para fora meus rancores, a minha revolta, a minha indignação. É assim que eu vejo Maria.

■ **E você, além do incentivo de Marcos Tenório, da receptividade que Barreto Neto teve para o trabalho, como foi a sua experiência fora d'A União, em O Norte, por exemplo?**

Foi tranquila, foi muito boa, porque quem dirigia lá o setor de cultura era Deodato Borges. Deodato é o pai dos quadrinhos paraibanos. Então tinha uma relação extremamente pessoal, íntima, próxima, entusiasta.

■ **A publicação de Maria sofreu alguma interrupção?**

Maria passou um tempo parada. No início dos anos 2010, 2012, por aí, ela voltou para A União, porque houve uma abertura, mas só que revezando com outras personagens de outras pessoas, o que foi muito bom. A gente passou uns dois anos fazendo isso. Aí depois parou novamente. Mas, quando veio a eleição do ex-presidente, que eu não gosto de citar o nome, eu disse: “Não é possível Maria ficar calada”, porque eu também não podia ficar mais calado. Eu tinha que voltar, e Maria voltou com toda a força, fazem

do, em vez de tiras, páginas. Era uma tira ampliada para uma página. Isso levou uns três anos, eu fazendo esse posicionamento político.

■ **E talvez tenha sido o posicionamento mais político de Maria ao longo da história dela.**

Exatamente. Porque foi extremamente angustiante viver novamente o que eu tinha vivido na Ditadura. Eu disse: “Olha, eu estou repetindo o discurso de crítica, de revolta de Maria”. E eu fazia isso nos anos 70 e já tinha superado. Mas o momento era tão urgente, tão alarmante, que eu tinha que fazer isso. E aí voltou até hoje. Eu continuo fazendo, mas até de uma forma hoje mais poética, mais filosófica, mais humorada do que de protesto.

■ **E a coluna “Mídias em Destaque”?**

Como foi? Foi no momento em que A União era tablóide e passou a ser, novamente, standard. O primeiro texto que eu fiz foi criticando a mudança de novo do formato.

■ **Você preferia o tablóide?**

Eu preferia o tablóide, achava que era mais moderno, mais prático de folhear. Eu achava que era uma tendência mundial, como o Liberação, como os jornais na Argentina, na Espanha, em Portugal. O tamanho standard, acho que dificulta a leitura. Mas, enfim, era uma coisa muito pessoal.

■ **Maria já tem 50 anos?**

Está fazendo. Vai fazer 50 anos agora em julho.

■ **Você tem a primeira tira?**

Não tenho o original.

■ **Mas tem essa que foi publicada no jornal?**

Tenho. Ela está no livro que está saindo aqui pela Editora A União. Eu tenho um livro que está saindo pela A União, que é uma antologia, onde eu trabalho, mostro todas as fases, até as mais simplórias no desenho, até chegar à atualidade. Eu fiz questão de mostrar a evolução da personagem dentro do contexto político de cada momento.

■ **Já tem título?**

Tem: “Maria Humor e Provocações”. A cara de Maria está em processo de produção. Acho que, em uns dois meses, deve estar pronto. Fiz toda a produção, toda a edição com a revisão do pessoal da editora.

■ **Como surgiu essa ideia desses 50 anos no livro?**

Essa ideia já existia, eu ia fazer de todo modo. Se não saísse pela Editora A União, eu ia fazer pela Marca de Fantasia. Mas para mim, quando eu recebi o convite por Alexandre Macedo, fiquei encantado porque Maria voltaria à casa onde nasceu.

■ **É como se fosse um “Na volta ninguém se perde”, como diz a famosa frase de José Américo?**

É uma homenagem que A União

faz a Maria. Eu fico extremamente agradecido por ter esse trabalho sendo produzido e editado pela A União.

■ **E A União tem dessas coisas: como patrimônio da Paraíba, preocupa-se com alguns detalhes, como, por exemplo, um personagem que foi criado há 50 anos, que sempre teve uma característica de protocolar a reflexão e a crítica, e, de repente, que poderia estar perdido ali na história, jogada em um arquivo.**

Eu acho extremamente gratificante, muito. Tanto quanto quando ela recebeu o título de Patrimônio Cultural e Imaterial da Paraíba, no ano passado, num projeto de Cida Ramos. Então isso para mim foi uma glória, tanto isso quanto ser lançada essa antologia pela Editora A União. Eu não vou dizer que fecha a carreira de Maria, porque Maria vai continuar comigo enquanto eu existir. Mas é um momento ápice da personagem, que eu espero continuar fazendo mais coisas ainda que sejam relevantes. Mas esse momento é fundamental, é de uma importância pessoal e para a personagem extraordinária.

■ **Qual é a sua avaliação desse patrimônio que se chama A União?**

A União é patrimônio inalienável da Paraíba. É o jornal mais antigo. Tem um suplemento muito renomado, que é o Correio das Artes. Está faltando uma revista, o suplemento de quadrinhos, porque eu acho que tem novas gerações fazendo um trabalho magnífico de quadrinhos na Paraíba. Mas, bom, isso é outra questão. Como história, A União é um documento de nossa cultura e de nossa história política. É preciso que siga adiante, que seja preservado. E também é um grande campo de incentivo a muitas pessoas que fazem jornalismo. Meus alunos vieram para cá, muitos deles. Eu entro na Redação, está cheia de ex-alunos de Jornalismo. Então isso aqui é uma escola também para muitas pessoas.

■ **A evolução política do país – e os temas históricos, a Revolução de 30 – foi registro também. Então, A União também é protagonista e espectador, registrador. E você fez parte dessa história e ainda faz?**

Como muito orgulho. Eu lhe digo sinceramente que me dá um prazer enorme ter passado pela A União, ter publicado Maria em A União, ter feito amigos. Foi uma grande escola para mim também.



Acesse o QR Code para assistir à entrevista no YouTube



CARREIRA PÚBLICA

DPE-PE oferta salário de R\$ 25,8 mil

Edital destina 20 vagas para o cargo de defensor público e prevê jornada de trabalho de 40 horas semanais

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

O Nordeste segue com boas oportunidades para quem está em busca de novos horizontes profissionais. Enquanto a Paraíba não abre novos editais, os concurreis daqui podem mirar em processos seletivos em outros estados. Em Pernambuco, a Defensoria Pública abriu 20 vagas para o cargo de defensor público, com salário inicial de R\$ 25,8 mil. Já no Piauí, a Prefeitura de Cajazeiras divulgou edital com 30 vagas para diferentes áreas, contemplando profissionais de níveis fundamental, médio, técnico e superior. A remuneração varia de R\$ 1.518,00 a R\$ 11 mil, dependendo da escolaridade e do cargo escolhido.

Defensoria Pública

Para quem trabalha na área de Direito, o concurso da Defensoria Pública do Estado de Pernambuco (DPE-PE) representa uma oportunidade valiosa para ingressar na carreira pública. São 20 vagas imediatas e outras mais para formação de cadastro reserva. Os candidatos devem possuir bacharelado em Direito, inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e pelo menos três anos de atividade jurídica até a data da posse. De acordo com o edital, o salário inicial é de R\$ 25.879,50 para uma jornada de 40 horas semanais.

As inscrições seguem abertas até 3 de abril e devem ser realizadas pelo site da Fundação Getúlio Vargas (FGV), organizadora do concurso, mediante pagamento da taxa de R\$ 290. Devido à relevância do cargo, a avaliação será bastante rigorosa, com provas objetiva, discursiva, oral e análise de títulos. A primeira fase, de caráter classificatório e eliminatório, ocorrerá em 1º de junho, na cidade de Recife. Já as demais etapas ocorrerão em datas posteriores, conforme o cronograma oficial, ainda não divulgado. No conteúdo programático, constam conteúdos essenciais ao exercício da profissão, como Direito Constitucional, Administrativo, Penal, Processual Penal e Direitos Humanos.

Fundação Getúlio Vargas é a responsável pelo certame, e inscrições seguem até o dia 3 de abril

Vagas no Piauí

Enquanto isso, a Prefeitura de Cajazeiras do Piauí abriu 30 vagas para níveis fundamental, médio, técnico e superior, com salários de até R\$ 11 mil — dependendo do cargo. Há oportunidades para merendeira, auxiliar administrativo, motorista, técnico em Enfermagem, enfermeiro, procurador-geral, professor, médico, entre outras funções. As inscrições podem ser feitas até



Foto: Rovana Rosa/Agência Brasil

Para concorrer à Defensoria, é preciso ter inscrição na OAB e comprovar três anos de atividade jurídica; candidatos passarão por provas rigorosas em junho

27 de março pelo site do Instituto Vicente Nelson (IVIN), responsável pelo certame. As taxas de inscrição variam de R\$ 80 a R\$ 120, conforme o nível de escolaridade do cargo pretendido.

Quando à avaliação, todos os candidatos farão uma prova objetiva, que abordará questões relacionadas a conhecimentos gerais e específicos

— conforme o cargo. Já os candidatos de nível superior terão uma etapa adicional, de avaliação de títulos, que considera qualificações acadêmicas e experiência profissional. Para o cargo de procurador-geral, por sua vez, além dessas fases, haverá ainda uma prova discursiva, exigindo a elaboração de uma peça prática. As provas estão previstas para 13 de abril.

Os concursos têm validade de dois anos, contados a partir da homologação do resultado definitivo, podendo ser prorrogados uma única vez, por igual período, a critério de cada órgão responsável. Isso significa que, além das vagas imediatas, os aprovados que ficarem no cadastro reserva ainda poderão ser convocados dentro desse prazo.



Acesse o edital da Defensoria Pública de Pernambuco



Acesse o edital da Prefeitura de Cajazeiras (PI)

Na linha de frente do cuidado com a vida humana

Seja no posto de saúde, na clínica ou no hospital, eles estão sempre ali, garantindo que cada paciente receba o cuidado necessário. São os técnicos em Enfermagem que fazem curativos, aplicam vacinas, monitoram sinais vitais e auxiliam médicos e enfermeiros em procedimentos essenciais. O trabalho exige preparo técnico, atenção aos detalhes e muita resistência física e emocional para lidar com a rotina intensa — marcada por momentos de estresse, mas também de sensibilidade.

Mesmo com a alta demanda e a importância da profissão, muita gente ainda confunde sua atuação com a do enfermeiro, desconhecendo os desafios diários desse trabalho. Para entender melhor essa realidade, a técnica Thaise Tainá dos Santos Silva, que atua no posto de saúde de Santa Luzia, no Sertão da Paraíba, compartilha sua experiência sobre as dificuldades e as recompensas da profissão. “A gente faz curativos, aplica vacinas, prepara pacientes para consultas, auxilia em procedimentos e, muitas vezes, orienta sobre prevenção de doenças”, resume a profissional.



Thaise Tainá (à dir.) atua no posto de saúde de Santa Luzia

O trabalho na prática

A diferença mais evidente entre técnicos e enfermeiros, além do grau de formação, está nas responsabilidades de cada um. Enquanto enfermeiros coordenam equipes e definem planos de cuidados, os técnicos estão na linha de frente, garantindo que cada paciente receba a assistência necessária. E isso vai muito além da administração de medicamentos: o suporte acontece em atividades diárias, como alimentação, higiene e mobilidade. Se o paciente precisa caminhar um pouco, é o técnico que estará ao lado dele. Para Thaise, essa proximidade com o paciente faz toda a

diferença, pois o acolhimento sempre será o melhor remédio contra a dor. “A gente cria laços, porque está ali no dia a dia do paciente. Muitas vezes, somos um suporte emocional para eles”, destaca. Entretanto, essa conexão também tem seu peso emocional. Como ela bem lembra, em casos mais complexos, o apego ao paciente é inevitável. “É impossível não sentir”.

Além disso, o técnico em Enfermagem também precisa lidar com a separação de materiais, conferência dos prontuários e visitas domiciliares a pacientes acamados — um papel essencial no atendimento básico, principalmente em regiões onde

o acesso à saúde é mais limitado. Segundo ela, a falta de estrutura é um dos desafios mais complexos por impor obstáculos ao exercício da profissão. Quando os recursos são escassos, o profissional precisa ter “jogo de cintura” para garantir o melhor atendimento possível à população. “Antigamente, a distância de hospitais especializados dificultava o nosso trabalho, mas é uma realidade que vem mudando”, reflete.

Em razão dessa proximidade com o paciente, a profissão exige muito mais do que formação técnica. Segundo Thaise, algumas características são indispensáveis para quem deseja seguir nessa carreira. “Paciência, empatia e resistência física e emocional. Também é preciso ter atenção aos detalhes, porque qualquer erro pode colocar a vida do paciente em risco. E, claro, precisa saber trabalhar em equipe e se adaptar às dificuldades”, enumera.

Apesar dos desafios, a técnica em Enfermagem não tem dúvidas sobre a escolha que fez. “Precisa gostar de cuidar das pessoas. O trabalho pode ser cansativo, mas é muito gratificante”, finaliza, destacando que é uma profis-

Propósito

Atividade é desafiadora e exige do profissional a capacidade de se adaptar às dificuldades, além da atenção a detalhes que podem ser determinantes no tratamento do paciente

são cheia de propósito.

Para quem deseja ingressar no serviço público, o concurso da Prefeitura de Cajazeiras do Piauí pode ser a porta de entrada. Há três vagas para técnico em Enfermagem, exigindo Ensino Médio completo, curso técnico na área e registro no conselho de classe. A remuneração segue o piso salarial da categoria e a jornada de trabalho é de 40 horas semanais. Entre as atribuições do cargo, estão administração de medicamentos e vacinas; realização de curativos; coleta de materiais para exames; monitoramento de sinais vitais; e suporte a enfermeiros e médicos em procedimentos diversos.

Selic

Fixado em 29 de janeiro de 2025

13,25%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

+0,60%

R\$ 5,792

Euro € Comercial

+0,99%

R\$ 6,280

Libra £ Esterlina

+0,88%

R\$ 7,482

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2025 0,16

Dezembro/2024 0,52

Novembro/2024 0,39

Outubro/2024 0,56

Setembro/2024 0,44

Ibovespa

125.567 pts

+1,79%



SETOR IMOBILIÁRIO

Preço do m² em João Pessoa tem maior alta do Nordeste

Contudo, capital paraibana mantém um dos preços mais acessíveis da região

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A alta dos preços dos imóveis em João Pessoa confirma a cidade como um dos mercados mais aquecidos do país. De acordo com o Índice FipeZAP, que acompanha a dinâmica imobiliária em 56 cidades brasileiras, a capital paraibana registrou um crescimento de 2,17% nos valores de venda de imóveis residenciais no mês de fevereiro. Foi a maior alta entre as capitais do Nordeste e a segunda maior do Brasil, ficando atrás apenas de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, que teve um avanço de 2,26%. No acumulado do ano, o cenário repete-se: alta de 3,77%, dividindo a segunda posição com Salvador, o que reforça o ritmo de valorização da cidade.

Mas os números não são um ponto fora da curva. A alta registrada neste ano sustenta uma tendência que já vinha se desenhando em 2024, com João Pessoa acumulando 16,96% de valorização nos últimos 12 meses — novamente atrás apenas de Salvador, com 19,11%. Entretanto, mesmo com esse avanço nos preços, o metro quadrado médio na cidade, hoje cotado em R\$ 7.183, segue abaixo da média nacional, de R\$ 9.130. Ou seja, por mais que os preços tenham subido, comprar um imóvel aqui ainda é mais em conta do que em Balneário Camboriú, por exemplo.



Foto: Divulgação/Secom-PP

A capital paraibana registrou um crescimento de 2,17% nos valores de venda de imóveis

Embora ambas as cidades sejam turísticas, em Santa Catarina o preço do metro quadrado é mais que o dobro do valor praticado em João Pessoa — R\$ 14.206. Em relação ao Nordeste, o preço também segue mais acessível que em outras capitais da região, como Fortaleza e Recife, com R\$ 8.105 e R\$ 8.082, respectivamente.

Segundo o presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Rômulo Soares, o cenário positivo é reflexo de uma combinação de fatores que têm colocado João Pessoa no radar de novos investidores — inclusive de fora do estado. “João Pessoa virou a bola da vez do Nordeste”, afirma.

Entre os principais atrativos estão o avanço do turismo, a infraestrutura, a segu-

rança, a qualidade de vida e o custo-benefício dos imóveis. Não à toa, ele aponta que o volume de procura cresceu de 30% a 35% no último ano, e o aumento nas vendas também foi expressivo.

A popularidade da cidade também se reflete no perfil dos compradores, que está cada vez mais diversificado. Rômulo ressalta que investidores de fora do estado, aposentados e moradores do interior da Paraíba têm buscado João Pessoa tanto como segunda residência quanto como moradia fixa. “É muita gente de fora da cidade. Tem muito paraibano do Sertão e do Curimataú investindo aqui”, destaca. Além disso, compradores das regiões Sudeste e Centro-Oeste do país, principalmente de cidades como São Paulo, Rio

Janeiro e Espírito Santo, também têm demonstrado interesse na cidade, atraídos não apenas pelo custo de vida mais baixo, mas também pela qualidade de vida.

FipeZAP

O volume de procura cresceu de 30% a 35% no último ano na Paraíba, e o aumento nas vendas também foi expressivo

Mercado deve continuar aquecido

Apesar da valorização revelada pelo Índice FipeZAP, Rômulo destaca que os preços em João Pessoa seguem bastante atrativos em comparação às demais capitais, o que mantém o ritmo forte de negociações por aqui. “Nós somos o segundo metro quadrado mais barato do Nordeste”, afirma. No entanto, dentro do próprio mercado, alguns nichos específicos têm puxado essa alta,

a exemplo dos empreendimentos “pé na areia”, que são construídos diretamente na faixa de praia. Eles, por si só, tiveram uma valorização diferenciada, segundo ele. “Tudo que foi vendido realmente teve uma alta valorização, porque são produtos diferenciados”, explica. Ao mesmo tempo, Rômulo reforça que o valor médio do metro quadrado na cidade não explodiu de maneira gene-

ralizada, sendo impulsionado principalmente por imóveis de alto padrão.

O mercado deve continuar aquecido nos próximos meses, mas sem grandes saltos nos preços dos imóveis, a menos que haja algum impacto nos custos da construção civil. Na visão do presidente do Creci-PB, a expectativa é que a valorização não ultrapasse os 5% ao ano, podendo oscilar entre 2% e

3%, a depender do comportamento do setor — ou seja, ficando dentro da normalidade. No entanto, Rômulo faz um alerta importante: nem sempre os dados do FipeZAP refletem com precisão a realidade do mercado paraibano. “Esses números são baseados em anúncios, mas nem sempre correspondem aos valores que são realmente negociados. O preço final pode ser diferente na hora da venda, explica.

Para oferecer um retrato mais fiel do setor, o Creci-PB está desenvolvendo um índice próprio, que levará em conta os valores efetivamente praticados nas transações imobiliárias na Paraíba. O lançamento está previsto para abril deste ano e, segundo Rômulo Soares, será uma ferramenta essencial para que corretores, investidores e compradores tenham um panorama mais preciso do mercado imobiliário local.

Saiba Mais

Bairros com maiores preços médios por m2 em fevereiro/índice de crescimento

- 1 - Cabo Branco.....R\$ 10.959/m².....(+14,2% em 12 meses)
- 2 - Jardim Oceania.....R\$ 9.210/m².....(+21,6%)
- 3 - Altiplano Cabo Branco.....R\$ 8.969/m².....(+12,1%)
- 4 - Castelo Branco.....R\$ 8.048/m².....(+58,2%)
- 5 - Brisamar.....R\$ 7.894/m².....(+8,4%)
- 6 - Manaira.....R\$ 7.412/m².....(+15,3%)
- 7 - Bessa.....R\$ 7.148/m².....(+18,2%)
- 8 - Aeroclube.....R\$ 6.898/m².....(+12,2%)
- 9 - Portal do Sol.....R\$ 5.162/m².....(+11,6%)
- 10 - Jard. Cid. Universitária.....R\$ 4.872/m².....(+17,9%)

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

PPPs e concessões: oportunidade para João Pessoa

As parcerias público-privadas (PPPs) e as concessões são ferramentas eficazes para modernizar serviços públicos, aumentando a eficiência e garantindo mais qualidade para a população. No Brasil e no mundo, esses modelos já foram aplicados com sucesso em setores como iluminação pública, mercados, estacionamentos, parques e cemitérios. Em grandes cidades brasileiras, essas parcerias revitalizaram espaços urbanos e melhoraram a mobilidade, enquanto, no exterior, concessões ajudaram a modernizar infraestruturas sem comprometer os cofres públicos. Quando bem estruturadas, essas parcerias atraem investimentos, reduzem custos e aprimoram os serviços sem que o governo perca o controle dos ativos essenciais.

Apesar das vantagens, muitas pessoas ainda confundem PPPs e concessões com privatizações, o que gera resistência. Diferentemente da privatização, onde a propriedade é transferida permanentemente para a iniciativa privada, a concessão mantém o serviço sob controle do governo, com prazos e regras bem definidos. Isso garante a continuidade e acessibilidade dos serviços dentro dos padrões de qualidade exigidos pelo setor público. Além disso, esses modelos permitem que cidades como João Pessoa se modernizem sem depender exclusivamente do orçamento municipal, distribuindo riscos e garantindo maior previsibilidade na gestão dos serviços.

Na capital paraibana, a iluminação pública pode ser um dos primeiros setores a se beneficiar. Uma PPP permitiria substituir as lâmpadas antigas por tecnologia LED, reduzindo custos e melhorando a eficiência energética. Sistemas inteligentes de telegestão poderiam ser implementados para monitoramento remoto e manutenção automatizada, garantindo ruas mais iluminadas e seguras. Esse modelo já trouxe economia e melhorias significativas para diversas cidades que adotaram a iniciativa.

Outra área promissora são os parques municipais, que poderiam ser revitalizados por meio de concessões. Empresas privadas poderiam assumir a manutenção desses espaços, oferecendo segurança, infraestrutura adequada e atividades culturais e esportivas, sem custos adicionais para a administração pública. A experiência de outras capitais mostra que esse modelo melhora a qualidade dos parques e ainda atrai mais visitantes, estimulando o turismo e o lazer na cidade.

Além disso, os mercados públicos de João Pessoa podem ser modernizados com a participação da iniciativa privada. Investimentos em infraestrutura tornariam esses espaços mais organizados e atraentes para consumidores e comerciantes, impulsionando a economia local. Setores como estacionamentos e cemitérios também poderiam ser otimizados por concessões. A adoção de um sistema de estacionamento rotativo facilitaria a mobilidade urbana e reduziria congestionamentos, enquanto a modernização dos cemitérios garantiria manutenção adequada e serviços mais dignos para a população.

A implementação de PPPs e concessões em João Pessoa pode modernizar a cidade sem comprometer os cofres públicos. Recursos economizados poderiam ser redirecionados para áreas essenciais, como saúde, educação e infraestrutura. Além disso, a redução dos custos operacionais evitaria aumentos de impostos, garantindo uma gestão mais eficiente. Com planejamento e fiscalização adequados, essas parcerias podem transformar João Pessoa em uma referência em inovação e desenvolvimento urbano sustentável.

CULTURA EMPREENDEDORA

Turismo em territórios tradicionais

Ecoturismo impulsiona pequenos negócios em comunidades quilombolas e em unidades de conservação

Cibele Maciel
Agência Sebrae

Ao unir preservação, desenvolvimento sustentável e conscientização ambiental, o ecoturismo, também conhecido como turismo ecológico, atrai cada vez mais a atenção de viajantes nacionais e internacionais. Em alta no país, o segmento é celebrado no dia 1º de março, Dia Nacional do Turismo Ecológico.

Dentro do Ecoturismo, o modelo de gestão turística com base comunitária tem impulsionado o desenvolvimento de pequenos negócios em territórios tradicionais ocupados por indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outros povos originários, tendo em vista que muitas comunidades vivem em áreas naturais conservadas ou no entorno de Unidades de Conservação.

Considerado um dos maiores empreendimentos quilombolas do turismo no Brasil, a Associação Kalunga Comunitária Engenho 2 (AKCE) tornou-se referência em ecoturismo de base comunitária. Além de atrativos naturais famosos, como a Cachoeira Santa Bárbara, o território Kalunga tem atraído cada vez mais turistas interessados em vivenciar experiências turísticas autênticas na localidade.

Preocupados com o turismo desenfreado, os Kalungas assumiram a gestão turística do território com o propósito de garantir preservação dos recursos naturais e investir em benefícios coletivos para a comunidade. Localizado na região da Chapada dos Veadeiros, o Quilombo Kalunga foi reconhecido pela ONU, em 2021, como o primeiro Território e Área Conservada por Comunidades Indígenas e Locais (Ticca) do Brasil.

Nos últimos anos, por meio da atuação dos Agentes de Roteiros Turísticos do Sebrae, a AKCE tem recebido consultorias para desenvolver e diversificar produtos turísticos adequados ao perfil da comunidade, inclusive apoio ao empreendedorismo local.

Atualmente, a rede comunitária de turismo da Comunidade Engenho 2 inclui três atrativos naturais/cachoei-

ras, quatro empreendimentos de hospedagem, sete restaurantes e lanchonetes, além de 19 transportadores turísticos e uma loja comunitária de artesanato e produtos locais. A gestora do turismo do Sebrae Goiás, Priscila Vilarinho, destaca o protagonismo das mulheres como empreendedoras e lideranças na comunidade.

"100% dos restaurantes e 75% dos meios de hospedagem são comandados por elas e 42% dos condutores de viajantes são mulheres", contabiliza Priscila Vilarinho.

Ao todo existem 403 condutores de visitantes que desempenham a função de interpretação dos recursos naturais, que para eles têm poder de cura, como também da cultura e história Kalunga. Entre as novas atividades turísticas criadas, com apoio do Sebrae.

"É possível ver como o turismo pode ser um grande aliado na preservação ambiental. Outro exemplo no Brasil é Bonito, em Mato Grosso do Sul, que desenvolveu uma nova economia a partir da expansão do ecoturismo", frisou.

Priscila conta que, com apoio do Sebrae, a comunidade do Engenho 2 incorporou em seus programas de visitação uma experiência de turismo por meio da Roda de Conversa com os anciões que

compartilham a história, cultura, processo de organização e luta comunitária do quilombo Kalunga.

Segundo a gestora, pelo menos 10 agências de turismo que operam na comunidade e muitas operadoras de turismo da região têm parceria com operadoras nacionais. Para saber mais, acesse o estudo de caso produzido pelo Sebrae em parceria com as associações Quilombo Kalunga (AQK) sobre o turismo de base comunitária na Comunidade do Engenho 2 no link <https://encurtador.com.br/hDhAN>.

Entre 2020 e 2023, a comunidade teve um retorno de quase 12 milhões, a partir de ações voltadas para o turismo. Maioria dos recursos são investidos em melhorias para o desenvolvimento do território e na melhoria das experiências dos visitantes. Em agosto do ano passado, o Quilombo integrou o roteiro do *famtour* que contou com operadores do Chile e da Colômbia e que contemplou Brasília e a Chapada dos Veadeiros.

Ecoturismo

Criado como um *hub* de conhecimento e portfólio de soluções, o Polo Sebrae de Ecoturismo está localizado em Bonito (MS), referência mundial no segmento. Por meio do portal on-line, o Polo

Foto: Divulgação/Sebrae-PB



Polo Sebrae de Ecoturismo atua um multiplicador de organização do turismo nos territórios



Além de atrativos naturais, como a Cachoeira Santa Bárbara, o território Kalunga tem atraído cada vez mais interessados em vivenciar experiências autênticas



Kalunga Comunitária Engenho 2 é considerado um dos maiores quilombolas do turismo no país

disponibiliza conteúdo especializado, além trilhas de conhecimento estruturadas para atender empresários e profissionais, instituições e gestores públicos, incluindo toda a cadeia produtiva.

De acordo com o analista técnico do Sebrae Mato Grosso do Sul, Telcio Barbosa, o Polo Sebrae de Ecoturismo atua como um multiplicador de organização do turismo nos territórios. "Nós recebemos muitas pessoas interessadas em conhecer a organização turística de Bonito que é bem diferente. O uso dos atrativos, em sua maioria em áreas privadas, possui estudo de capacidade de carga e controle e monitoramento da atividade turística", explica.

COOPERATIVA DE ASSISTENCIA MÉDICA DOS SERVIDORES DA SUPLAN E DO DER LTDA
- COMSEDER, Avenida Maximiano Figueiredo, 311 - Centro CEP 58.013-470 - João Pessoa - PB
CNPJ: 70.094.578/0001-30 NIRE 25400001404

EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Presidente da Cooperativa COMSEDER - Cooperativa de Assistência Médica dos Servidores da Suplan e do DER Ltda, com 428 cooperados em pleno gozo de seus direitos sociais, para se reunir em ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, a se realizar no dia 20 de março de 2025, na sede da Cooperativa localizada na Avenida Maximiano Figueiredo, 311, Centro, na cidade de João Pessoa/PB, às 8:00 horas, com a presença de 2/3 (dois terços) dos associados, em primeira convocação; às 9:00 horas, com a presença de metade mais um dos associados, em segunda convocação; ou às 10:00 horas, com a presença de, no mínimo, 10 (dez) associados, em terceira convocação, para deliberarem sobre a seguinte

ORDEM DO DIA:

- 1º) Prestação de contas dos exercícios sociais de 2024, acompanhada de parecer do Conselho Fiscal;
- 2º) Destinação das sobras apuradas ou rateio das perdas;
- 3º) Eleição dos membros da Diretoria Executiva e do Conselho de Administração;
- 4º) Eleição dos membros do Conselho Fiscal;
- 5º) Quaisquer assuntos de interesse social.

NOTAS:

- 1 - Os cooperados interessados em participar do processo eleitoral para a Diretoria, Conselho de Administração ou para o Conselho Fiscal deverão apresentar suas candidaturas sob a forma de chapas distintas: Uma chapa para Diretoria e Conselho Administrativo e outra para o Conselho Fiscal.
- 2 - As chapas deverão ser protocoladas na secretaria da Cooperativa até o dia 17 de março de 2025.

João Pessoa, 08 de março de 2025.

Francisco Fernandes Lisboa
Diretor Presidente.

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba, comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo não reclamado, identificado como sendo do nacional, IVAN FERREIRA DE AZEVEDO, sexo masculino, cor parda, medindo 1,50cm de estatura, cabelos grisalhos, olhos castanhos, sem sinais particulares. Falecido em 30/12/2024, no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, Nesta Capital.

Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio, S/N, Bairro Cristo Redentor da cidade de João Pessoa - PB.

Flávio Rodrigo Araújo Fabres
Perito Oficial Médico Legal Classe Especial
Chefe do NUMOLJP

INCLUSÃO SOCIAL

Paraíba vira polo da Astronomia

Com investimento próximo a R\$ 1,5 milhão, entre outubro de 2024 e março de 2025, estado impulsiona iniciativas

A Paraíba está se consolidando como um polo de referência em Astronomia no Brasil. Com um investimento de aproximadamente R\$ 1,5 milhão, entre outubro de 2024 e março de 2025, o Governo do Estado tem impulsionado iniciativas que unem ciência, inclusão social e tecnologia de ponta. O edital de pesquisa Bingo: Esperança no Espaço, fruto de uma parceria entre a Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), a Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP) e a Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), busca fortalecer dois grandes projetos astronômicos em curso no estado.

O primeiro é o radiotelescópio Bingo, em construção na cidade de Aguiar, Sertão paraibano. Trata-se do maior equipamento do tipo na América Latina, com dimensões comparáveis a um campo de futebol. Ele será capaz de medir a expansão do universo e aprofundar os estudos sobre a matéria escura, um dos grandes mistérios da física moderna. O projeto conta com investimentos internacionais e parcerias estratégicas que colocam o estado no centro das pesquisas globais sobre o cosmos.

A segunda iniciativa, chamada Esperança no Espaço, traz um impacto social significativo ao envolver apenas da Cadeia Pública de Esperança na construção de telescópios. Esses equipamentos são doados a escolas públicas e utilizados para observações astronômicas em eventos coletivos.

Em troca, os reeducandos recebem aulas de Astronomia, redução da pena e a oportunidade de um novo caminho profissional.

O secretário da Secties, Claudio Furtado, ressalta que os investimentos do edital representam apenas uma parte do montante já direcionado à construção do Bingo. “O Governo da Paraíba já investiu mais de R\$ 20 milhões no projeto Bingo. Estamos consolidando nosso estado como uma potência na pesquisa astronômica, ou seja, a ciência precisa ir além dos laboratórios e impactar vidas. Esses projetos, juntos, mostram que é possível fazer pesquisa de ponta e, ao mesmo tempo, abrir novos horizontes para quem antes não via perspectivas”, enfatiza.

Por meio do edital, o projeto, que agora é Bingo: Esperança no Espaço, conta hoje com sua própria impressora 3D, possibilitando que pequenas partes dos telescópios, que antes eram produzidas artesanalmente, hoje, sejam feitas em forma-

to padrão e com economia de tempo. Os investimentos ainda possibilitaram a aquisição de computadores, lentes, espelhos e outros componentes que fazem parte da estrutura das lunetas.

O secretário da Seap, João Alves, destaca a importância da parceria entre a Secties e a Seap para ampliar o alcance do projeto. “A iniciativa fortalece a divulgação dos telescópios produzidos em unidades prisionais pelo Esperança no Espaço. Agora, com o apoio do projeto

Bingo, essa iniciativa ganha um novo olhar científico, ampliando ainda mais seu impacto”, falou.

Além disso, os apenados recebem aulas de introdução à Astronomia e Astrometria, com o professor de Física Jamilton Rodrigues, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). “Nosso planejamento conta com 15 aulas com duração de quatro horas, nas quais estudamos sobre a formação do cosmos, o Sistema Solar e sua escala, gravitação, tudo isso com auxílio das diversas tecnologias, inclusive com o auxílio da inteligência artificial e games, algo que tem chamado a atenção deles e gerado muito entusiasmo”, relata Jamilton, que lembra ainda que o estudo teórico-prático conta com a participação ativa de Lindemberg Lima, diretor da Cadeia.

“A iniciativa traz dignidade para esses homens, que por meio da ação adquirem conhecimento e veem no céu uma oportunidade de reinserção na sociedade. Temos um ex-participante que, hoje, está em liberdade e lançou sua própria marca de telescópio, comercializando para todo o Brasil”, comemora Lindemberg Lima, diretor da Cadeia Pública de Esperança e idealizador do projeto Esperança no Espaço.

O cientista Amílcar Rabelo, coordenador do Bingo: Esperança no Espaço, relata que unir estas duas iniciativas em um edital de pesquisa científica mostra como a Paraíba está preparada para ser referência na Astronomia e como o assunto tem sido trabalhado com seriedade e empenho aqui no Estado. Ele lembra ainda que os investimentos vão para além de aquisições de materiais, já que 25 profissionais – entre pesquisadores, agentes penitenciários e estudantes de diversas áreas – estão envolvidos diretamente nes-

ses estudos, impulsionando a popularização da ciência.

No dia 20 de fevereiro, o Bingo: Esperança no Espaço promoveu uma ação no Santuário da Penha, em João Pessoa, comemorando os 157 anos da primeira expedição astronômica na Paraíba. Durante o evento, foi promovido um “tour astronômico”, no qual o público pôde conhecer um pouco mais do radiotelescópio e observar Marte, Nebulosa de Órion, Júpiter, Plêiades e outros astros através dos telescópios produzidos pelo projeto. Um momento importante para reconhecer o passado e projetar o presente.

Complexo Científico do Sertão

Além do Bingo: Esperança no Espaço, o Governo do estado da Paraíba também tem investido em outras iniciativas como o Complexo Científico do Sertão, que tem como objetivo principal descentralizar políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação. O Complexo compreenderá as cidades de Aguiar, Cajazeiras, Sousa e Carrapateira. Esta última sediará a Cidade da Astronomia.

“

Nosso planejamento conta com 15 aulas com duração de quatro horas, nas quais estudamos sobre a formação do cosmos

Jamilton Rodrigues



Secretário da Secties, Claudio Furtado (centro), e demais convidados na exposição dos equipamentos já produzidos com apoio do Governo do Estado



O projeto Esperança no Espaço envolve apenas da Cadeia de Esperança na construção de telescópios, que são doados a escolas públicas e utilizados para observações astronômicas

BICHOS DE ESTIMAÇÃO

Tutores devem ser cuidadosos com o cultivo de plantas

Para manter o ambiente cheio de vida, é recomendado evitar o plantio de variedades tóxicas para cães e gatos

Carolina Oliveira
marquesleoliveira.carolina@gmail.com

O cultivo de plantas e a companhia dos animais de estimação se integram cada vez mais à vida doméstica, sendo capazes de favorecer uma rotina dinâmica, cheia de vida e mais próxima da natureza. No entanto, quando esses dois mundos se encontram, surgem desafios específicos: algumas plantas são venenosas e outras são benéficas para os animais. Por isso, alguns cuidados são necessários para garantir que o ambiente seja seguro e saudável para todos.

Há uma extensa lista de plantas tóxicas para os animais de companhia, principalmente para cães e gatos. O médico veterinário Luzarte Araújo explica que os sinais clínicos de intoxicação são muito variáveis, sendo possível citar desde uma pequena indisposição, apetite reduzido, vômitos e diarreia, até gastroenterites mais graves, depressão do sistema nervoso central, alterações de comportamento, efeitos cardiovasculares graves e, em circunstâncias mais adversas, o óbito do animal.

Diante desses riscos, Luzarte Araújo alerta que é fundamental a atenção dos tutores. "É recomendado que os animais com suspeita de intoxicação sejam levados com rapidez a um atendimento médico veterinário e que sejam fornecidas as informações de maior relevância para a construção da história clínica desses pacientes".

O conhecimento de informações como a espécie de planta envolvida, a quantidade ou as partes ingeridas, por exemplo, pode facilitar o diagnóstico e o tratamento. De acordo com o veterinário, uma das formas mais comuns de intoxicação ocorre por meio da ingestão das plantas, mas pode ser provocada também por contato cutâneo e/ou ocular. Por terem função decorativa, as plantas ornamentais estão frequentemente envolvidas em casos de intoxicações de cães e gatos domésticos.

Riscos

Dentre aquelas que podem causar distúrbios gastrointestinais, o especialista enumera: comigo-ninguém-pode, costela-de-adão, antúrio, coroa-de-cristo, amarílis, açucena, mamona/carrapateira e samambaias, comumente encontradas em decorações. "Outras plantas podem provocar uma variedade de sinais clínicos como anorexia, vômitos, alterações musculares, respiratórias e cardíacas, convulsões, etc., entre elas a azaleia".

Algumas plantas podem também afetar o sistema nervoso de maneira mais intensa, como o tabaco e a maconha. "Já outras espécies trazem efeitos deletérios mais graves no sistema cardiovascular como a espirradeira, kalanchoe" salienta o veterinário.

Alternativa segura

Luzarte Araújo orienta sobre as alternativas de plantas mais seguras. Elas podem ser usadas tanto na decoração como em pequenas hortas, entre outras formas de cultivo. Algumas dessas plantas são a alface, a hortelã, a sal-

sa, a camomila e a erva-doce. Para os gatos, é possível fazer um local reservado para eles brincarem e comerem grama e/ou brotos, entre as principais opções, podemos incluir aveia, alpiste, trigo e grammas para gatos vendidas comercialmente.

O profissional sugere também alternativas: uma opção simples e barata para substituir a grama encontrada comercialmente é plantar milho para pipoca, pois tem rápido crescimento, sendo atrativo e saudável para os gatos. Para os cães, algumas opções seguras também incluem alecrim, capim-limão



Planejamento dos espaços dedicados aos animais e às plantas é fundamental

e manjerição.

A convivência dos animais domésticos, principalmente filhotes de cães e gatos, com as plantas em casa nem sempre é uma tarefa fácil e exige dos tutores uma série de cuidados. "A primeira dica que eu dou é: buscar informação a respeito

de plantas tóxicas com o veterinário do seu pet". Assim, conforme o veterinário destaca, antes mesmo de adquirir plantas que possam oferecer riscos, é possível idealizar a troca por opções mais seguras.

A recomendação é que seja feita a análise e o planejamento dos espaços dedicados às plantas em casa. Luzarte aconselha o uso de vasos suspensos e de prateleiras ou móveis altos para manter as plantas longe de cães e gatos. "No caso dos gatos em particular, o ideal é adicionar barreiras físicas como grades e recipientes que impeçam o acesso às plantas". Outra dica de afastamento é a utilização de borrifadores com repelentes naturais sobre as plantas ou opções disponíveis no mercado.

Preventivamente, a educação e o treinamento dos animais desde cedo, com o reforço de comportamentos positivos, seja com um cari-

nho ou um petisco, desviando a atenção deles das plantas, ainda são, de acordo com o profissional, as medidas mais efetivas nesse contexto. "A supervisão atenta, por parte dos tutores, também merece destaque, principalmente se o pet visitar com frequência locais como jardins e for muito curioso".

Além disso, ele enfatiza que é interessante dedicar espaços para acomodação de comedouros e bebedouros afastados das plantas para evitar a ingestão acidental de folhas, sementes ou flores que, porventura, sejam tóxicas. Por fim, nos casos em que os animais conseguem ter acesso às plantas tóxicas, mesmo com os cuidados citados, recomenda-se a doação e a substituição dessas plantas por outras que sejam seguras e que possam ser ingeridas. "Assim, tem-se uma convivência mais harmoniosa e sem prejuízo à saúde dos animais de estimação".



Nos casos de envenenamento pela ingestão, todo o histórico deve ser informado ao veterinário

Supervisionar a interação torna o convívio seguro

A observação dos animais ainda filhotes e o uso de algumas estratégias podem, de fato, fazer com que essa convivência seja fácil e tranquila. Quando se mudou da casa dos pais para um apartamento, Fernanda Eggers trouxe consigo o cachorro de estimação Bowie, que cresceu com acesso livre ao jardim da casa e passou facilmente pela transição para um apartamento com vários vasos de plantas. "Houve muita observação, porque eu já tive outros cachorros que se interessavam pelas plantas do jardim".

Fernanda explica que o animal da raça shih tzu, hoje com nove anos, foi alvo de alguns cuidados que garantiram sua segurança por meio do comportamento ensinado desde os primeiros anos de vida. "Existente treinamento para o cachorro não mastigar [plantas], e ele vai aprendendo que aquilo é ruim. Mas eu sempre achei mais seguro tirar a planta do alcance. Então, inicialmente, as plantas que podiam ser prejudiciais a gente deixou fora do alcance dele, até ver que ele realmente não se interessava".

"Na casa dos meus pais,

a gente viu que ele era muito tranquilo com planta e, depois que ele passou daquela fase da infância, deixou de cavar tanto a terra, começamos a colocar plantinhas, grammas, e ele foi aceitando. Não é tão fácil com todos os pets, mas com ele foi". No apartamento em que vive hoje, Fernanda não precisou ter tantos cuidados na escolha das plantas. Ela relata, inclusive, que Bowie gosta de ficar embaixo de algumas delas, e as folhas não são problema.

Fernanda conta que pôde distribuir as plantas livremente, porque elas nunca aguçaram a curiosidade do animal, seja para subir nos móveis, cheirá-las, ou mastigá-las. "Inclusive, já cheguei a fazer plantinhas, como a grama de milho, para ver se Bowie comia, e ele não se interessou". A tutora relata ainda que, com relação a esses aspectos, chega a se preocupar mais com os bichos de amigas e amigos que a visitam.

Um cuidado na rotina ao qual Fernanda dá atenção dobrada é afastar o animal nos momentos de manutenção das plantas. "Quando eu estou real-



Fernanda Eggers tirou plantas do alcance de Bowie

mente com a mão na massa, mexendo na terra, trocando planta de vaso, eu estou interagindo com aquilo de uma forma muito próxima, muitas vezes no chão, e ele pode achar que é uma brincadeira".

Em momentos em que atividades assim ocorrem, sair ou brincar previamente podem reduzir essa energia e curiosidade do cachorro. "Levo para passear, distraio ele, ou realmente tento manter afastado. Fecho as portas

da varanda, fico do lado de fora com as plantas, e ele do lado de dentro", completa.

"A gente está aqui, às vezes, relaxando, aí bate um vento, balançam as plantinhas, e você sente que a sua casa está viva". Fernanda Eggers opina que tanto o animal quanto as plantas vão ter a ação de "trazer uma certa paz de espírito", podendo ajudar a desestressar e reconectar quem vive no ambiente urbano com a natureza. "Quando você

traz a natureza para dentro de casa, parece que você se aproxima mais dela também".

Cada bicho de estimação possui a sua rotina. O cachorro, por exemplo, geralmente precisa fazer passeios pela rua. Nesses momentos, o tutor deve prestar atenção no que ele está cheirando, no que ele está levando até a boca. "Você vai estar atento a ele, atento ao passeio e menos nessa vida extremamente conectada. Para mim, pelo menos, eu acho que é muito bom", observa Fernanda.

Entre os benefícios da presença de plantas, destaca-se a purificação do ar: seja pelo fenômeno natural, da troca do gás carbônico por oxigênio, quanto pelo fato de existir plantas específicas que ajudam até a lidar com poeira, por exemplo, além de outros benefícios, como a ação repelente natural, propriedade da citrônella. "Então, para uma pessoa que tenha paciência de lidar com plantas e seja alérgica, por exemplo, se ela escolhe as plantas certas para ela, aquilo pode ajudar a criar um ambiente mais saudável dentro de casa".



ALMEIDÃO E AMIGÃO

50 anos de histórias

Estádios chegaram para transformar o futebol da Paraíba e ser palcos de jogos memoráveis

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Estádio José Américo de Almeida Filho, o Almeidão, inicialmente chamado de Ernani Sátiro, completa hoje, 9 de março, 50 anos de existência. Em 1975, a praça esportiva pessoense recebeu sua primeira partida de futebol, um confronto entre o Botafogo da Paraíba e o homônimo do Rio de Janeiro. Os cariocas venceram por 2 a 0. Desde então, o local foi o espaço em que os clubes da capital conquistaram os seus principais títulos.

A Paraíba não tinha grandes estádios, diferentemente dos estados vizinhos. Diante do cenário, a população de João Pessoa e Campina Grande pressionava o governador Ernani Sátiro para que fosse construído um local que comportasse grandes públicos nas partidas de futebol, já que os jogos aconteciam na capital, no Estádio Leonardo da Silveira, mais conhecido como Graça, e, na Rainha da Borborema, no Presidente Vargas, de propriedade do Treze, e no Plínio Lemos, todos com capacidade reduzida de torcedores.

Assim, foi decidido que os dois municípios receberiam um novo e moderno estádio cada um. As obras no Almeidão ocorreram simultaneamente com as do Estádio Governador Ernani Sátiro, o Amigão; em ambos, demorou-se 15 meses do lançamento da pedra fundamental até o recebimento do primeiro jogo. As obras se iniciaram em dezembro de 1973, tendo como responsável Carlos Pereira, atualmente superintendente do Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER-PB).

“O Almeidão e o Amigão foram construídos em tempo recorde. Começamos a trabalhar com o projeto em agosto de 1973 para entregar as obras em março de 1975. Hoje, quando vejo esses estádios com três ou quatro mil pessoas, fico lamentando porque essas praças já tiveram públicos superiores a 40 mil pessoas e nunca tiveram um problema sequer. Foram meses e anos da minha vida investidos num programa que todo mundo esperava que não desse certo, mas deu. Em 15 meses, conseguimos construir as duas maiores praças de esportes da Paraíba”, conta Carlos.

A construção de estádios com grande capacidade era uma exigência dos organizadores das competições nacionais da época. Com o Almeidão e o Amigão, os clubes da Paraíba começaram a ter desta-

que no futebol brasileiro. Muitos clubes de todo o país passaram a vir a João Pessoa e Campina Grande para atuar contra as equipes locais. E grandes eventos foram realizados ao longo desses 50 anos, como a Copa dos Campeões, reunindo os grandes clubes do Brasil, no Almeidão, como Flamengo, Corinthians, Cruzeiro e São Paulo, e viu também o Botafogo-PB ser campeão brasileiro em 2013 da Série D. Já em Campina Grande, o Amigão foi palco do maior título conquistado pelo Campinense, a Copa do Nordeste.

História curiosa

Carlos Pereira contou uma história curiosa sobre o dia da inauguração da praça pessoense. Segundo seu relato, houve uma forte campanha da oposição ao governo de Ernani Sátiro contra a construção dos estádios, inclusive com grande desinformação circulando.

“Foi feita uma campanha muito maldosa, de muito má intenção. O público chegou temeroso na inauguração do Almeidão. Eu estava muito preocupado, fiquei onde hoje estão as cabines das rádios e televisão, junto com o governador. Antes de começar o jogo, soltaram uma bomba embaixo dos vestiários. Aquela bomba explodiu como se o estádio estivesse desabando”, relatou o superintendente.

“Eu desci correndo junto com todos os torcedores; o governador Ernani Sátiro estava suando às bicás nas tribunas. Graças a Deus, o gradil não cedeu. Com aquela multidão correndo para cima do gradil para tentar se salvar de uma possível queda da marquise do estádio, o gradil não cedeu um centímetro, evitando uma grande tragédia”, completou.

Fernando Mendes era um dos torcedores presentes no jogo inaugural da praça esportiva de João Pessoa. Ele contou como viveu aquele dia: “No dia do jogo Bota-

fogo da Paraíba x Botafogo do Rio, eu estava na arquibancada do lado do Sol. Quando iniciou a partida, soltaram uma bomba debaixo dessa arquibancada”, disse.

“Foi um barulho muito forte, as pessoas começaram a correr. Tinha gente saltando no fosso do estádio. Eu estava em pé, quando veio uma mulher grávida, segurei essa mulher e fiquei a protegendo para não a derrubarem. Quando terminou a confusão, ela olhou para mim, chorou e agradeceu por tê-la ajudado. Se não fosse eu, ela teria sido atropelada. Havia muitas ambulâncias e pessoas com as pernas enfaixadas, mas o jogo continuou”, relembra Fernando, ex-vice-presidente da Federação Paraibana e ex-presidente do Botafogo-PB.

Primeiro jogo

A partida inaugural do Estádio Almeidão não teve gols do mandante: no duelo de Botafogos, os dois tentos do confronto foram marcados pelos cariocas. Assim, coube ao atacante Tiquinho, do time do Rio de Janeiro, marcar o primeiro gol da praça esportiva de João Pessoa. A bola balançou as redes quando o relógio marcava menos de um minuto de jogo. O placar de 2 a 0 foi definido por Nilson Dias.

Clássico Botauto

O clássico da capital registrou os primeiros gols de atletas da Paraíba no Almeidão. Augusto, do Auto Esporte, já falecido, cravou seu nome na história ao marcar o primeiro gol de um paraibano no estádio. Chico MATEMÁTICO, maior artilheiro da história do Botafogo-PB, marcou o segundo gol.

Os tentos ocorreram no primeiro Botauto que a praça esportiva recebeu. Segundo Chico, o placar do confronto inaugural foi 4 a 1 para o Belo. “Encontramos um ambiente bem diferente naquele dia. Antes, a

gente jogava no Estádio Leonardo da Silveira, conhecido como Campinho da Graça. Quando construíram o Almeidão, houve muita empolgação para ver os jogos lá. Nós éramos parados na rua por pessoas que perguntavam como era jogar num local maior”, contou o ex-atacante do Botafogo-PB.

Com 117 gols pelo Belo, Chico falou do orgulho de marcar o segundo gol da história do Almeidão e também de ser o primeiro atleta a marcar no estádio com a camisa alvinegra.

“Isso é muito importante para mim porque sempre eu estarei na história. Depois disso e de inúmeros jogos fazendo gols lá, eu me tornei o maior artilheiro do clube em todos os tempos. Então, é motivo de orgulho, de satisfação, porque até hoje eu levo isso comigo. Sou lembrado em quase todas as festas por conta desse fato”, ressaltou o ex-jogador.

Nome

Inicialmente chamado de Ernani Sátiro, poucos meses depois, o estádio de João Pessoa passou a se chamar José Américo de Almeida Filho. O nome homenageia um ex-jogador e ex-presidente do Botafogo-PB, que faleceu em um acidente de carro em 1973. O ex-atleta e ex-dirigente jogou o primeiro Botauto da história, em 1938.

Maior público

No dia 15 de novembro de 1998, o Almeidão recebeu o seu maior público já registrado. Pelos dados oficiais, 44.268 pessoas viram o Botafogo-PB levar a taça do Campeonato Paraibano daquele ano após vencer o Campinense por 2 a 0. Atualmente, o estádio comporta 25.770 torcedores.

Durante sua existência, a praça passou por pequenas reformas estruturais. Neste ano, a novidade é que será instalada iluminação de LED. A tecnologia encontrada nas

principais arenas do Brasil e do mundo chegará ao icônico espaço do torcedor pessoense.

O Almeidão já recebeu um amistoso da Seleção Brasileira, no ano de 1989. O confronto contra a Iugoslávia terminou empatado sem gols. A partida, que fazia parte da preparação para a Copa do Mundo do ano seguinte, contou com 27.604 pessoas presentes. Atualmente, a praça esportiva comporta jogos do Campeonato Paraibano, Copa do Nordeste, Copa do Brasil e Série C do Campeonato Brasileiro.

Amigão

A data de ontem, 8 de março, marcou o aniversário de um dos maiores palcos esportivos do estado da Paraíba, o Estádio Governador Ernani Sátiro, o Amigão. O Colosso da Borborema, apelido dado pelo radialista Joselito Lucena, foi inaugurado com uma partida entre o Campinense e o Botafogo carioca, que era comandado pelo treinador Mário Jorge Lobo Zagallo. O duelo contou com 22 mil espectadores e acabou empatado em 0 a 0.

O primeiro gol registrado na história do Amigão aconteceu no dia 16 de março de 1975, durante o primeiro Clássico dos Maiorais disputado no estádio. A marca histórica de primeiro jogador profissional a marcar um gol na praça esportiva coube ao atacante Pedrinho Cangula, pai do ex-meio-campista Marcelinho Paraíba. Pedrinho atuava pelo Campinense. O confronto terminou empatado em 1 a 1.

O maior público do Amigão foi registrado num jogo entre Treze e Flamengo. Ao todo, 42 mil pessoas acompanharam a vitória do Rubro-Negro por 3 a 1, em 7 de fevereiro de 1982. O estádio também recebeu a Seleção Brasileira, num jogo amistoso contra a Seleção Uruguaia, em que o Brasil perdeu de virada por 2 a 1. Pouco mais de 13 mil torcedores estiveram presentes.

Jogos épicos marcaram a história do Amigão, como as duas finais da Copa do Nordeste: a primeira vencida pelo Campinense, em 2013, ao fazer 2 a 0 sobre o ASA; e a segunda em 2016, quando a mesma Raposa empatou em 1 a 1 com o Santa Cruz, mas perdeu o título. Outro jogo histórico aconteceu em 2005, quando o Treze chegou até as quartas de final da Copa do Brasil, sendo eliminado nas penalidades pelo Fluminense, por 9 a 8. No primeiro jogo, no Rio, o Galo perdeu por 1 a 0, mas venceu no Amigão pelo mesmo placar.



Foto: Arquivo A União

O governador Ernani Sátiro dá o pontapé no jogo inaugural do Almeidão, no dia 9 de março de 1975

FÓRMULA 1

Leclerc se empolga com Hamilton

Monegasco se mostra entusiasmado com o heptacampeão e acredita no sucesso da equipe nesta temporada

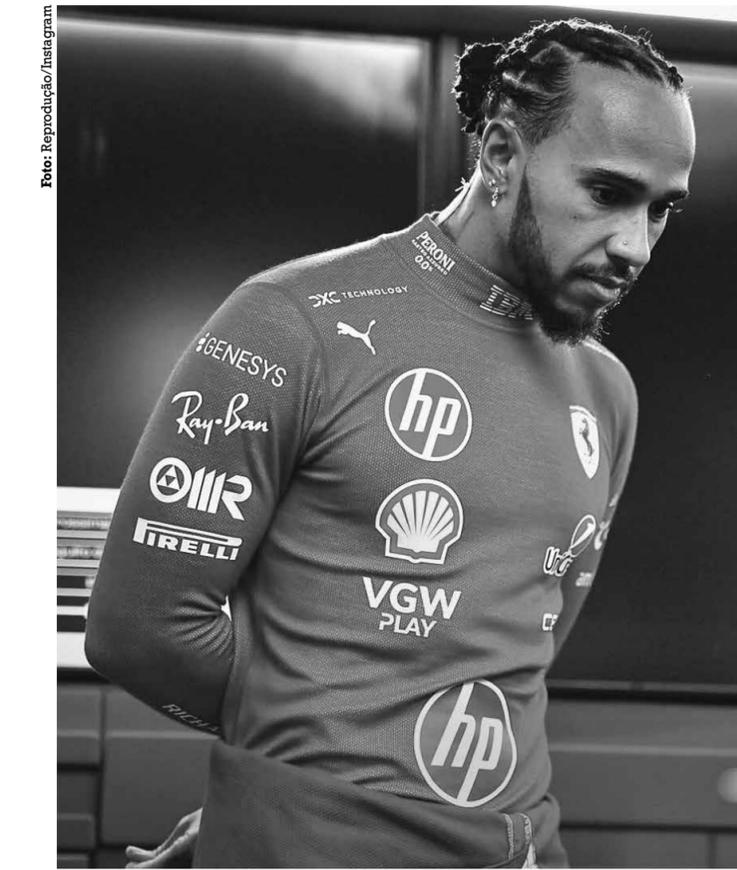
Agência Estado

Ainda é cedo, mas o começo de trabalho de Charles Leclerc e Lewis Hamilton na Ferrari causou enorme entusiasmo e já deixou os companheiros empolgados e confiantes por uma grande temporada na Fórmula 1. O monegasco se surpreendeu com as “semelhanças” entre ele e o heptacampeão inglês após a pré-temporada no Bahrein, e ambos andam trocando elogios antes da largada de 2025, no GP da Austrália, que acontece no próximo domingo (16).

Mesmo há alguns anos defendendo a Ferrari e já com grandes resultados na carreira (terminou em terceiro na edição passada), Leclerc não esconde que pode aprender com o novo companheiro e disse que Hamilton “será um fator positivo” para a escuderia italiana tentar acabar com o jejum de títulos — foi vice de construtores em 2024, mas de pilotos não leva desde 2007, com o finlandês Kimi Raikkonen.

“É muito legal ver como era para ele ter tanto sucesso em outras equipes e a maneira como costumava trabalhar, então aprendemos muito com isso”, falou Leclerc. “E foi muito emocionante ver o quão feliz e animado ele está com tudo isso para avançarmos na mesma direção”.

O piloto de 27 anos ain-



Leclerc (D) não esconde que pode aprender bastante com Lewis Hamilton (E), sendo um fator positivo na busca da equipe por um título mundial

da comemorou ter um estilo parecido com o do inglês, o que pode desequilibrar na temporada para o bem da Ferrari. “Fiquei surpreso: nosso estilo de pilotagem é muito parecido. Nós dois gostamos de forçar bastante, especialmente nas entradas, e nisso somos bem parecidos”, afirmou, feliz por ter um parceiro semelhante.

“Isso é positivo porque

exige a mesma coisa do carro e, como equipe, é sempre uma coisa boa, pois, definitivamente, iremos na mesma direção”, seguiu. “Precisamos das mesmas coisas, então isso foi bom, e estamos trabalhando muito bem juntos”, avaliou.

Apesar de Hamilton ter chegado à Ferrari somente em janeiro, o entrosamento com o monegasco parece grande. Ao menos fora das pistas. “Passamos bastante tem-

po juntos desde o começo do ano, menos na pista, mais no estúdio para tirar fotos, o que não é a parte que mais gostamos, mas faz parte do trabalho. E, sim, estou ansioso para correr com ele e, espero, levar a Ferrari de volta ao topo”, mostrou confiança Leclerc. “Espero que comecemos o ano de uma forma mais positiva em comparação ao ano passado”.

Hamilton também retri-

buiu os elogios do novo companheiro com avaliação bastante positiva. “Charles é extremamente talentoso. Vê-lo trabalhar e observá-lo na garagem tem sido realmente ótimo”, enfatizou Hamilton. “Obviamente ele está aqui há muito tempo, então conhece bem o time. Ele fala italiano, está em casa e à vontade. Mas, como já tínhamos uma amizade antes, isso tornou muito mais fácil simplesmente

começar a trabalhar juntos”, revelou.

O inglês sofreu com a Mercedes na temporada passada, mas vislumbra grandes resultados, andando na frente ao lado de Leclerc. “Ele é incrivelmente talentoso, então vai ser muito rápido este ano. Estou ansioso para aprender o que puder com ele e apoiá-lo junto com a equipe para entregar os melhores resultados que pudermos”.

PAN-AMERICANO

Circuito de Judô acontece de 14 a 16 deste mês, na Arena Carioca

O Circuito Pan-Americano de Judô está pronto para desembarcar no Brasil. Nos dias 14, 15 e 16 de março, a Arena Carioca 1, no Rio de Janeiro, será palco da Copa Pan-Americana Júnior e do Open de Judô Rio 2025, reunindo judocas de diversas nacionalidades para confrontos de alto nível. Esse é o terceiro ano consecutivo que o Brasil recebe uma competição do calendário internacional de judô. Em 2023, Lauro de Freitas, na Bahia, sediou uma etapa de Open e Copa Cadete e Júnior que contou com a participação de mais de 300 atletas, entre eles judocas que integrariam, posteriormente, a equipe olímpica de Paris, como Da-

niel Cargnin, Natasha Ferreira e Michel Augusto.

Já em 2024, o Rio de Janeiro foi a casa do último Campeonato Pan-Americano e Oceania antes dos Jogos Olímpicos e contou com a presença das maiores estrelas do judô desses continentes, como as brasileiras Rafaela Silva, Beatriz Souza, Larissa Pimenta, entre outros, que protagonizaram disputas emocionantes com canadenses, cubanos e norte-americanos pelo título continental.

Os campeões de cada categoria no Open Pan-Americano do Rio vão receber a oportunidade de representar a Seleção Brasileira de judô em outra etapa de Open Continental, a ser



Rafaela Silva foi destaque no Pan-Americano de 2024

definida pela comissão técnica da Confederação Brasileira de Judô (CBJ).

Além disso, os medalhistas vão pontuar no ranking mundial da Federação Internacional de Judô. A medalha de ouro vale 100 pontos, a de prata, 70 pontos, e a de bronze, 50.

Copa Júnior

A Copa Pan-Americana Júnior do Rio faz parte do processo classificatório do judô para os Jogos Pan-Americanos Júnior, neste ano, em Assunção, no Paraguai, e vai distribuir pontos no ranking que determina os atletas aptos a participar da maior competição multiesportiva de base das Américas.

A etapa vai distribuir 200 pontos aos campeões de cada categoria, 120 aos vices e 80 aos medalhistas de bronze.

Após a competição no Rio, haverá mais uma etapa de Copa no Panamá e, por fim, o Campeonato Pan-Americano Júnior, valendo 500 pontos, que encerra o período de classificação.

O evento tem expectativa de receber mais de 200 atletas de diversas nações. Até o momento, estão inscritos no evento judocas de países como Brasil, Angola, Canadá, Chile, Cuba, Guatemala, França, Haiti, México, Paraguai, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

INDENIZAÇÃO

Daniel Alves está de volta às manchetes, processado pelo Pumas

Agência Estado

Daniel Alves foi processado pelo Pumas, último clube que defendeu na carreira, por suposta quebra de contrato após sua prisão, em janeiro de 2023. O time mexicano entrou com ação na Corte Arbitral do Esporte (CAS), alegando que o lateral violou cláusulas internas previstas em contrato, e pede a indenização da multa de US\$ 5 milhões (cerca de R\$ 28,75 milhões), prevista no acordo firmado em 2022, e o reembolso

so de US\$ 1,125 milhão (R\$ 6,5 milhões) referente a direitos de imagem. A audiência está marcada para 25 de março. Daniel Alves assinou com o Pumas em julho de 2022, com objetivo de estar atuando para continuar na lista de selecionáveis do técnico Tite para a Copa do Mundo do Catar. A rescisão do contrato se deu em janeiro de 2023, após a prisão preventiva do jogador, pela acusação de estupro em uma balada de Barcelona — da qual foi condenada a quatro anos e meio de prisão.

Esta é a segunda vez que o Pumas entra com processo contra Daniel Alves. No último ano, na Câmara de Resolução de Disputas da Fifa, o clube defendeu que a multa deveria ser paga já que, em um dos termos do contrato, ela é prevista nos casos em que ocorre uma rescisão por “escândalo público” — como foi o caso da prisão, então preventiva, do lateral, em janeiro de 2023.

Além disso, o clube defendeu, junto à Fifa, que o reembolso dos direitos de imagem

se justifica porque o Pumas não pôde explorar a figura do lateral no período em que ele esteve preso. A defesa de Daniel Alves argumentou que a Fifa não teria jurisdição para decidir sobre o caso, já que os contratos de direitos de imagem e de trabalho não estavam ligados — argumento rejeitado pela Câmara.

No entanto, a ação na CAS decorre da decisão da Câmara. Em abril de 2024, a Fifa rejeitou os dois pedidos do Pumas, mas definiu que Daniel Alves

deveria pagar US\$ 160 mil ao clube, valor referente aos salários entre janeiro e julho de 2023, quando se encerraria o contrato do lateral. No vínculo com o Pumas, Daniel recebia R\$ 25 mil por mês, em seu salário-base.

As multas, na visão da Fifa, não se aplicam porque não foi o caso de uma rescisão unilateral sem justa causa e, portanto, não se aplica a multa ao jogador. Além disso, a Câmara entendeu que o contrato de direito de imagem já não estava

em vigor após a rescisão contratual, em janeiro de 2023. No entanto, a decisão da Fifa deixou em aberto a possibilidade de o Pumas e/ou de Daniel Alves apelarem à CAS — o que será feito no próximo dia 25. O processo corre sob o código CAS 2024/A/10733.

O lateral, que nega a agressão e garante que a relação em dezembro de 2022 foi consensual, foi condenado a quatro anos e meio de prisão, mas foi solto em março do ano passado após pagar uma fiança.

INTERCONTINENTAL

Copa pode atrapalhar o Brasileirão

Título de brasileiro na Libertadores pode “bagunçar” o calendário e trazer uma grande dor de cabeça para a CBF

Agência Estado

A Fifa divulgou as datas dos jogos da Copa Intercontinental (antes chamado de Mundial de Clubes, disputado no fim do ano), confirmando que o calendário do futebol brasileiro pode ter problemas, caso uma equipe nacional vença a Copa Libertadores e se qualifique para a Intercontinental.

Em 2025, será disputado, entre 14 de junho e 13 de julho, um Mundial de Clubes em novo formato, com 32 clubes. Como quatro brasileiros estarão no torneio (Palmeiras, Flamengo, Fluminense e Botafogo), a CBF criou uma pausa no Campeonato Brasileiro no meio do ano e estendeu a competição nacional até o fim de dezembro.

Essa mudança, porém, pode criar outros problemas no calendário. Os últimos seis campeões da Libertadores foram do Brasil e, caso isso se repita em 2025, uma equipe nacional estreará na Copa Intercontinental em 10 de dezembro, no Dérbi das Américas, contra o campeão da Concacaf. As semifinais acontecem em 13 de dezembro e a final, em 17 de dezembro.

Essas datas coincidem com o período para o qual estão marcadas a 35ª, 36ª e 37ª rodada do Brasileirão. A última rodada está marcada para 21 de dezembro. A última Copa Intercontinental foi disputada no Catar, com o Botafogo, que foi campeão brasileiro e da Libertadores, sendo eliminado na primeira fase, pelo Pachuca.

Mundial de Clubes

O futebol feminino cresce



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

Botafogo e Atlético Mineiro disputam o Brasileiro e têm chances de brigar novamente por vaga na final da Copa Libertadores deste ano

ano a ano e a Fifa cumpre a promessa de valorizar cada vez mais a categoria. Na última quarta-feira (5), em reunião virtual do conselho da entidade com dirigentes de todo o mundo, ficou decidida a criação do mundial de Clubes Feminino a partir de 2028, além da realização anual da Copa das Campeãs, com previsão já para 2026.

As competições fazem parte da estratégia da Fifa na busca por um crescimento ainda maior do futebol feminino. O Mundial de Clu-

bes Feminino contará com 16 seleções, sendo cinco vagas diretas da Europa, duas da América do Sul, duas da África, duas da Ásia e duas da Concacaf. As outras três classificadas sairiam em partidas realizadas entre os classificados de cada confederação em uma fase preliminar.

“É um dia histórico para o futebol feminino, com a reunião do Conselho da Fifa e a criação da Copa das Campeãs e do Mundial de Clubes Feminino. A Fifa busca cada vez mais o fortalecimento

do futebol feminino em todo o mundo, e a CBF comunga com isso”, exaltou o presidente da entidade brasileira, Ednaldo Rodrigues, que integra o órgão executivo da entidade.

Na reunião, também ficou decidida a fórmula da disputa do Mundial de Clubes. Serão quatro grupos com quatro equipes, com as duas melhores se garantindo para as quartas de final. A competição seguirá em confrontos eliminatórios até a decisão e não terá disputa

de terceiro lugar. Ainda será decidido o país-sede da primeira edição.

A Fifa ainda anunciou a criação da Copa das Campeãs, que será anual, menos quando a temporada contar com o Mundial. Serão seis equipes na competição, com as vencedoras de cada continente. A edição inaugural será entre 28 de janeiro e 1º de fevereiro de 2026. Em 2027, acontece entre 27 e 31 de janeiro, e a edição de 2029, de 24 a 28 de janeiro. A equipe classificada pela Con-

mebol já entra na semifinal e disputa contra uma equipe da Concacaf a classificação para a final.

Copas de 2031 e 2035

Ficou decidido, ainda, que a Copa do Mundo de 2031 será disputada em países da África ou da Concacaf, enquanto, para a edição de 2035, os candidatos devem ser da Europa ou da África. As candidaturas já estão abertas, com o anúncio dos vencedores agendado para o 76º Congresso da Fifa, em 2026.

NATURALIZADOS

Oito brasileiros são convocados para defender os Emirados Árabes

Agência Estado

Nada menos do que oito jogadores nascidos no Brasil e naturalizados foram anunciados nesta semana para defender a seleção dos Emirados Árabes Unidos, nos próximos jogos das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2026. Os jogos acontecem em 20 de março, contra o Irã, e em 25 de março, contra a Coreia do Norte, ambos fora de casa.

Mas, afinal, quem são esses brasileiros que se tornaram emiradenses e brigam por uma vaga na Copa defendendo outras cores além do verde-amarelo? A maioria desses atletas é composta por jovens que deixaram o futebol nacional logo no início da carreira, em 2019 ou 2020, para atuar nos Emirados e sequer jogaram profissionalmente por aqui.

O zagueiro Lucas Pimenta, de 24 anos, por exemplo, saiu da base do Botafogo em 2020 para defender o Al-Wahda. O lateral-direito Marcus Meloni, também de 24 anos, saiu da base do Palmeiras em 2019 para o Sharjah. O lateral-esquerdo Jonatas Santos, de 23 anos, deixou a base do Fluminense em 2019 para o Hatta e

hoje joga no Al-Wasl. O volante Luan Pereira, de 24 anos, deixou o profissional do Avaí em 2020 para jogar no Sharjah. O atacante Bruno de Oliveira, de 23 anos,

saiu da base do Novorizontino em 2019 e desde então defende o Al-Jazira.

Os três outros brasileiros convocados têm mais rodagem no futebol. O meia Fábio

Lima, de 31 anos, foi das categorias de base do São Paulo, jogou no profissional do Vasco (em 2013) e do Atlético-GO e desde 2015 está no Al-Wasl.

O atacante Caio Canedo, de 34 anos, passou por inúmeros grandes clubes brasileiros (Botafogo, Figueirense, Internacional e Vitória) e desde 2015 está nos Emirados, onde hoje defende o Al-Wasl. E Caio Lucas, de 30 anos, jogou apenas no América de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, no Brasil, e em 2001 foi para o futebol japonês. Chegou a jogar no Benfica e, após idas e vindas em empréstimos do time português, está desde 2021 no Sharjah.

A Copa de 2026

A partir de 11 de junho de 2026, o mundo vai parar para acompanhar mais uma Copa do Mundo. Até a grande final, em 19 de julho, 103 partidas serão disputadas entre Canadá, Estados Unidos e México, no primeiro Mundial sediado por três países diferentes.

Além dessa novidade, a Copa de 2026 contará com um número ampliado de participantes. Serão 48 seleções: 16 da Europa, nove da África, oito da Ásia, seis da América do Sul, seis da América do Norte e Central (os três países-sede mais três equipes), uma da Oceania e duas classificadas de uma

repescagem mundial. Serão 12 grupos de quatro equipes, com os dois primeiros colocados e os oito melhores terceiros avançando de fase.

As Eliminatórias Asiáticas estão na segunda fase de grupos, onde 18 equipes se dividiram em três chaves de seis seleções cada uma. As duas primeiras seleções de cada chave se classificarão à Copa. O terceiro e quarto colocados de cada grupo vão para uma nova fase, com dois grupos de três times, em que serão definidos os classificados para a repescagem mundial.

Com quatro rodadas a serem disputadas, o Grupo A tem Irã em primeiro (16 pontos), Usbequistão em segundo (13 pontos), Emirados Árabes Unidos em terceiro (10 pontos) e Catar em quarto (sete pontos). O Grupo B tem a Coreia do Sul em primeiro (14 pontos), o Iraque em segundo (11 pontos), a Jordânia em terceiro (nove pontos) e Omã em quarto (seis pontos). E o Grupo C tem o Japão em primeiro (16 pontos), a Austrália em segundo (sete pontos) e Indonésia, Arábia Saudita, Bahrein e China empatados com seis pontos. A última rodada acontece em 9 de junho deste ano.



Foto: Divulgação/Al-Wasl

O meia Fábio Lima, de 31 anos, foi revelado nas categorias de base do São Paulo

SERRA BRANCA X SOUSA

Começa a decisão por vaga na final

Primeiro jogo acontece neste domingo, no Amigão, às 16h

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

Serra Branca e Sousa iniciam, hoje, às 16h, no Amigão, a segunda semifinal do Campeonato Paraibano 2025. O confronto marca o encontro do primeiro e do quarto colocado da fase classificatória. No histórico recente, desde que o Carcará passou a usar a atual nomenclatura, ainda não conseguiu vencer o Dino: foram três jogos e três derrotas.

Com o apoio do seu torcedor, durante os dias que antecederam o jogo, a diretoria fez campanhas convocando a torcida. O time do Cariri espera surpreender a equipe de melhor campanha, aproveitando o mando de campo para levar uma boa vantagem para o duelo de volta.

Com duas semanas para trabalhar até o jogo de hoje, o técnico Roberto Maschio concedeu entrevista coletiva e falou sobre os cenários para os primeiros 90 minutos da semifinal.

“A força da nossa torcida vai ser fundamental. Reforço o convite para que venham para o Amigão e nos apoiem, nos ajudem com uma grande atmosfera. [...] Foram duas semanas muito importantes para refinar os detalhes para o jogo. Usamos muito bem esses dias de treinamento para lapidar alguns objetivos coletivos e individuais”, afirmou o treinador.

Na primeira fase, o Serra Branca somou 17 pontos em nove partidas. Ao todo, conquistou cinco vitórias, perdeu dois jogos e empatou outros dois. Além disso, o time do Cariri teve o melhor ataque, tendo marcado 21 gols. Com bons números ofensivos, Maschio comentou sobre os aspectos táticos que podem melhorar o seu time.

“A gente tem analisado muito a equipe do Sousa. Então, tivemos todo o cuidado para ser bem estratégicos nos nossos treinos, trabalhando muito em cima das qualidades do adversário. Também não esquecemos de qualificar

os nossos jogadores. Ajustamos alguns detalhes para alinhar bem o que vamos fazer defendendo e atacando”, disse.

Do lado do Sousa, mesmo tendo conquistado a melhor campanha da primeira fase, o time de Paulo Foiani chega para o primeiro jogo da semifinal em viés de baixa. Desde o fim da fase classificatória do Campeonato Paraibano, foi eliminado da Copa do Brasil e perdeu a quarta partida consecutiva na Copa do Nordeste, competição em que vive situação bastante complicada.

Para o jogo de hoje, Foiani busca reverter o mau momento apostando no retrospecto de sua equipe no Estadual e também no histórico contra o adversário. Desde 2023, quando o Carcará voltou à elite sob o comando dos atuais gestores, perdeu os três jogos que fez contra o Dino.

No Paraibano deste ano, o Sousa perdeu apenas uma partida, diante do Botafogo-PB, já na última rodada da primeira fase, quando atuou com time reserva. Nos oito jo-



Na fase de classificação, o Serra Branca jogou no Marizão e perdeu de 2 a 0 para o Sousa

gos anteriores, o clube conquistou seis vitórias e dois empates, tendo sido com folga dono da melhor defesa: sofreu apenas três gols. Assim, o confronto coloca frente a frente quem marcou mais gols e quem sofreu menos gols.

Último encontro

Na edição do Paraibano deste ano, Sousa e Serra Branca se enfrentaram, no Marizão, logo pela segunda rodada. Com um gol em cada tempo, o Dino venceu por 2 a 0. O primeiro gol dos do-

nos da casa foi marcado aos 26 minutos da etapa inicial, por Ian Augusto. Depois do intervalo, em cobrança de pênalti, aos 21 minutos, Diego Ceará marcou o segundo gol, dando números finais ao confronto

PAULISTA

Corinthians e Santos buscam a vaga na final da competição

Hoje, Corinthians e Santos se enfrentam para definir quem será o primeiro finalista do Paulistão 2025 de futebol masculino. De acordo com o regulamento do Paulistão, as semifinais são definidas em jogo único. O time que melhor pontuou na classificação geral tem o direito de ser o mandante da partida. Como foi o melhor time da primeira fase e venceu o seu jogo das quartas de final contra o Mirassol, o Corinthians sedia a partida contra o Santos na Neo Química Arena. O clássico colocará, mais uma vez, frente a frente Neymar e Memphis Depay, dois dos grandes craques que atuam no futebol brasileiro. Nesse mesmo estádio, mas na fase de grupos, o Timão levou a melhor: 2 a 1, com dois gols de Yuri Alberto; Guilherme diminuiu para os visitantes. Agora, é a vez de o Peixe tentar a sua revanche.

Neymar reencontrou o rival que dificultou sua vida durante a primeira passagem, de 2009, quando subiu aos profissionais, a 2013, quando deixou o Peixe rumo ao Barcelona.

Ao todo, o atacante fez 20 partidas contra o Corinthians, com seis vitórias, cinco empates e nove derrotas, um aproveitamento de 38,3%. Para efeito de comparação em relação aos outros rivais do estado, o craque santista teve 41% de média contra o Palmeiras e 66% diante do São Paulo.

O desempenho individual do atacante contra o Timão também não é dos melhores, comparando com outros rivais de sua carreira. Ele marcou apenas quatro gols nos 20 jogos, com o mesmo número de assistências, totalizando oito participações em gols do Santos diante do Corinthians.

Contra o Palmeiras, por exemplo, foram 12 participa-

ções em 12 jogos, enquanto, diante do São Paulo, os números são ainda melhores: 14 participações em 11 jogos, passando da média de uma por jogo.

No confronto de hoje, uma vitória simples dará ao ganhador uma vaga na final do Paulistão 2025. Empate no tempo normal leva a disputa para as penalidades.

Quem vencer o duelo entre Corinthians e Santos encarará o vencedor da partida entre Palmeiras e São Paulo,

que acontecerá amanhã, no Allianz Parque, a partir das 21h35.

O jogo terá a transmissão vivo pela TV Record e Cazé-TV.

Prováveis escalações

Corinthians: Hugo Souza; Matheuzinho, André Ramalho, João Pedro e Matheus Bidu; Breno Bidon, José Martínez, Carrillo e Rodrigo Garro; Memphis Depay e Yuri Alberto. Técnico: Ramón Díaz.

Santos: Gabriel Brazão; Chermont, Gil, Zé Ivaldo e Escobar; João Schmidt, Gabriel Bontempo e Neymar; Soteldo, Tiquinho Soares e Guilherme. Técnico: Pedro Caixinha.

Volta Redonda x Fluminense

Após vencer o Caxias por 2 a 1 e, consequentemente, avançar à terceira fase da Copa do Brasil, o Fluminense volta à campo hoje, às 18h (de Brasília), no Estádio Raulino Oliveira, para encarar o Vol-

ta Redonda, no duelo de volta válido pela semifinal do Campeonato Carioca.

Na partida de ida, o Tricolor venceu por 4 a 0. Sendo assim, o time de guerreiros pode perder por até três gols de diferença para avançar à final. Caso a equipe da Cidade do Aço devolva a goleada com o mesmo saldo de gols, ficará com a vaga. O duelo decisivo entre Volta Redonda e Fluminense será mostrado pela Band e pelo Premiere. Outros

importantes jogos pelas semifinais de outros estaduais acontecem neste domingo na Bahia, Pernambuco, Ceará, Goiás, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e também em Santa Catarina.

Jogos de hoje

BAIANO

18h

Jacuipense x Bahia

CARIOCA

18h

Volta Redonda x Fluminense

CATARINENSE

17h

Chapecoense x Joinville

CEARENSE

17h

Ceará x Maracanã

GOIANO

17h

Goiás x Vila Nova

PARAENSE

10h

Castanhal x Tuna Luso

PARAIBANO

16h

Serra Branca x Sousa

PAULISTA

18h30

Corinthians x Santos

PERNAMBUCANO

17h

Retrô x Maguary

PIAUIENSE

16h30

Fluminense-PI x Altos

Parnahyba x Piauí

POTIGUAR

16h

Santa Cruz-RN x América-RN

SERGIPANO

15h30

América-SE x Itabaiana



Na primeira fase do Paulistão, já com Neymar de volta ao Santos, o Corinthians conseguiu vencer o jogo por 2 a 1

ACERVO HISTÓRICO

Museu do Índio abriga coleção artística do povo Mundurucu

Criada há quase 30 anos, exposição permanente com cerca de 1.200 peças está sediada no Convento Ipuarana, localizado no município de Lagoa Seca, no Agreste paraibano

Maria Beatriz Oliveira
 obeatriz394@gmail.com

Cerca de 1.200 peças compõem, atualmente, o acervo do Museu do Índio, em Lagoa Seca, no Agreste paraibano. Sediado dentro do Convento Ipuarana desde 1996, a coleção artística é composta, principalmente, de itens dos Mundurucu, grupo indígena que habitava o leste do estado do Amazonas.

As peças são provas não somente dos hábitos e da cultura desta etnia, mas também contam a história do processo de territorialização, entre os anos de 1906 e 1964, realizada pelos missionários franciscanos.

Segundo o frei Joanan Marques, pesquisador e especialista em História Indígena, o acervo que compõe o Museu do Índio começou como uma coleção pessoal, reunida por religiosos na Região Norte, em especial do estado do Pará, que “coletaram materiais oriundos de diferentes grupos étnicos, cujo contato se deu por meio da ação pastoral e das expedições realizadas pelos frades alemães Marcelo Gercken, Protásio Frikel e Thomas Kockmeyer, desde a década de 1940”, explicou ele.

Protásio Frikel, após 50 anos de trabalho junto aos indígenas na missão Tiriyó, na região de Santarém, no Pará, retornou ao convento, onde, hoje, aos 92 anos de idade, tem dificuldades de se comunicar em português.

Anésio Gomes, frei mais antigo no local, lembra que, quando chegou ao Convento Ipuarana, os frades já haviam partido para o norte do país. “Cheguei aqui em 1950, ainda adolescente, e já tínhamos inúmeras caixas de objetos enviados por eles. No início, deixávamos em um depósito, mas depois decidimos utilizar uma antiga capela para montar a exposição”, contou.

Dentre os expedicionários, foi o alemão Thomas Kockmeyer quem demonstrou o maior fascínio pela cultura dos povos com que estava em contato. No seu relato de viagem, intitulado *Die expedition zu den Tiriyó-indianer* (“A expedição aos indígenas Tiriyó”, em tradução livre), o religioso ressaltou o fascínio pela fauna e flora amazônica, principalmente quando comparadas com os tipos de espécies existentes na Alemanha. Por essa razão, foram coletados elementos culturais dos povos, sobretudo, dos Mundurucu e dos povos Caribe.

Outra justificativa para a formação da coleção de Kockmeyer é que, antes de se dedicar às expedições religiosas, o frei era prefeito do Colégio Seráfico Franciscano, no Convento Ipuarana, e, assim, precisava enviar

material etnográfico para que os alunos tivessem contato com as informações disponíveis sobre os indígenas amazônicos.

Além dos artefatos indígenas, o museu também expõe algumas fotografias feitas durante as expedições religiosas dos alemães. Em um dos registros, é possível ver Thomas Kockmeyer celebrando uma missa para a aldeia Tiriyó, porém uma boa parte do acervo fotográfico apresenta deteriorações provenientes da ação de traças e cupins.

Discordância

Em seu artigo *O Museu do(s) Índio(s): a transplantação amazônica dos Mundurucu e povos Caribe para o Agreste paraibano*, escrito após uma visita a Lagoa Seca, em 2019, e publicado em 2024, Joanan Marques detalha que “a representação étnica no museu é bastante diversificada, abrigando obras de arte dos povos Mundurucu, Caipó, Kaiabi, Apiaká, Nambikwara e Pataxó, sendo este último a única representação do Nordeste. A família Caribe está representada nas obras Kaxuyana, Arara, Waiwai, Aparai, Parokotó e Tiriyó”.

Lanças, cestos de palha, pentes, cocares, peles e crânios de animais, instrumentos musicais e canoas são apenas algumas das peças que contam a história dos povos nativos brasileiros e que estão presentes no museu. Há, inclusive, objetos que precisam de isolamento especial, como as pontas de lança banhadas em veneno curare, uma substância extraída de plantas que paralisa os músculos.

No entanto, na sua pesquisa, o historiador fez questão de expressar o ponto de vista crítico acerca da existência de um museu que resguarda a memória indígena, mas que está, ao mesmo tempo, intrinsecamente ligado a um passado arcaico. Logo na entrada, uma estátua de São Francisco de Assis recepciona os visitantes; no chão, escondido pelos arbustos, está a figura de um indígena.

“O acervo se manifesta como um mistério para

quem o visita, tanto pela falta de domínio cultural expresso na narrativa contada pelos membros do convento como devido à lacuna existente entre as peças e o cotidiano de seus proprietários originais”, apontou Joanan Marques. “Alguns objetos expostos foram retirados do cotidiano e trazem sinais de fumaça, gordura e cores desgastadas e que, por se encontrarem distantes de seus idealizadores, revelam pouco sentido para os visitantes. No Museu, os indígenas não têm evidenciada a sua história, muito pelo contrário, eles são apresentados como selvagens, bárbaros e desprovidos de civilização. Não há espaço no local para uma narrativa real do universo dos indígenas retratados”, resalta o especialista.

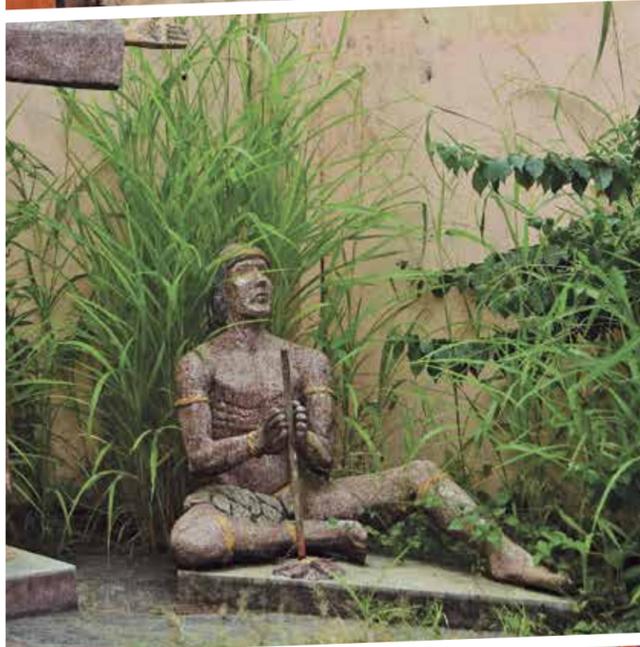
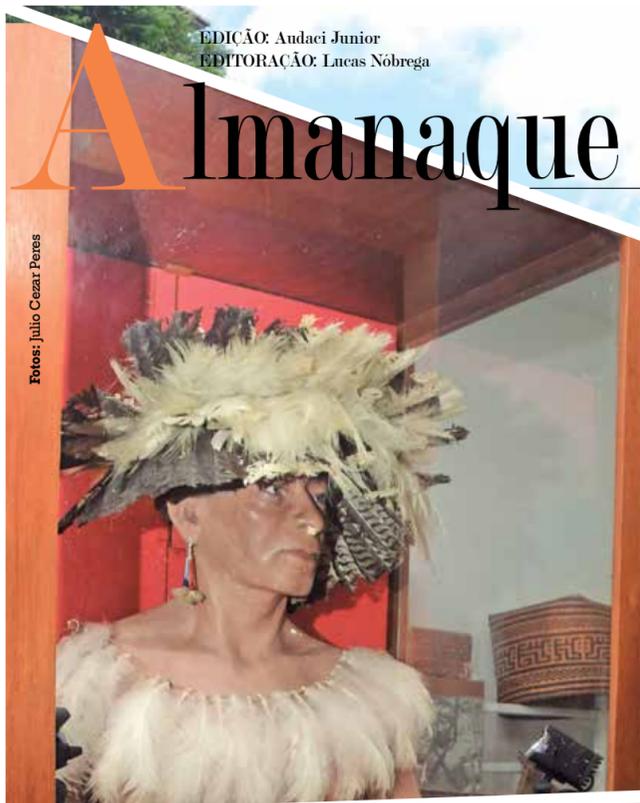
Apesar das errôneas interpretações do valor e da utilidade dos artefatos expostos no memorial, é inegável a sua importância histórica. No entanto, Joanan Marques pontuou que a preservação do acervo não tem sido a ideal. “Nas documentações, estão registradas 1.200 peças, mas muitas delas não existem mais devido a infestações de cupins. Todos os itens possuem valor histórico, então precisa haver uma melhor conservação”.

Percalços

Apesar das errôneas interpretações do valor e da utilidade dos artefatos expostos no memorial, é inegável a sua importância histórica. No entanto, Joanan Marques pontuou que a preservação do acervo não tem sido a ideal. “Nas documentações, estão registradas 1.200 peças, mas muitas delas não existem mais devido a infestações de cupins. Todos os itens possuem valor histórico, então precisa haver uma melhor conservação”.

As dificuldades de manutenção do Museu do Índio foram um dos principais motivos para ele ter sido fechado, em 2012, e só foi reaberto novamente cinco anos mais tarde, quando a Prefeitura de Lagoa Seca firmou uma parceria com o convento para, juntos, administrarem a coleção. Porém, após novos pleitos eleitorais, a parceria tornou-se desgastada e, atualmente, o monastério arca com as despesas da galeria.

Atualmente administrado pelo frei Artur Secundino, que está afastado do cargo devido a uma pneumonia, o Museu do Índio pode ser visitado por agendamento pela secretaria do Convento Ipuarana, pelo telefone (83) 3366-1204. As visitas podem ser realizadas de terça-feira a sexta-feira, no horário comercial. Uma taxa simbólica é cobrada aos visitantes e a quantia arrecada é direcionada para a Ordem Franciscana.



Alojada dentro do Convento Ipuarana (foto ao lado) desde 1996, a coleção artística é composta, principalmente, de itens dos Mundurucu, grupo indígena que habitava o leste do estado do Amazonas, além de outros povos; acervo começou como uma coleção pessoal, reunida por religiosos na Região Norte, em especial do estado do Pará; registros fotográficos, lanças, cestos de palha, pentes, cocares, peles de animais, instrumentos musicais e canoas são alguns dos itens da mostra





Eita!!!!

Terror, um gênero marginalizado

Neste ano, *A Substância* entrou para o seleto grupo de ser uma produção de terror que foi indicada na categoria de Melhor Filme no Oscar. Das cinco categorias indicadas (incluindo Melhor Atriz para Demi Moore e Melhor Diretora para Coralie Fargeat), o longa que mistura o humor, o grotesco e o horror corporal só levou a estatueta dourada como Melhor Maquiagem. Confira a seguir algumas produções que "furaram a bolha" e chamaram a atenção da Academia de Hollywood.

Nos anos 1970

O impacto de *O Exorcista* (1973) tornou o longa como o primeiro do gênero a ser indicado ao Oscar de Melhor Filme. Membros da academia fizeram campanha para não votarem na produção, dirigida por William Friedkin, baseada no romance homônimo de William Peter Blatty (que também adaptou). Concorreu em 10 categorias, o filme sobre uma garotinha (Linda Blair) possuída por uma entidade demoníaca venceu em duas: Melhor Roteiro Adaptado e Som. Apesar de colocarem como suspense, outro filme que mostra todo o terror da natureza é *Tubarão* (1975), do então jovem Steven Spielberg. O longa — que foi o protótipo dos filmes *blockbusters* — recebeu a indicação a Melhor Filme e foi indicado a outras três categorias: Melhor Montagem, Trilha Sonora e Som (levou os três prêmios).

Grande vencedor

Apesar de transitar pelo suspense e pelo policial, *O Silêncio dos Inocentes* (1991) é considerado um filme de terror por conta dos assassinos em série que estão na narrativa. A produção foi a única a ganhar como Melhor Filme, repetindo o feito de apenas dois filmes na história do Oscar — *Aconteceu Naquela Noite* (1935) e *Um Estranho no Ninho* (1976) —, que foi o de ganhar também nas outras quatro categorias principais (Melhor Diretor para Jonathan Demme; Atriz para Jodie Foster; Ator para Anthony Hopkins [foto acima]; e Roteiro Adaptado, baseado na obra homônima de Thomas Harris). A trama segue uma jovem estagiária do FBI (Foster) que está à caça de um *serial killer* (Ted Levine) de mulheres. Para isso, ela deve entrevistar o seu psiquiatra: o astuto Dr. Hannibal Lecter (Hopkins), que também é um assassino canibal.

Gente morta, dança e racismo

Escrito e dirigido por M. Night Shyamalan, a reviravolta e o cuidado narrativo de *O Sexto Sentido* (1999) resultaram na sua indicação a Melhor Filme, além de mais cinco indicações. O longa sobre o garoto (Haley Joel Osment) que vê os mortos saiu da cerimônia de mãos vazias. Já o *Cisne Negro* (2010) apostou no terror psicológico e foi indicado a Melhor Filme, além de quatro outras indicações (Natalie Portman venceu como Melhor Atriz). Por fim, *Corra!* (2017) estava na principal categoria do Oscar e em outras três, recebendo a estatueta de Melhor Roteiro Original para o diretor Jordan Peele, que aborda o racismo de maneira inteligente e provocativa, quando um fotógrafo negro (Daniel Kaluuya) vai conhecer a família da sua namorada branca (Allison Williams).

TECNOLOGIA

Apple rejeita o fim das iniciativas de inclusão

Empresa não vai acabar com as suas políticas de diversidade e equidade

João Pedro Adania
 Agência Estado

A tendência era clara: gigantes da tecnologia, como Meta e Amazon, acabaram com suas políticas de diversidade, equidade e inclusão (DEI). E acionistas externos da Apple queriam seguir o exemplo.

Para isso se concretizar, a proposta tinha que ser votada durante a reunião anual, que aconteceu no último dia 20. Na ocasião, o *board* votou contra o fim dessas políticas. Além disso, os investidores externos pediram que a Apple elaborasse um relatório para avaliar possíveis riscos relacionados ao uso da inteligência artificial (IA) em seus negócios. Essa proposta também foi rejeitada.

Investidores externos são aqueles que possuem ações, mas não fazem parte da administração da empresa.

O CEO Tim Cook e a própria companhia já haviam recomendado que os investidores votassem contra as propostas. Outra medida colocada em pauta foi a transparência sobre as decisões da gigante relacionadas a materiais de abuso sexual infantil e uma medida sobre práticas de doações filantrópicas.

Programas de diversidade e inclusão são um conjunto de medidas para fazer com que pessoas de todos os contextos — independentemente de etnia, classe, sexualidade e gênero — se sintam apoiadas e incluídas no local de trabalho.

Embora nunca tenha sido citado nominalmente, um investidor era respon-



CEO Tim Cook e a companhia já haviam recomendado aos investidores votar contra as propostas

sável pela proposta de acabar com as políticas DEI. O National Center for Public Policy Research (NCPFR) é um grupo conservador que usou seu direito de acionista para apresentar a proposta de interromper os programas.

Quando a proposta surgiu, o conselho da gigante afirmou que ela era "desnecessária, pois a Apple já possui um programa de conformidade bem estabelecido, e a proposta tenta, de maneira inadequada, restringir a capacidade da Apple de gerenciar suas operações empresariais ordinárias, equipes e estratégias de negócio".

No documento em que o voto contrário à proposta era sugerido, a liderança da empresa dizia que seguia a lei e que cumpria os regulamentos de não discriminação.

Os acionistas reelegeram o conselho de admi-

nistração da fabricante do iPhone, ratificaram o acordo com um escritório de contabilidade externo e aprovaram a remuneração dos executivos da empresa. No ano passado, Cook recebeu aumento salarial de 18%, que totaliza US\$ 74,6 milhões — divididos em US\$ 3 milhões de salário-base, US\$ 58,1 milhões em ações

e cerca de US\$ 13,5 milhões em compensações extras.

Como na maioria dos anos, os acionistas votaram alinhados às recomendações da Apple. A última vez que eles foram contra o conselho da gigante foi em 2022, quando aprovaram propostas relacionadas a cláusulas de sigilo em contratos de trabalho e auditorias de direitos civis.

Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: tom colorido (1) = cor + ponteiro dos antigos radioamadores (2) = dial. **Solução:** afável (3) = cordial.

Charada de hoje: a brincadeira eufórica (2), regada a banho de talco (2), me transformou num pano gasto (3).



Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



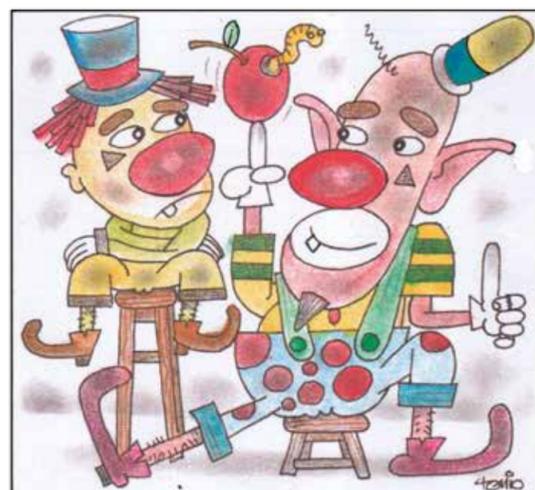
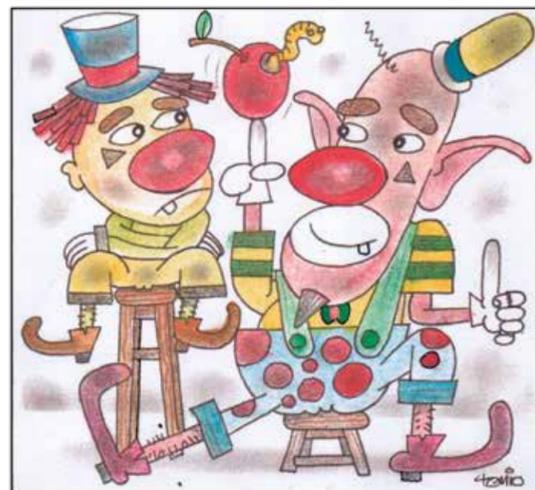
Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - folha da maçã; 2 - salto do sapato; 3 - cabelo; 4 - chapéu; 5 - bolhinha de calda; 6 - dente; 7 - perna do boneco; 8 - orelha; 9 - gola da camisa.